

ELO

Diálogos em Extensão

ISSN 2317-5451

Vol. 4 - Nº 2 - Dezembro/2015

Ano 2015



Universidade
Federal
de Viçosa

PEC PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO
E CULTURA



Universidade Federal de Viçosa

Universidade Federal de Viçosa

Reitora: Nilda de Fátima Ferreira Soares

Vice Reitor: João Carlos Cardoso Galvão

Pró Reitor de Extensão e Cultura: Clóvis Andrade Neves

Diretor de Extensão: Diogo Tourino de Sousa

Expediente

Editor: Dr. João Paulo Viana Leite (UFV)

Núcleo de Difusão de tecnologia

Geicimara Guimarães

Maria Aparecida Moreira da Silva Gonzaga

Patrícia Muratori de Lima e Silva Negrão

Conselho Editorial

Dra. Análida Rincón Patiño (UNC)

Dra. Celina Modena (FIOCRUZ)

Dr. Francisco Roberto Caporal (UFRPE)

Dr. Gumercindo Souza Lima (UFV)

Dr. João Frederico C. A. Meyer (IMECC/CDC-UNICAMP)

Dr. José Maria Gusman Ferraz (EMBRAPA)

Dr. Ney Sussumu Sakiyama (UFV)

Dr. Pedro Hespanha (Universidade de Coimbra)

Parecerista ad hoc

Adriana Ferreira de Faria - (UFV)

Adriana Rocha Bruno - (UFV)

Alba Pedreira Vieira - (UFV)

Aline Werneck Barbosa de Carvalho - (UFV)

Alisson Carraro Borges - (UFV)

Ana Luísa Borba Gediel - (UFV)

Ana Vlândia Bandeira Moreira - (UFV)

Andréa Kochhann Machado de Moraes - (UEG)

Andrea Pacheco Batista Borges - (UFV)

Ângelo Adriano Faria de Assis - (UFV)

Antônio Bento Mâncio - (UFV)

BIANCA APARECIDA COSTA - (UFV)

Cezar Luiz de Mari - (UFV)

Cláudia Lúcia de Oliveira Pinto - (EPAMIG)

Cristina Berger Fadel - (UEPG)

Daniel Arruda Coronel - (UFSC)

Davi Augusto Santana de Lelis - (UFV)

Edson Arlindo Silva - (UFV)

Edson Soares Fialho - (UFV)

Eduardo Simonini Lopes - (UFV)

Elisa Cristina Lopes - (UFV)

Erica Toledo de Mendonça - (UFV)

Ernane Corrêa Rabelo - (UFV)

Estevan Felipe Pizarro Munoz - (UFSC)

Esther Giacomini Silva - (UFV)

Evanize Kelli Siviero Romarco - (UFV)

Fran Francine Quinhones Bonatti - (UEMS)

France Maria Gontijo - (UFV)

Guilherme de Azambuja Pussieldi - (UFV)

Ilsa Cristina Cavalcante Barbosa

Janete Regina de Oliveira - (UFV)

Jaqueline Dias Pereira - (UFV)

João Marcos de Araújo - (UFV)

Jordana de Souza Morais - (UFV)

José Domingos Guimarães - (UFV)

Josélia Godoy Portugal - (UFV)

Juliana Carvalho Franco da Silveira - (UFV)

Junia Marise Matos de Sousa - (UFV)

Karla Denise Martins - (UFV)

Kátia Lourdes Fraga - (UFV)

Laene Mucci Daniel - (UFV)

Luciana Ferreira da Rocha Santana - (UFV)

Luis Humberto Castillo Estrada - (UENF)

Marcelo Leles Romarco de Oliveira - (UFV)

Maria de Fátima Lopes - (UFV)

Maria do Carmo Couto Teixeira - (UFV)

Maria Elizangela Ramos Junqueira - (UEB)

Maria Izabel Vieira Botelho - (UFV)

Mariana Ramalho Procópio Xavier - (UFV)

Marisa Barletto - (UFV)

Michele Nave Valadão - (UFV)

Nilson Aduino Guimarães da Silva - (UFV)

PABLO MURTA BAIÃO ALBINO - (UFV)

Paula Dias Bevilacqua - (UFV)

Paula Fernandes Furbino Bretas - (UFMG)

Patrícia Vargas Lopes de Araújo - (UFV)

Priscila Ribeiro Dorella - (UFV)

Rennan Lanna Martins Mafra - (UFV)

Rita de Cassia de Souza - (UFV)

Rogério de Paula Lana - (UFV)

Romilda de Souza Lima - (UEO Paraná)

Rosângela Branca do Carmo - (UFSJ)

Solange Pimentel Caldeira - (UFV)

Soraya Maria Ferreira Vieira - (UFJF)

Wagner da Cunha Siqueira - (I.F. do Mato Grosso)

Wanderley Cardoso de Oliveira - (UFSJ)

Wagner Martins Santana Sampaio - (UFV)

Revisora textual

Patrícia Muratori de Lima e Silva Negrão

Capa, programação visual e diagramação

Miro Saraiva

Foto da Capa

Aula de Verminose com o professor Ulysses Fabiano

Alves na Semana do Fazendeiro (Arquivo Central e

Histórico da UFV).

Impressão

Divisão Gráfica da Universidade Federal de Viçosa

Revista ELO Diálogos em Extensão

Universidade Federal de Viçosa

Pró Reitoria de Extensão e Cultura

Divisão de Extensão, sala 106

Avenida P.H. Hofks, s/n, Campus UFV

Viçosa-MG, CEP: 36.570-000.

Telefax: (31) 3899-2358

www.elo.ufv.br

E-mail: elo@ufv.br

Os conceitos, afirmações e pontos de vista apresentados nos artigos e relatos de experiência são de inteira responsabilidade de seus(as) autores(as) e não refletem, necessariamente, a opinião da Revista, de seu Conselho Editorial ou da Universidade Federal de Viçosa.

EDITORIAL

A comunicação entre os extensionistas, sobretudo daqueles atuantes em universidades, torna-se, no atual momento, de grande importância na medida em que são estabelecidas estratégias de fortalecimento da política de extensão universitária na formação do graduando nas IFES, como previsto no Plano Nacional de Educação.

Sintonizada com essa responsabilidade, a Revista ELO: Diálogos em Extensão, a partir da publicação do número 2 (volume 4), inaugura algumas alterações em curso do periódico, buscando aumentar a visibilidade, a agilidade no processo de publicação e o impacto de suas publicações por meio de indexações em bancos de dados. Nesse sentido, em 2015 a Revista passou a usar o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER/OJS). Uma das vantagens de se utilizar esse sistema é o fato de se tornar o processo de editoração do periódico totalmente automatizado, permitindo maior agilidade no processo de publicação desde a submissão inicial, passando pelo estágio de avaliação dos pareceristas até a publicação e disponibilização *on line* dos trabalhos, simplificando o tempo e aumentando a transparência desse processo. O SEER também permite aos autores a opção de busca e de recuperação do resumo e do texto completo em PDF, além de informar os leitores sobre as atualizações e novas edições da revista.

O presente número da ELO: Diálogos em Extensão reúne oito textos, sendo a primeira seção referente a artigos com três trabalhos e, posteriormente, cinco relatos de experiência. Os trabalhos publicados exaltam espaços universitários que, ao longo dos anos, têm proporcionado a realização de projetos envolvendo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O artigo “Discussão sobre a atuação das ITCPs na região sul do Brasil” trata-se de uma abordagem sobre a atuação das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) na região sul do Brasil por professores da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Cerro Largo*, RS. Essa análise faz-se importante, uma vez que, em várias universidades brasileiras, as ITCPs constituem espaço para a prática extensionista, possibilitando a aproximação de professores e estudantes com a sociedade.

Os Programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) também têm se constituído como outro importante espaço dentro das universidades para a articulação na dinâmica de extensão universitária com reflexões acerca da produção de conhecimento. Nesse campo, no artigo “Núcleo de educação de adultos: perspectivas e desafios”, os autores relatam o trabalho realizado dentro do Núcleo de Educação de Adultos (NEAD) da Universidade Federal de Viçosa com práticas de EJA.

O terceiro artigo “O revelar das vozes da boca da mata” apresenta um projeto, que emprega a metodologia de pesquisa-ação, realizado por extensionistas da Universidade Federal de Sergipe junto às famílias de seis assentamentos rurais localizados no município de Nossa Senhora da Glória, no estado de Sergipe, no campo de direito humano.

Como relatos de experiência, no trabalho intitulado “Engenharia Pública: da necessidade social e urbana à experiência de engenharia civil e arquitetura”, extensionistas do curso de engenharia da Universidade Federal de Viçosa atuam junto à comunidade buscando soluções economicamente e tecnicamente viáveis no campo da engenharia civil e arquitetura, fomentando a aprendizagem prática dos estudantes.

O relato “Ginasticando: parcerias e possibilidades da ginástica na comunidade”, descreve um projeto de extensão que leva ao ambiente escolar práticas de educação física, sendo essas adaptadas às demandas do município de Diamantina, MG.

Dois relatos referenciam a prática da literatura em projetos extensionistas, ambos são contribuições oriundas do estado Rio Grande do Sul. No primeiro intitulado “Literatura e extensão: processo essencial na formação de leitores”, as extensionistas relatam a prática de cursos de extensão na área de literatura, cursos esses que visam despertar e estimular a prática da leitura na comunidade. Em “Integração universidade-comunidade por meio da literatura”, é relatada a prática de extensão por meio do curso

Literatura: leituras e ensino com enfoque na produção literária contemporânea, compartilhando a experiência adquirida durante a preparação, realização e avaliação do curso.

Por fim, o relato “Uso de cupins (Isoptera: Insecta) como ferramenta no ensino de ciências e educação ambiental”, os extensionistas universitários participam de projeto junto às crianças do ensino fundamental mostrando a importância dos insetos para o meio ambiente a partir da discussão de aspectos relacionados aos cupins.

Esperamos assim, que possamos continuara contribuir com os próximos números do ano 2016 no sentido de divulgar os trabalhos de extensão universitária e agradecemos a todos os membros do comitê editorial, consultores *ad hoc* e autores, que têm contribuído para o avanço da melhoria da Revista e o seu fortalecimento no meio acadêmico. Convidamos também a todos os leitores da Revista para que enviem seus trabalhos.

Uma boa leitura a todos!

João Paulo Viana Leite

Editor

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

Elo : diálogos em extensão universitária. / Universidade
Federal de Viçosa. Pró-Reitoria de Extensão Universitária. –
vol.1, n.1 (dez/jul.) 2012- . – Viçosa, MG: Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura, 2012-
v. : il. ; 29 cm.

Semestral.

Publicação em português, inglês e espanhol.

ISSN 2317-191X

1. Extensão universitária - Periódicos. 2. Comunicação -
Periódicos. 3. Tecnologia - Periódicos. 4. Conhecimento e
aprendizagem - Periódicos. I. Universidade Federal de Viçosa.
Pró-Reitoria de Extensão Universitária.

CDD 22. ed. 378

Sumário

Artigos

Discussão sobre a Atuação das ITCPs na Região Sul do Brasil 1
Louise de Lira Roedel Botelho, Fernanda Elis dos Santos, Sandra Vidal Nogueira, Edemar Rotta

Núcleo de educação de adultos: perspectivas e desafios 13
Flávia de Castro Almeida, Amanda Daniela da Costa, Ana Paula Ramos Barbosa

O REVELAR DAS "VOZES DA BOCA DA MATA": a experiência da extensão universitária nos assentamentos de reforma agrária em Nossa Senhora da Glória- SE 24
Claudia Kathyuscia Bispo de Jesus

Relatos de Experiência

Engenharia Pública: da necessidade social e urbana à experiência de Engenharia Civil e Arquitetura 33
Pedro Paulo Mingote Martins, Priscilla Voss Ventorim, Daniely Camargos Lucarelli, José Maria Franco de Carvalho

"Ginasticando": parcerias e possibilidades da Ginástica na comunidade 38
Priscila Lopes

Integração universidade-comunidade por meio da literatura 43
Daiane Glaeser de Oliveira, Mairim Linck Piva

Literatura e extensão: processo essencial na formação de leitores 48
Cibele Hechel Colares da Costa, Fernanda Machado Johannsen, Mairim Link Piva

Uso de cupins (Isoptera: Insecta) como ferramenta no ensino de Ciências e Educação Ambiental 54
Lírio Cosme Junior, Luís Paulo Sant'ana, Conceição Aparecida dos Santos



Discussão sobre a Atuação das ITCPs na Região Sul do Brasil

Louise de Lira Roedel Botelho¹, Fernanda Elis dos Santos², Sandra Vidal Nogueira³, Edegar Rotta⁴

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo identificar algumas das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) na região sul do Brasil, fazendo uma rápida análise das suas atuações regionais. A metodologia adotada foi a pesquisa quantitativa e seguiu a sugestão de Merriam (1998) para amostragem em pesquisas quantitativas. Os dados foram extraídos do Mapeamento das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares da Região Sul do Brasil, realizado ao longo dos anos de 2014 e 2015 pela Incubadora Tecnossocial de Cooperativas e Empreendimentos Econômicos Solidários (ITCEES), da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Foram aplicados questionários fechados aos coordenadores das ITCPs, além da coleta de dados secundários extraídos de documentos, publicações, sítios na internet, entre outros. Espera-se que esse panorama apresente a real atuação das ITCPs ou, pelo menos, aproxime-se de suas atividades e desafios enfrentados.

Palavras-chave: Revisão Integrativa. Desafios Enfrentados. Empreendimentos Incubados.

Área Temática: Trabalho e teorias e metodologias em extensão.

Discussion on the Practice of ITCPs in Southern Brazil

Abstract: This study aimed to identify some of the Technological Incubators of Popular Cooperatives (ITCPs) in southern Brazil, making a quick analysis of their regional performances. The methodology used was quantitative research and followed the suggestion Merriam (1998) for sampling in quantitative research. Data were extracted from the mapping of technological Incubators of Popular Cooperatives of Southern Brazil, conducted over the years 2014 and 2015 by the Incubator Tecnossocial Cooperatives and Solidarity Economic Enterprises (ITCEES), the Federal University of South Border (UFFS). Closed questionnaires were given to coordinators ITCPs, as well as collecting secondary data extracted from documents, publications, websites, among others. It is expected that this situation presents a real performance of ITCPs or at least get close to their activities and challenges faced.

Keywords: Integrative Review. Facing challenges. Incubated Projects.

La discusión sobre la práctica de ITCP en el Sur de Brasil

Resumen: Este trabajo fue el objetivo identificar algunas de las Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) en el Sur de Brasil, haciendo un rápido análisis de sus actuaciones regionales. La metodología utilizada fue la investigación cuantitativa y siguió la sugerencia de Merriam (1998) para el muestreo en la investigación cuantitativa. Los datos fueron extraídos de lo Mapeamento de Incubadoras Tecnológicas de

¹ Doutora. Professora Adjunta II e pesquisadora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo/RS. Bolsista de Extensão no País CNPq - Nível B. Endereço: Rua Major Antônio Cardoso, 590 - Centro - Prédio do antigo Seminário São José - CEP 97900-000 - Cerro Largo/RS. Telefone: (55) 3359-3960. E-mail: louisebotelho@uffs.edu.br.

² Bacharela em Engenharia Ambiental pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo. Bolsista EXP-C do CNPq. Endereço: Rua Major Antônio Cardoso, 590 - Centro - Prédio do antigo Seminário São José - CEP 97900-000 - Cerro Largo/RS. Telefone: (55) 3359-3960. E-mail: ferelis90@hotmail.com.

³ Doutora. Professora Adjunta I da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo/RS. Endereço: Rua Major Antônio Cardoso, 590 - Centro - Prédio do antigo Seminário São José - CEP 97900-000 - Cerro Largo/RS. Telefone: (55) 3359-3960. E-mail: sandra.nogueira@uffs.edu.br.

⁴ Doutor. Professor do Quadro permanente do Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo/RS. Endereço: Rua Major Antônio Cardoso, 590 - Centro - Prédio do antigo Seminário São José - CEP 97900-000 - Cerro Largo/RS. Telefone: (55) 3359-3960. E-mail: erotta@uffs.edu.br.

Cooperativas Populares del sur de Brasil, retenida durante los años 2014 y 2015 por las Cooperativas Incubadora Tecnossocial y Empresas de Economía Solidária (ITCEES), de la Universidade Federal de Fronteira Sul (UFFS). Fueron aplicados cuestionarios a los coordinadores de las ITCP, más allá de la colección de datos secundarios extraídos de documentos, publicaciones, sitios de web, entre otros. Se espera que esta situación presenta un rendimiento real de ITCP o, al menos, acerca de sus actividades y desafíos que enfrentan.

Palabras clave: *Revisión integradora. Frente a los desafíos. Empresas incubadas.*

Introdução

A desigualdade social faz parte da realidade e da própria história do Brasil, assim como da humanidade. Segundo Zouain e Torres (2005), a pobreza adquiriu diferentes significados ao longo dos anos na sociedade brasileira e, entre as décadas de 1950-1960, foi reconhecida como uma questão social, oriunda da falta de oportunidades e do crescimento dos “subempregos”, elevando o número de pertencentes à classe de baixa renda. A partir da década de 1970, a pobreza se tornou um problema generalizado, muito pautado pela falta de emprego. Tudo isso leva à necessidade da adoção de estratégias de sobrevivência e à expansão da informalidade na economia.

Assim, com o avanço da globalização a partir da década de 90, o Estado precisou rever sua atuação frente a sua administração. Uma das respostas às mudanças sociais caminhou rumo a temática do desenvolvimento humano. Tudo isso voltado a discussão de questões como a educação. Na verdade, a educação tornou-se agente propulsor para uma transformação social por meio de práticas como o apoio às iniciativas de incubadoras de empreendimentos, oferecendo suporte a uma educação “voltada para a consolidação das ideias e da autonomia dos cidadãos” (ZOUAIN e TORRES, 2005).

As incubadoras sociais são instrumentos para assessorar empreendimentos advindos de projetos sociais. Podem ser consideradas um forte canal entre a universidade e a comunidade, ambas unidas, formulando ideias de empreendimentos sustentáveis a favor da comunidade, aliado ao conhecimento acadêmico, (BEZERRA, SILVA e CARVALHO, 2013).

Segundo Barbieri e Cajazeira (2009) apud Pimentel, Oliveira e Reinaldo (2012):

A contribuição das organizações ao desenvolvimento sustentável está centrada em três dimensões: a econômica, a social e a ambiental. Não há um abandono das demais dimensões da sustentabilidade, mas uma concentração no que é específico à atuação das organizações. Os autores concluem que uma organização sustentável é aquela que orienta suas atividades pelas dimensões da sustentabilidade que lhe são específicas e busca alcançar seus objetivos atendendo, simultaneamente, a equidade social, a prudência ecológica e a eficiência econômica (BARBIERI E CAJAZEIRA, 2009, apud PIMENTEL, OLIVEIRA E REINALDO, 2012).

As Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) tiveram inspiração no movimento em prol da cidadania contra a fome e a miséria, no qual professores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), sensibilizados com o contexto social da favela vizinha à instituição, identificaram que o principal fator da situação enfrentada, era o desemprego da referida população. Em vista disso, a Fiocruz, em parceria com a Universidade de Santa Maria/RS, fundou uma cooperativa de trabalho, Cooperativa de Manguinhos, formada pelos moradores da região, que prestavam serviços a própria Fiocruz. A partir dessa ação criou-se, em 1996, a primeira iniciativa de ITCP por intermédio da Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujo objetivo inicial foi estabelecer um contato com comunidades das favelas interessadas na formação de cooperativas de trabalho (SOUZA et al., 2003). Com essa iniciativa e sua repercussão, outros grupos, em outras universidades, buscaram informações e fontes para a construção de projetos similares e algumas universidades também iniciaram a construção de outras ITCPs.

Atualmente no Brasil, as ITCPs se encontram vinculadas a dois grandes grupos de articuladores, a Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede de ITCPs) e a Rede Unitrabalho (SOUZA et al., 2003). Essas redes, que apoiam as incubadoras de cooperativas populares e ajudam a desenvolver suas ações, visam possibilitar alternativas de trabalho e renda a indivíduos excluídos no mercado de trabalho.

Neste estudo, financiado pelo CNPq⁵ pretendeu-se identificar algumas das ITCPs da Região Sul do Brasil e conhecer suas atuações regionais, com o intuito de descrever as principais dificuldades e desafios que essas enfrentaram para exercerem seus papéis na sociedade. O trabalho está organizado em quatro seções, além desta introdução. A seção 2 apresenta a revisão bibliográfica; a seção 3 apresenta a metodologia quantitativa e a revisão bibliográfica integrativa; a seção 4 discute os resultados obtidos; e a seção 5 apresenta as considerações finais do trabalho.

Revisão Bibliográfica

Conhecer a definição de incubadora é essencial para determinar as características que a constituem e entender o seu papel na sociedade. Segundo Martins et al. (2005), “o termo incubadora significa um ambiente controlado para amparar a vida”. Se pensarmos na sua usual utilização, pode-se dizer que as incubadoras “são aparelhos destinados a manter temperatura constante e apropriada para o desenvolvimento de ovos e cultura de microrganismos ou de outras células vivas”, assim como nos hospitais, em que a incubadora é responsável por fornecer a um recém-nascido prematuro, um ambiente favorável ao seu desenvolvimento, até atingir as características adequadas para sobreviver. No contexto econômico, as incubadoras podem ser pensadas como nos exemplos acima, já que surgem como um instrumento de proteção e apoio às Micro e Pequenas Empresas.

Fonseca e Kruglianskas (2000) argumentam que a essência das incubadoras, está voltada para a impulsão de novos negócios. As incubadoras devem dispor de infraestrutura, disponibilizar treinamentos, recursos humanos, assessorias e consultorias com serviços especializados que auxiliem as empresas residentes em suas atividades, como elaboração de plano de negócios, gestão empresarial, gestão da inovação tecnológica, engenharia de produção, contabilidade, marketing, assistência jurídica, captação de recursos e acesso a mecanismos de financiamento (ANPROTEC/SEBRAE, 2002; EUROPEAN COMMISSION, 2002; HACKETT e DILTS, 2004; CELTA, 2007).

As Incubadoras, em geral, oferecem aos empreendedores em potencial um ambiente flexível e encorajador, com apoio em infraestrutura física (salas, laboratórios, auditórios, bibliotecas, etc.) e suporte empresarial nas diversas áreas (consultoria, capacitação, estratégia, marketing, finanças, tecnologia, jurídica, contábil, RH, entre outras) (MARTINS et al., 2005, p. 2).

Na literatura específica da área, as incubadoras possuem diferentes classificações e estruturas. De acordo a Anprotec (2015):

Existem diversos tipos de incubadoras: as de base tecnológica (abrigam empreendimentos que utilizam tecnologias); as tradicionais (dão suporte a empresas de setores tradicionais da economia); as mistas (aceitam tanto empreendimentos de base tecnológica, quanto de setores tradicionais) e as sociais (que têm como público-alvo cooperativas e associações populares) (ANPROTEC, 2015).

Segundo Souza et al. (2003):

O projeto das ITCPs foi inspirado pelo movimento em prol da cidadania contra a fome e a miséria, liderado por Betinho (1992), que lançou uma semente no pensamento solidário. A consciência de que a ação de distribuir alimentos teria que ser ampliada com iniciativas visando gerar trabalho e renda fez com que professores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em parceria com a Universidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, criassem uma cooperativa popular, formada por moradores da região da Maré - RJ, que pudesse prestar serviços para a própria Fiocruz, surgindo dessa forma a Cooperativa de Manguinhos. A experiência bem-sucedida de Manguinhos fez com que professores e alunos da Engenharia da UFRJ (Coppe - Coordenação de Programas de Pós-graduação da engenharia) decidissem criar, em 1995, a primeira iniciativa de uma Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, cujo objetivo inicial foi estabelecer um contato com comunidades das favelas interessadas na formação de cooperativas de trabalho (SOUZA et al., 2003).

A partir da análise de diferentes experiências, Jordan (1974) identificou que todas as formas de incubação se configuram como um sistema interligado, constituído de elementos (entidades) com interação e interdependência regular, formando um todo integral.

Durante a incubação o empreendimento incubado é acompanhado pela equipe multidisciplinar da incubadora, que trabalha no intuito de poder organizá-la gerencialmente e, com isso, melhorar suas chances de sucesso e permanência no mercado. O período é dividido em três fases: pré-incubação, incubação e desincubação.

(i) A pré-incubação é o período no qual ocorre o processo de formação e institucionalização da incubadora. É conhecida como processo inicial que permite suporte para as demais fases de incubação dos empreendimentos dentro de uma incubadora. A pré-incubação representa a fase de organização estrutural da equipe da incubadora e a construção dos objetivos presentes no processo formação do conhecimento necessário para o alcance do resultado final.

(ii) A incubação é tida como o período de tempo em que as incubadas receberão apoio da incubadora em diversas áreas do conhecimento, de modo a facilitar os processos produtivos de trabalho das mesmas. Pode ser denominada como a etapa que a equipe da incubadora realizará assistência, visando à construção de melhores chances para o seu sucesso e permanência do mercado (ANPROTEC, 2002). Durante a incubação são realizadas atividades visando o fomento de diversas áreas administrativas. Desse ponto, podem ser tratados pontos de estratégia importante, como o princípio de autogestão, modelo de gestão corriqueiro em empreendimentos solidários.

(iii) A desincubação atua no desligamento do grupo social do projeto de incubação. Isso poderá ser um processo lento e gradativo, pois os fatores que interferem nessa etapa do andamento da trajetória devem ser analisados de forma concreta, podendo gerar a visualização dos pontos fortes do empreendimento. Conforme destaca Dornelas (2002), o processo de desincubação começa após o término do período de consolidação e pode compreender um período de até seis meses, dependendo do grau de adesão da preparação para a “graduação e saída da incubadora”.

O mapeamento das incubadoras, presentes na região sul do Brasil, torna-se importante, para o reconhecimento das atividades desenvolvidas, bem como, a identificação dos modelos de incubação propostos por essas incubadoras. A ampliação do leque de conhecimentos, sobre as incubadoras é vista como uma clara oportunidade a ser explorada, com benefícios potenciais, tanto para os bancos de dados, como também, para as demais incubadoras presentes em outras regiões no país, garantindo assim, a melhor visualização das práticas que obtiveram sucesso e dos desafios enfrentados no âmbito organizacional (JAYO e DINIZ, 2013 apud BOTELHO et al., 2015).

Metodologia

A presente seção tem por objetivo apresentar os procedimentos metodológicos que guiaram esta investigação, construindo um panorama conceitual sobre a atuação das ITCPs na região sul do Brasil. Nesse sentido, apresenta-se a questão de pesquisa: Quais ITCPs são encontradas na Região Sul do Brasil, como se dá a sua atuação na região e quais as principais dificuldades enfrentadas pelas ITCPs e pelos empreendimentos incubados?

Segundo Morgan (2002), os estudos organizacionais podem pautar-se em quatro paradigmas: o funcionalista, o interpretativista, o humanista radial e o estruturalista radical. Quanto ao delineamento adotado no estudo, optou-se pela utilização do paradigma funcionalista, pois este se fundamenta no olhar objetivo da realidade pesquisada. Para Morgan (2002, p. 16), o paradigma funcionalista “se baseia na pressuposição de que a sociedade tem existência concreta e real e um caráter sistêmico orientado para produzir um estado de coisas ordenado e regulado”. Assim, as pesquisas orientadas pelo funcionalismo são reguladoras e práticas, visam a produção de conhecimento empírico útil, o que se aplica ao presente estudo.

A pesquisa é quantitativa e seguiu a sugestão de Merriam (1998) para amostragem em pesquisas quantitativas. A amostra precisou de um procedimento de seleção dos elementos ou grupo de elementos, de modo que dá a cada elemento uma probabilidade de inclusão (FULGENCIO, 2009).

Para estabelecer a amostra da pesquisa (Quadro 1), utilizou-se o recorte geográfico como forma de seleção de ITCPs, sendo escolhidos para análise os seguintes estados: Paraná (um investigado), Santa Catarina (três investigados) e Rio Grande do Sul (sete investigados). É importante definir previamente a área geográfica que o estudo deverá cobrir, pois isso trará impactos sobre a definição da amostra (YIN, 1999).

Quadro 1 - Relação das incubadoras mapeadas na Região Sul do Brasil

INCUBADORAS DA REGIÃO SUL DO BRASIL		
Incubadoras	Instituição de Ensino Vinculada	Estado
Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - ITCP	Universidade Federal do Paraná - UFPR	Paraná
Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares	Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul	Santa Catarina
Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares	Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI	Santa Catarina
Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - ITCP	Unochapecó	Santa Catarina
Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - ITCP UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	Rio Grande do Sul
ITECSOL - Incubadora de Tecnologia Social e Economia Solidária	Universidade Regional do Noroeste do UNIJUI	Rio Grande do Sul
Incubadora de Empreendimentos Solidários e Tecnologia Social do Rio Grande do Sul - PUCRS	Pontifícia Universidade Católica	Rio Grande do Sul
Incubadora de Empreendimentos Solidários do Unilasalle	Centro Universitário La Salle - Canoas	Rio Grande do Sul
Incubadora Tecnosocial de Cooperativas e Empreendimentos Econômicos Solidários - ITCEES da	Universidade Federal da Fronteira Sul <i>campus</i> Cerro Largo - UFFS	Rio Grande do Sul
Incubadora Social da UFSM	Universidade Federal de Santa Maria - UFSM	Rio Grande do Sul
Programa Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários - TECNOSOCIAIS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS	Rio Grande do Sul

Fonte: Elaborada pelos autores, 2015.

Em relação a estratégia de pesquisa, adotou-se o estudo de caso. Merriam (1998) argumenta que no estudo de caso o interesse está no processo e não nos resultados, como é o caso desta pesquisa. A autora expõe, ainda, que a importância desse procedimento está no contexto e não numa variável específica.

Com base na escolha dos investigados, iniciou-se a pesquisa de campo, tendo como ponto de partida contato, por telefone e e-mail com cada coordenador de ITCP investigada. Após esse contato, enviou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, junto do questionário, por e-mail para cada coordenador de ITCP. Todo esse processo foi realizado nos meses de maio, junho e julho de 2015.

O questionário enviado aos coordenadores das ITCPs é composto por questões fechadas e construído em três blocos temáticos, a fim de obedecer uma ordem lógica na elaboração das perguntas. São os blocos temáticos do questionário: (i) No que se refere ao perfil de atuação da incubadora; (ii) No que se refere ao processo de incubação; e (iii) No que se refere ao perfil dos empreendimentos incubados.

Os dados da pesquisa foram coletados a partir do questionário e de dados secundários (documentais) extraídos das ITCPs, como dos sites web, publicações, livros, documentos da Rede de ITCPs, entre outros.

Análise dos Dados

Os dados foram processados em uma Planilha Calc do *software* livre da LibreOffice.

Resultados e Discussão

Baseando-se nas respostas do questionário aplicado, nesta seção, apresenta-se um panorama das ITCPs entrevistadas, bem como, os principais problemas e ou desafios enfrentados por elas ao longo do tempo.

ITCP do Paraná

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR se caracteriza como um “programa de educação, extensão e pesquisa universitária, vinculado à Coordenadoria de Desenvolvimento Social – CDS, órgão subjacente à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEC/UFPR”. Possui uma equipe composta de trinta e duas pessoas, entre bolsistas e professores, com três empreendimentos incubados, atuante desde 1998. Os empreendimentos possuem poucas informações disponíveis sobre o mercado local, assim o apoio gerencial prestado pela incubadora torna-se importante para o gestor desenvolver o empreendimento. Também, os empreendimentos possuem muita dificuldade em obter mão de obra qualificada e acessível economicamente, em conseguir financiamentos, em desenvolver novos produtos e vendê-los, além do mercado local possuir baixa viabilidade econômica. Atua em comunidades e empreendimentos com princípios voltados à cooperação, associativismo e economia solidária, focando em comunidades rurais (ITCP – UFPR, 2015).

ITCPs de Santa Catarina

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unisul é um programa que funciona há quatorze meses e possui uma equipe com sete integrantes, formada por bolsistas e professores. A incubadora social abriga mais de seis empreendimentos, que apresentam dificuldades para conseguir mão de obra qualificada a custo adequado, obter financiamentos e desenvolver novos produtos. Atua como um programa que socializa o conhecimento acadêmico com a realidade local e regional, visando “apoiar, auxiliar e assessorar iniciativas de economia solidária, por meio do fomento de cooperativismo e autogestão dos grupos organizados, articulando com a gestão pública estratégias e ações voltadas a inclusão social” (ITCP – UNISUL, 2015).

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Univali é um Programa Permanente de Extensão Universitária, vinculada à reitoria de pós-graduação de pesquisa, extensão e cultura, que possui sete anos de existência, tem quinze integrantes (bolsistas e professores) e incuba mais de seis empreendimentos. A maior dificuldade enfrentada pelos empreendimentos é conseguir financiamento, necessitando de toda ajuda que a incubadora puder ofertar. Não apresentam nenhuma dificuldade em encontrar mão de obra qualificada e em conta. Atua visando “promover a inserção na economia formal de grupos sociais excluídos ou em processo de exclusão, a partir da organização para o trabalho, através da incubação e acompanhamento de empreendimentos de economia solidária” (ITCP – UNIVALI, 2015).

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unochapecó é um projeto vinculado à Vice-reitoria de Pesquisa, Ensino e Extensão, possui doze anos de funcionamento e conta com uma equipe de dez pessoas, dividida em professores, técnicos, bolsistas de graduação, pós e voluntários. Incuba mais de seis empreendimentos que não possuem informações suficientes sobre o mercado local, a fim de melhorar o seu gerenciamento. Os empreendimentos encontram mais dificuldade em obterem financiamento e venderem seus produtos, além do mercado local apresentar baixa viabilidade econômica. Atua com o objetivo de “contribuir para o cumprimento da função social da universidade, compreendida enquanto produção e difusão de conhecimento voltado às demandas da sociedade, prioritariamente de grupos sociais excluídos” (ITCP – UNOCHAPECÓ, 2015).

ITCPs do Rio Grande do Sul

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFRGS nasce como Núcleo de Economia Solidária ligada às atividades de extensão da UFRGS. É uma incubadora tecnológica com quinze anos de funcionamento e que, atualmente, conta com dezesseis integrantes, divididos em bolsistas e professores. Incuba mais de seis empreendimentos, que possuem dificuldade para conseguir financiamento e custear mão de obra qualificada para efetuar seus serviços, assim como para desenvolver e vender novos produtos, além do mercado local apresentar baixa viabilidade econômica. Atua no “diagnóstico, estudo de viabilidade financeira, planejamento estratégico, assessoria contábil, formação de preços, design, comunicação, legislação e formação permanente em economia solidária” (ITCP – UFRGS, 2015).

A ITECSOL/UNIJUÍ além de ser uma unidade administrativa ligada a Agência de Inovação e Tecnologia da Unijuí, é um projeto de extensão com características interdisciplinar e interdepartamental,

que conta com dez anos de funcionamento. Sua equipe, atualmente, é composta de dezessete integrantes (bolsistas e professores), incubando mais de seis empreendimentos, que possuem maior dificuldade em obter financiamento e desenvolver novos produtos, afetando seu bom e contínuo funcionamento. “Atua no sentido de contribuir na implementação de condições para a organização dos trabalhadores, em processos coletivos de geração de trabalho e renda, tendo como referência o movimento de economia solidária” (ITECSOL – UNIJUÍ, 2015).

A Incubadora de Empreendimentos Solidários e Tecnologia Social da PUCRS se configura como programa de extensão da universidade, vinculada a Pró-Reitoria de Extensão. Tem três anos de funcionamento, conta com uma equipe de dez pessoas, divididos entre alunos bolsistas e técnicos, e incuba mais seis empreendimentos, visando fortalecer formas associativas econômicas solidárias para qualificação dos seus processos produtivos identificando e aprimorando tecnologias sociais, utilizadas com vistas ao desenvolvimento sustentável regional (INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS E TECNOLOGIA SOCIAL – PUCRS, 2015). No geral, os empreendimentos não possuem informações suficientes sobre o mercado local, apresentam muita dificuldade em desenvolver e vender seus produtos, obter financiamento, mão de obra qualificada e o mercado local apresenta baixa viabilidade econômica.

A Incubadora de Empreendimentos Solidários da UNILASALLE Canoas foi constituída há sete anos com o objetivo de contribuir para a consolidação de empreendimentos de economia solidária bem como redes de cooperação no município de Canoas e região, na perspectiva de construir tecnologias sociais apropriadas para fortalecer a capacidade empreendedora e a dinâmica solidária, potencializando sua atuação sustentável e autogestionária nos territórios onde atuam. É um “projeto dentro do Tecnosocial Unilasalle, essa estrutura envolve outros projetos que visam o desenvolvimento dos territórios, o fortalecimento da economia solidária, bem como outras ações da esfera pública” (INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS – UNILASALLE CANOAS, 2015). Conta com uma equipe de sete pessoas, formada por bolsistas e professores e incuba mais de seis empreendimentos, que sentem dificuldade em obter informações sobre o mercado local, em conseguir financiamento, desenvolver novos produtos e vendê-los, principalmente logo que chegam na incubadora.

A ITCEES da UFFS é um laboratório, vinculado ao Campus Cerro Largo (RS) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), que desenvolve atividades de pesquisa e extensão voltadas para o estímulo de iniciativas de economia solidária. Foi fundada há um ano e oito meses e conta com uma equipe de quatorze pessoas, divididas entre bolsistas e professores. Incuba dois empreendimentos, que enfrentam maiores dificuldades em obter informações sobre o mercado local, a fim de comercializarem seus produtos. As ações da ITCEES estão voltadas para trabalhadores desempregados ou inseridos nas informalidades localizadas geograficamente na região de abrangência do *Campus de Cerro Largo*, sendo: Missões, Celeiro, Noroeste Colonial e Fronteira Noroeste. Sua atuação está pautada no atendimento prioritário de demandas oriundas de associações de bairros, sindicatos, cooperativas de trabalhadores, escolas públicas e demais formas de organizações sociais representativas da sociedade civil.

A Incubadora Social da UFSM afirma-se como um programa de extensão universitária de relevância social, por meio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade. É composta por uma equipe de quatro integrantes, entre bolsistas e professores, com três anos de funcionamento. Estão incubados cinco empreendimentos voltados a agricultura familiar e ao artesanato, que têm dificuldade em conseguirem mão de obra qualificada com custo acessível e financiamentos; desenvolverem novos produtos e vendê-los; e, ainda, o mercado local possui baixa viabilidade econômica. Atua no desenvolvimento regional, apoiando novos empreendedores, de forma comprometida com a realidade social (ITSM – UFSM, 2015).

O TECNOSOCIAIS da UNISINOS é um programa que possui dez anos de funcionamento como incubadora tecnossocial. Conta com quatro integrantes, divididos em bolsistas e técnicos. Incuba três empreendimentos ligados à economia solidária, cooperativismo e reciclagem. Atua voltando-se às:

“[...] definições estratégicas da Universidade no que diz respeito à inserção regional – dado que possibilita a contribuição da UNISINOS na construção de espaços produtivos construídos na perspectiva do desenvolvimento humano e sustentável –, bem como do ponto de vista da produção interdisciplinar de conhecimentos, que é da própria natureza do trabalho proposto” (TECNOSOCIAIS UNISINOS, 2015).

Panorama Geral das ITCPs

No quadro abaixo, temos a relação de cada uma das ITCPs entrevistadas, das áreas de atuação dos empreendimentos incubados e das etapas de incubação realizadas pelas ITCPs. Pode-se notar a similaridade entre as atividades desenvolvidas pelos incubados e como ela aumenta dentro de cada estado analisado. Deve-se levar em conta a região onde estão inseridas essas ITCPs e sua área de abrangência, pois é determinante no tipo de empreendimento e sua área de atuação. Segundo Fraga (2012), as incubadoras, geralmente, atuam a partir da universidade, gerando aprendizagem e fica evidente como a maioria delas vêm de contexto acadêmico. Assim, sua ação é mais que prestar assistência aos empreendimentos, é também inovar, fazendo as regiões de abrangência das ITCPs ousarem com novas atividades, novos serviços e novas formas de operação, produzindo novos conhecimentos.

Quadro 2 - Relação das incubadoras mapeadas na Região Sul do Brasil e área de atuação

INCUBADORA	ÁREA DE ATUAÇÃO DOS INCUBADOS	ETAPAS DE INCUBAÇÃO
Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - ITCP/UFPR	Agricultura Familiar; Artesanato; Turismo de Base Comunitária.	Ações de pré-incubação; Incubação; Avaliação continuada.
Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - Unisul	Agricultura Familiar; Artesanato.	Incubação; Desincubação.
Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - UNIVALI	Agricultura Familiar; Artesanato; Associação de catadores; Fórum litorâneo de economia solidária.	Incubação; Desincubação.
Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - ITCP/Unochapecó	Agricultura Familiar; Artesanato; Outros.	Pré-incubação; Incubação; Desincubação.
Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - ITCP UFRGS	Agricultura Familiar; Artesanato; Rede Associação de Produtores Contraponto.	Pré-incubação; Incubação; Desincubação.
ITECSOL - Incubadora de Tecnologia Social e Economia Solidária	Agricultura Familiar; Artesanato; Catadores de materiais recicláveis.	Pré-incubação; Incubação; Desincubação.
Incubadora de Empreendimentos Solidários e Tecnologia Social da PUCRS	Reciclagem; Prestação de Serviços.	Incubação. penas uma dúvida: É uma citação direta? Se for, a
Incubadora de Empreendimentos Solidários do Unilasalle	Artesanato; Catadores.	Incubação; Desincubação.
Incubadora Tecnossocial de Cooperativas e Empreendimentos Econômicos Solidários - ITCEES	Agricultura Familiar; Artesanato.	Ações de pré-incubagem; Incubação.
Incubadora Social da UFSM	Agricultura Familiar; Artesanato.	Pré-incubação; Incubação; pena, Pós-incubação.
Programa Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários - TECNOSOCIAIS/UNISINOS	Reciclagem.	Incubação; Desincubação.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2015.

Sabe-se que muito foi feito nos últimos anos, em relação ao incentivo do governo federal na criação de políticas públicas voltadas às ITCPs. É possível associar a idade das incubadoras com a criação do Proninc (Programa Nacional de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares), fundado em 1998 e revivido em 2003, por meio da Senaes, peça chave no desenvolvimento das ITCPs.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) surgiu em 2003, num momento em que a economia solidária estava entrando numa fase de crescente reconhecimento público e incipiente institucionalização. Ela havia começado a tomar corpo na primeira metade dos anos 1990, com a multiplicação das empresas recuperadas (frutos da desindustrialização e do desemprego em massa), das cooperativas nos assentamentos de reforma agrária, das cooperativas populares nas periferias metropolitanas, formadas com o auxílio de incubadoras universitárias e dos Projetos Alternativos Comunitários (PACs) semeados pela Cáritas nos bolsões de pobreza dos quatro cantos do Brasil (SINGER, 2009, p. 43).

Atualmente, o Proninc apoia mais de quarenta incubadoras em todo território nacional e seu objetivo é ajudar “na consolidação e ampliação das incubadoras, de modo a favorecer a criação e o acompanhamento de novos empreendimentos solidários, principalmente através do fortalecimento das incubadoras” (PRONINC, 2015).

As ITCPs oriundas de universidades conseguem operar, prioritariamente, graças aos editais de instituições e programas ligados ao governo (CNPq, ProExt, outros), responsáveis pelo custeio de projetos que trazem os recursos financeiros necessários às incubadoras para manterem seus bolsistas, auxiliarem os empreendimentos incubados e gerarem novos conhecimentos, integrando ensino, pesquisa e extensão. Apesar de suas particularidades, a maioria das incubadoras surge por intermédio de professores, funcionários e estudantes, ligados aos grupos populares, geralmente público-alvo da incubação.

Porém, vive-se um momento delicado para a economia solidária, sentido fortemente pelas ITCPs, ambas diretamente ligadas. Os editais que ajudam a manter as incubadoras não estão oferecendo ajuda financeira suficiente para que todas as ITCPs funcionem normalmente, algumas delas não contam com recurso algum. Com isso, essas incubadoras perderam parte de sua equipe, pois eles não conseguem manter-se sem as bolsas. O bom andamento da incubadora é comprometido e, conseqüentemente, os empreendimentos que dependem delas, são comprometidos também, assim como as pessoas dependentes desses empreendimentos.

Fraga (2012) faz uma análise sobre a atuação das incubadoras: “os trabalhadores dos grupos populares incubados são também os mesmos que não têm condições dignas de moradia, de acesso à saúde, educação e serviços básicos, como saneamento e coleta de lixo”. Sendo assim, fica claro que as incubadoras, tão dependentes de recursos, muitas vezes, insuficientes, não conseguem sanar problemas de ordem tão complexa, tornando evidente a sua limitação na resolução desses problemas e levantando dúvidas no público externo, acerca da sua credibilidade como instrumento de ajuda e aprendizagem da universidade para com a comunidade externa.

Outro problema enfrentado pelas incubadoras universitárias, comumente mais jovens, é a baixa autonomia para tomar decisões, como a escolha dos empreendimentos à serem incubados e lançamentos de editais de seleção. Nas ITCPs mais antigas, esse vínculo com a universidade é contornado por meio de ações que descentralizam o poder da instituição em relação às incubadoras, porém, para as ITCPs mais recentes, oriundas de novas universidades, a dependência é alta, atrasando suas atividades e demandando de grande energia para que tudo corra conforme as normas que regem essa universidade.

Fazer parte de uma incubadora é estar ligado a uma economia com o escopo diferente das demais. Por mais que o seu intuito seja ajudar empreendimentos a se manterem e se consolidarem, seus princípios não visam geração de lucro, mas sim geração de conhecimento. A economia solidária é, hoje, muito mais popular do que há anos, antes das leis de incentivo a ela, entretanto, deve-se cuidar para não apagar o caminho trilhado por políticas alheias a sua importância e conceitos equivocados. Essa é uma grande preocupação dentro da Rede de ITCPs, pois sua luta é árdua e suas conquistas sofridas e demoradas, a fim de que a economia solidária seja reconhecida como economia de fato, capaz de trazer desenvolvimento e reconhecimento para aqueles que vivem dela.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo identificar algumas das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) na região sul do Brasil, fazendo uma rápida análise das suas atuações regionais, a fim de conhecer os principais problemas enfrentados pelos empreendimentos e os pontos fortes de assessoramento dessas incubadoras, de acordo com sua linha de atuação. Assim, foram encaminhados questionários, junto dos termos de consentimento livre e esclarecidos, para onze ITCPs da região Sul do país, composta pelos estados: Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

No estado do Paraná, segundo o IPARDES (2015) (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social), a agropecuária e a indústria são as principais atividades econômicas. Nos empreendimentos incubados pela ITCP, nota-se a mesma tendência de atividades. Em Santa Catarina, os empreendimentos incubados ligam-se a economia solidária e ao cooperativismo, com atividades econômicas voltadas à agricultura familiar e ao artesanato. Por fim, no estado do Rio Grande do Sul, percebeu-se o predomínio nos empreendimentos incubados das atividades ligadas à agricultura familiar e ao artesanato, nas sete incubadoras entrevistadas. Isso se dá, muito pelo fato do estado ter a economia, predominantemente, voltada à agropecuária, com ênfase nas pequenas propriedades rurais. Seu cenário é propício para a linha de incubadoras tecnossociais e sociais.

No geral, a maioria das incubadoras investigadas incubam empreendimentos voltados ao artesanato e à agricultura familiar, podendo mencionar-se também os catadores, isto é, são empreendimentos mantidos por meio dos princípios da economia solidária e do cooperativismo, que regem, de maneira geral, o trabalho de grande parte das ITCPs. Essas atividades desempenhadas pelos empreendimentos incubados nas ITCPs do Sul do Brasil, são a força motriz da economia solidária da região, notando-se a sua importância na manutenção desse ramo da economia.

A maioria das incubadoras tem sua metodologia de incubação estruturada em três fases bem definidas: pré-incubação, incubação e desincubação. Muitas das incubadoras que não apresentam as três fases, acabam desenvolvendo-as de outra maneira (mesclando as fases) e, algumas das ITCPs, por serem muito jovens, não contam com todas as fases de incubação implementadas. A necessidade da criação de parâmetros para a percepção do grau de maturidade das incubadas torna-se importante para a avaliação, de forma geral, por parte das ITCPs, do processo de incubação, bem como, dos benefícios empregados aos incubados, já alcançados pelo período de incubação.

Diante do estudo informado, percebe-se que as ITCPs presentes na região sul do país, estabelecem suas atividades voltadas ao atendimento de empreendimentos de origem solidária ou interligados com movimentos sociais. As ITCPs, em sua maioria, encontram-se vinculadas a instituições de ensino superior. Desse modo, estabelecem um cenário propício ao desenvolvimento regional, levando em consideração o papel educativo das incubadoras e buscando soluções que aliem a tradição econômica às novas alternativas, tudo isso em virtude do assessoramento prestado pelas mesmas aos empreendimentos atendidos.

Então, pôde-se concluir que a presença das incubadoras na região Sul do país tem forte participação do PRONINC, como apoiador e fomentador de suas ações voltadas à economia solidária. As ITCPs apresentam características próprias, mas voltam-se ao assessoramento dos empreendimentos incubados, para qualificá-los e fortalecê-los, apoiando e estruturando uma economia diferente da convencional, com muitos obstáculos, mas com boas perspectivas de futuro, atraindo o interesse cada vez maior por parte de empreendimentos, com relação à participação e incubação nas ITCPs, fortalecendo a Região Sul e incentivando a diversificação da economia, para que não haja dependência em relação as atividades desenvolvidas, minimizando eventuais dificuldades a serem enfrentadas.

Referências Bibliográficas

- ANPROTEC. Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas. *Incubadora de empresas*. Disponível em: < <http://www.anprotec.org.br/anprotec.htm#5> >. Acesso em: jul. 2015.
- ANPROTEC/SEBRAE. *Glossário dinâmico de termos na área de Tecnópolis, Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas*. Brasília, 2002.
- BEZERRA, A. F. A.; SILVA, W. S. C.; CARVALHO, Z. V. As Incubadoras Sociais e o Desenvolvimento Local: O que é e porque apoiar a iniciativa. In: Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas, 23., 2013, Recife. *Anais...* Recife, PE, 2013.
- BOTELHO, L. L. R.; LIMA, D. F.; BRAUN, J. C. A.; WUERGES, A. F. E.; GAUTHIER, F. A. O.; NOGUEIRA, S. V. Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: atuando a partir da extensão universitária. In: XV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA - CIGU, 2015, Argentina. *Anais...* Argentina: CIGU, 2015.
- CELTA - Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas. *Informações 2007*. Disponível em: <www.celta.com.br>. Acesso em: nov. 2014.
- DORNELAS, J. *Planejando Incubadoras de Empresas: Como Desenvolver um plano de Negócios para Incubadoras*. Rio de Janeiro: Campus Ltda, 2002.
- EUROPEAN COMMISSION ENTERPRISE DIRECTORATE-GENERAL. *Benchmarking of business incubators - final report*. Sevenoaks: Center for Strategy & Evaluation Services, 2002.
- FONSECA, S. A.; KRUGLIANSKAS, I. Avaliação do desempenho de incubadoras empresariais mistas: um estudo de caso no Estado de São Paulo, Brasil. In: CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE PARQUES TECNOLÓGICOS E INCUBADORAS DE EMPRESAS, 2000, Panamá. *Anais...* Panamá: IASP, 2000.

- FRAGA, L. S. *Extensão e transferência de conhecimento: As incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil, 2012.
- FULGENCIO, P. C. *Glossario - Vade Mecum*. Mauad Editora Ltda; p. 46, 2009.
- HACKETT, S. M.; DILTS, D. M. A systematic review of business incubation research. *Journal of Technology Transfer*, Netherlands, v.29, n.1, p. 55-82, 2004.
- INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS - UNILASALLE CANOAS. Disponível em: < <http://www.unilasalle.edu.br/canoas/tecnosocial/> >. Acesso em: 16 jun. 2015.
- INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS E TECNOLOGIA SOCIAL - PUCRS. Disponível em: < <https://incubadorasocialpucrs.wordpress.com/about/> >. Acesso em: 22 jun. 2015.
- IPARDES (2015). *Instituto de Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social*. Disponível em: < http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=1 >. Acesso em: 15 jul. 2015.
- ITCP - UFPR. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR. Disponível em: < <http://www.itcp.ufpr.br/> >. Acesso em: 23 jun. 2015.
- ITCP - UFRGS. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFRGS. Disponível em: < <http://www.itcp.coppe.ufrj.br/ridi/itcpufrgr.html> >. Acesso em: 21 jun. 2015.
- ITCP - UNISUL. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares. Disponível em: < https://www.facebook.com/itcpunisul/info?tab=page_info >. Acesso em: 23 jun. 2015.
- ITCP - UNIVALI. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares. Disponível em: < <http://www.univali.br/ensino/graduacao/cejurps/cursos/direito/direito-itajai/extensao-e-cultura/observatorio-de-politicas-publicas/incubadora-tecnologica-de-cooperativas-populares-da-univali-itcp/Paginas/default.aspx> >. Acesso em: 16 jun.2015.
- ITCP - UNOCHAPECÓ. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares. Disponível em: < <http://unochapeco.edu.br/incubadora-tecnologica-de-cooperativas-populares> >. Acesso em: 17 de jun.2015.
- ITECSOL - UNIJUÍ. Incubadora de Economia Solidária, Desenvolvimento e Tecnologia Social. Disponível em: < <http://www.projetos.unijui.edu.br/cidadania/itecsol/index.php/menu-itecsol/a-incubadora> >. Acesso em: 16 jun.2015.
- ITSM - UFSM. Incubadora Tecnológica de Santa Maria. Disponível em: < <http://coral.ufsm.br/itsm/index.php/itsm> >. Acesso em: 16 jun.2015.
- JAYO, M.; DINIZ, E. Um mapeamento descritivo dos modelos de gestão de redes de correspondentes bancários no Brasil. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo (RAUSP)*, São Paulo, v.48, n.3, p. 621-634, 2013.
- JORDAN, N. *Temas de Psicología Especulativa*. Buenos Aires: Troquel S.A, 1974.
- MARTINS, G. S.; LIMA, A. A. T. F. C.; SANTOS, C. A.; OLIVEIRA, A. R.; CARVALHO, R. M. M. A.; GOMES, R. C. Incubadoras de Base Tecnológica: um estudo sobre a Capacitação Gerencial no Processo de Incubação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. *Anais...* Brasília, DF, Brasil, 2005.
- MERRIAM, S. *Qualitative Research and Case Study Applications in Education*. SanFrancisco: Jossey-Bass, 1998.
- MORGAN, G. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. In: CALDAS, M.P.; BERTERO, C.O. (Orgs). *Teoria das organizações: série RAE-clássicos*. São Paulo: Atlas, 2007, p.12-33
- PIMENTEL, T. A. B.; OLIVEIRA, L. G. L.; REINALDO, H. O. A. Análise das dimensões de empreendedorismo sustentável em micro, pequenas e médias indústrias no Ceará. *Revista REUNA*, v. 17, n. 4, p. 85-104, 2012.

- PRONINC. Ministério do Trabalho e Emprego. 2015. Disponível em: < <http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/proninc.htm> >. Acesso em: 15 jul.2015.
- SINGER, P. *Políticas públicas da secretaria nacional de economia solidária do Ministério de Trabalho e Emprego*. Mercado de Trabalho, 39, 43-48. 2009.
- SOUZA, M. C. A. F.; AZEVEDO, A.; OLIVEIRA, L. J. R.; BALDEON, N. T. Incubadora tecnológica de cooperativas – ITCP X Incubadora de base tecnológica – IEBT: Diferenças e semelhanças no processo de incubação. *Revista Iboamericana de Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação*, n. 6, 2003.
- TECNOSOCIAIS UNISINOS. Disponível em: < <http://ihu.unisinos.br/areas/trabalho/52-tecnosociais> >. Acesso em: 22 jun2015.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2a ed.). Porto Alegre: Bookman. 1999.
- ZOUAIN, D. M.; TORRES, L. S. A suposta modernização das relações de trabalho nas incubadoras de empreendimentos. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 3, ed. especial, p. 01-07, 2005.

⁵ O artigo é um produto do programa "A ITCEES na dinâmica do desenvolvimento da região Norte e Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul: o papel da implantação, desenvolvimento e consolidação de uma ITCP em uma Universidade Federal e suas contribuições para o desenvolvimento local", aprovado na Chamada Universal - MCTI/CNPq N°14/2014.



Núcleo de educação de adultos: perspectivas e desafios

Flávia de Castro Almeida, Amanda Daniela da Costa, Ana Paula Ramos Barbosa¹

Resumo: *O presente trabalho teve como foco a Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo o objeto de estudo os principais desafios enfrentados nessa modalidade no Núcleo de Educação de Adultos (NEAD), situado na cidade de Viçosa/MG, nas dependências da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Trata-se de um trabalho concluído durante a disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos (EDU 263), ministrada pela professora Rosa Cristina Porcaro no ano de 2014, que tem por objetivo pesquisar os principais desafios da EJA em diferentes ambientes de ensino. Tendo em vista a grande visibilidade que essa modalidade de ensino vem adquirindo, esse estudo teve por objetivo principal identificar quais os desafios enfrentados no Núcleo para promover um ensino de qualidade a essas pessoas que, por diversos motivos, não tiveram condições de frequentar a escola em idade regular, além de resgatar as dificuldades enfrentadas desde a criação do Núcleo, relacionar os desafios enfrentados no NEAD aos desafios da EJA em âmbito geral e, por fim, identificar os caminhos traçados com intuito de amenizar ou, pelo menos, superar essas dificuldades. Como referencial teórico para embasar o estudo, foi estabelecido um diálogo entre autores estudados no decorrer da disciplina, os quais trazem uma carga de informações importante para essa área de pesquisa, tais como Porcaro, Freire, Martins, Bernardino e Soares. Os procedimentos metodológicos escolhidos para possibilitar o estudo foram, primeiramente, análise documental para coleta de dados, visitas técnicas ao NEAD e entrevistas semiestruturadas com a coordenadora pedagógica e coordenadora geral do local, além de entrevistas não estruturadas com monitoras que atuam nas salas de aula. Em geral foi possível perceber que os desafios enfrentados no Núcleo não são muito distintos dos desafios enfrentados na EJA, principalmente no que tange à evasão dos alunos e à falta de material didático próprio, com condições reais de garantir um processo de ensino-aprendizagem significativo para os educandos. O que fica claro é que, apesar de todas as adversidades, esse espaço educativo vem contribuindo com a formação integral de seus educandos, visando resgatar o direito deles à educação e possibilitar a esses a reintegração social.*

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Desafios Núcleo de Educação de Adultos.

Área Temática: Educação, Teorias e Metodologias em extensão.

NUCLEUS OF ADULT EDUCATION: PERSPECTIVES AND CHALLENGES

Abstract: *This study focuses on Youth and Adult Education (EJA), with the central focus on the key challenges facing this modality at the Adult Education Center (ADEN), located in Viçosa / MG, on the premises of the Federal University of Viçosa (UFV). It is a work completed during the course Foundations of Education for Youth and Adults (EDU 263), taught by Professor Rosa Cristina Porcaro in 2014, which aims to research the key challenges of adult education in different learning environments. Given the high visibility that this type of education is acquiring the study's main aim was to identify the challenges faced at the Center to promote quality education to those people who, for various reasons, were unable to attend school in regular age, besides rescuing the difficulties faced since the creation of the Center, relate the challenges faced in NEAD the challenges of adult education in general scope and finally identify paths outlined aiming to minimize or at least overcome these difficulties. As a theoretical framework to support the study, it established a dialogue between authors studied in the course of discipline and they bring a load of important information for this area of research, such as Porcaro, Freire Martins, and Bernardino Soares. The methodological procedures chosen to enable the study*

¹ Graduated in the course of Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). amanda.daniela@ufv.br, flavia.c.almeida@ufv.br, ana.p.barbosa@ufv.br

were first documental analysis for data collection, technical visits to the ADEN and semi-structured interviews with the educational coordinator and general local coordinator, as well as unstructured interviews with monitors working in rooms class. In general it was observed that the challenges faced at the Center are not very different from the challenges faced in EJA, especially with regard to the avoidance of students and the lack of proper teaching materials, with real conditions to ensure significant teaching-learning process for learners. What is clear is that despite all odds this educational area has been contributing to the integral education of their students, in order to retrieve the right thereof to education and facilitate their social reintegration.

Keywords: Youth and Adult Education. Challenges. Adult Education Center.

Núcleo de educação para adultos: perspectivas y los desafíos

Resumen: Este estudio se centra en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), con el foco central en los desafíos clave que enfrenta esta modalidad en el Centro de Educación de Adultos (ADEN), ubicado en Viçosa / MG, en las instalaciones de la Universidad Federal de Viçosa (UFV). Se trata de un trabajo realizado durante los cursos Fundamentos de la Educación para Jóvenes y Adultos (EDU 263), impartido por la profesora Rosa Cristina Porcaro n 2014, cuyo objetivo es la investigación de los principales retos de la educación de adultos en diferentes entornos de aprendizaje. Dada la alta visibilidad que este tipo de educación está adquiriendo objetivo principal del estudio fue identificar los desafíos que enfrentan en el Centro de promover una educación de calidad a aquellas personas que, por diversas razones, no pudieron asistir a la escuela en edad regular, además de rescatar las dificultades que desde la creación del Centro, se refieren a los desafíos que enfrentan en NEAD los desafíos de la educación de adultos en alcance general y, finalmente, identificar los caminos señalados con el objetivo de reducir al mínimo o al menos superar estas dificultades. Como marco teórico para apoyar el estudio, se estableció un diálogo entre los autores estudiados en el curso de la disciplina y que traen una carga de información importante para esta área de investigación, tales como Porcaro, Freire Martins, y Bernardino Soares. Los procedimientos metodológicos elegidos para permitir el estudio fueron los primeros análisis documental para la recolección de datos, visitas técnicas a las entrevistas Adén y semi-estructuradas con el coordinador de educación y coordinador general local, así como entrevistas no estructuradas con monitores que trabajan en las salas clase. En general se observó que los desafíos que enfrentan en el Centro no son muy diferentes de los desafíos enfrentados en EJA, especialmente con respecto a la prevención de los estudiantes y la falta de materiales didácticos adecuados, con las condiciones reales para garantizar el proceso de enseñanza-aprendizaje significativo para aprendices. Lo que está claro es que a pesar de todos los pronósticos esta área educativa ha estado contribuyendo a la formación integral de sus alumnos, con el fin de recuperar el derecho de los mismos a la educación y facilitar su reinserción social.

Palabras clave: Juventud y Educación de Adultos. Desafíos. Centro de Educación de Adultos.

Introdução

O Núcleo de Educação de Adultos surgiu a partir da necessidade de investimento na alfabetização dos funcionários da Universidade Federal de Viçosa. Essa necessidade foi abordada pela primeira vez na Assembleia Geral de inauguração da Associação dos Servidores Técnico-Administrativos (ASAV) no ano de 1984, a partir da reivindicação da criação de um curso de alfabetização para os servidores da instituição, tendo em vista a grande porcentagem de funcionários analfabetos.

Um ano após essa assembleia, a Comissão de Revisão dos Planos de Cargos e Salários da UFV propôs a criação desse espaço, que ficou então dependendo apenas da autorização do Reitor para o desenvolvimento do curso, além da liberação dos funcionários para frequentá-lo. Foi então iniciado, no ano de 1987, o Projeto de Alfabetização de Adultos da UFV, sob coordenação da ASAV e com o apoio do Departamento de Educação (DPE). Primeiramente o projeto tinha por objetivo atender apenas à alfabetização, que se caracterizava como maior demanda, tendo em vista que 30% dos funcionários se caracterizavam como analfabetos absolutos ou funcionais, segundo pesquisa realizada pelo sindicato.

Em 1990 o perfil do curso apresentou uma nova configuração. A coordenação foi assumida pelo DPE e foram iniciadas pesquisas na área de EJA, realizadas pelos monitores e professores do departamento, que favoreceram a obtenção de recursos e equipamento da sede, os quais foram instalados na Vila Gianetti, no ano de 1995.

Quanto mais a demanda de alunos aumentava, a necessidade de uma escolarização mais ampla para os funcionários também crescia. Tendo isso em vista, a partir do ano 1993, o curso foi estendido

e passou a oferecer também preparação para exames supletivos do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental e, mais tarde, em 1995, também para os exames de suplência do sexto ao nono ano do ensino fundamental. Com essa ampliação de atendimento, o projeto passou a ser denominado Núcleo de Educação de Adultos (NEAD), e, então, deu início ao atendimento dos familiares de funcionários, passando a oferecer, também, turmas de ensino médio.

Apesar dessa ampliação no atendimento no ano de 1999, houve uma grande queda no número de alunos matriculados em razão da cobrança da instituição quanto à frequência e quanto ao desenvolvimento dos alunos. O motivo dessa cobrança vinha de que muitos dos chefes dos funcionários descreditavam no potencial do curso por não verem compromisso dos alunos e por acreditarem que o tempo despendido para frequentar as aulas era perdido. Para superar esse desafio a Coordenadora do núcleo buscou apoio com os professores do Departamento de Educação e foram criadas as Coordenações de Área, para que cada área tivesse um professor para orientar as monitoras, tendo em um vista um melhor planejamento e desenvolvimento de suas práticas de trabalho. Também foi realizada uma campanha entre os chefes de setor da UFV para conscientizá-los sobre a importância dos estudos para seus funcionários, pois eles estavam resistindo à liberação dos servidores. Além disso, foram abertas vagas de ensino médio, pois muitos alunos haviam concluído o ensino fundamental e demandavam a continuidade dos estudos.

Já no ano seguinte o número de matrículas dobrou, sendo que todas as vagas disponíveis foram preenchidas, ficando ainda muitos alunos em uma fila de espera. De acordo com o que foi pesquisado na época, esse aumento ocorreu em função do estabelecimento de uma meta por parte do Ministério da Administração e Reforma do Estado - MARE, visando à escolarização de todos os funcionários públicos. A partir disso foi feita uma campanha por parte do NEAD com o objetivo de estabelecer uma relação de colaboração com os chefes dos funcionários para que esses os incentivassem a retomar os estudos. A partir disso foi necessária uma melhor estrutura para o núcleo, pois o aumento da demanda exigia um local capaz de acolher esse grande número de estudantes. Foi então que o núcleo foi contemplado com reformas em vistas da melhora de sua estrutura.

Desde sua criação, o NEAD enfrenta inúmeras dificuldades. Entre os desafios, os principais destacados são a permanência dos educandos no curso, a carência de professores, a falta de material didático, heterogeneidade das turmas (no sentido etário, cognitivo, o ritmo de aprendizado, por exemplo). Entretanto a coordenação, junto aos monitores, não mede esforços para buscar as melhores alternativas para superá-los, de acordo com as possibilidades.

Um resgate da história da EJA no Brasil

A Educação de jovens e adultos apresenta várias fases desde seu surgimento até os dias atuais. Tendo isso em mente, é possível afirmar que não existe apenas uma história da EJA. Pelo contrário, essa modalidade de ensino reconhecida pela legislação educacional, passou por vários acontecimentos que marcaram, de forma positiva e/ou negativa, seu trajeto até o momento.

Levando-se em consideração a história do Brasil e o modo como esse país foi colonizado, pode-se afirmar que a história da EJA se iniciou como um processo de domesticação, pois no momento em que os portugueses chegaram ao Brasil a primeira iniciativa foi a de 'educar' os índios nativos para tê-los sobre controle, ou seja, por meio da catequese, os jesuítas impunham sua doutrina religiosa, de caráter moralizador, a fim de dominar os índios e propagar a religião católica. Em função desse fato, a educação de jovens e adultos, em seu início, era muito mais religiosa do que educacional. O fato da domesticação se repetiu com os escravos negros, exceto para as mulheres que não tinham direito a qualquer tipo de educação, mesmo a mais básica.

No Brasil Império, o cenário da educação de jovens e adultos não passou por grandes mudanças desde a colonização. Nessa época, a educação para essa categoria era bastante elementar. Com a institucionalização, as elites eram instruídas em escolas de qualidade e a camada popular era "civilizada" pela elite em escolas que os preparava para servir ao mercado de trabalho, o que foi intensificado com o processo de industrialização. Com isso se tem um sistema educacional dualista. A Educação de Jovens e Adultos era vista como filantropia (PAIVA, 1987, p.121), na qual as camadas menos favorecidas eram civilizadas para servir a elite. Nesse momento, a educação se voltou para a necessidade de formar um operário educado para trabalhar nas indústrias. Mais uma vez a preocupação não era com a educação, mas sim com a necessidade de formar mão de obra, transmitindo para a educação um caráter tecnicista.

A partir da década de 1940, com grande incentivo da UNESCO para que as nações voltassem seu olhar para a Educação, a EJA ficou a cargo de inúmeras campanhas de alfabetização. O governo brasileiro lançou a 1ª Campanha de Educação de Adultos (1947), que tinha por objetivo promover a alfabetização rápida dos adultos analfabetos do país, por meio do curso primário, com capacitação profissional. Nesse momento, em que o analfabetismo era visto como grande empecilho para desenvolvimento do Brasil e o analfabeto era visto como um incapaz, essa primeira Campanha conseguiu iniciar um processo de mudança desse pensamento, tendo como resultado uma pequena disponibilidade de atendimento aos jovens e adultos. A Campanha sofreu duras críticas por tratar o analfabetismo como algo a ser erradicado, por seu caráter missionário e assistencialista.

Em 1958, no governo de Juscelino Kubitschek, aconteceu o 1º Seminário em prol da EJA, que reuniu delegações de todos os estados para discutir reformas que contribuíssem para mudar o cenário da educação de jovens e adultos. Nesse momento, a delegação de Pernambuco, que contava com a presença de Paulo Freire, se destacou trazendo uma nova concepção sobre a relação entre analfabetismo e pobreza. Para ele, a EJA deveria ser organizada de acordo com as características de seu alunado, o material deveria ser próprio para essa modalidade e, principalmente, o aluno não deveria mais ser visto como um ignorante, mas como uma pessoa capaz de produzir saberes e que tem o direito de ser educado. Se antes o analfabetismo era apontado como causador da pobreza e entrave no desenvolvimento do país, a partir das ideias de Paulo Freire, ele passou a ser visto como consequência da pobreza, gerada em decorrência das desigualdades da estrutura social.

Paulo Freire ganhou grande visibilidade a partir desse Seminário e veio a se tornar responsável por criar um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos em 1963, encarregado pelo governo, que, nesse momento, abriu mão das campanhas de alfabetização.

As ideias de Paulo Freire se disseminaram por todo o país e, juntamente ao Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, começaram a acontecer movimentos de educação popular que visavam à integração dos indivíduos analfabetos no âmbito socioeconômico e político da sociedade, esses movimentos viam na educação um forte instrumento de ação política. Toda essa movimentação em prol da EJA foi interrompida em 1964 pelo Golpe Militar, já que as iniciativas de instruir a população passaram a ser consideradas uma ameaça no período de ditadura. Nesse período, o único movimento que sobreviveu ao período de ditadura foi o MEB - Movimento de Educação de Base, por estar ligado à Igreja Católica.

Após o Golpe Militar, o governo voltou seu foco novamente para programas de alfabetização assistencialistas e aligeirados. Nessa perspectiva, surgiu o MOBREAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização - que buscava oferecer uma alfabetização funcional aos jovens e adultos na faixa etária de 15 a 30 anos, ou seja, apenas tinha a intenção de dissipar técnicas básicas de leitura, escrita e cálculos. Com isso, as concepções de Paulo Freire foram abandonadas e novamente a EJA foi desvinculada do sentido crítico, reflexivo e problematizador proposto por esse educador.

No ano de 1971, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a educação de jovens e adultos passou a ser reconhecida como direito de cidadania. Para atender a essa demanda, o MEC criou Centros de Ensino Supletivos, que foram fortemente influenciados pelo tecnicismo, em razão das parcerias estabelecidas entre o MEC e o USAID - United States Agency for International Development, o que gerou uma grande evasão, além de formação rápida e superficial. Já na década de 1980, a partir da abertura política, os movimentos educacionais retornaram e o MOBREAL foi extinto. A partir disso, foi criada a Fundação Educar, que não mais iria propor e executar os projetos de alfabetização de jovens e adultos, mas sim financiar essas iniciativas.

A Constituição de 1988 foi um grande marco para a Educação de Jovens e Adultos, pois garantia a educação como um direito de todos e dever do Estado. De acordo com o artigo 208 da Constituição de 1988, "o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria".

Nesse momento, instaurou-se um cenário de grandes contradições, pois ao mesmo tempo em que a Constituição falava em educação como um direito público e obrigatório para todos e de responsabilidade do governo, este voltava suas iniciativas para o Ensino Fundamental, tendo como foco a educação de crianças. Com a extinção da Fundação Educar, o governo se absolveu da responsabilidade de garantir a educação de jovens e adultos e a EJA ficou a cargo dos municípios. Esse

movimento de municipalização, junto dos demais acontecimentos da época, foi segundo Haddad (2007) a grande causa da não concretização da Constituição de 88.

Com a responsabilidade da EJA passada para os municípios, ocorreram algumas experiências que resgataram o compromisso dos movimentos sociais, sob forte influência da pedagogia de Paulo Freire. Nesse período, houve grande empenho da sociedade civil em prol da EJA, com a criação de fóruns de educação, visando garantir a educação de qualidade como um direito, a inclusão de todos no contexto educacional, flexibilidade em relação às possibilidades dos alunos, formação do professorado, avaliações e aprendizado adequados e baseados nas vivências dos alunos.

A partir da década de 1990, com a nova LDB, que apesar de reconhecer a EJA como um direito, não se voltou ao problema do analfabetismo, e a Emenda Constitucional, que criou o Fundo de Valorização do Ensino Fundamental (FUNDEF) como um fundo de financiamento que não contemplou a EJA, ocorreu a limitação da possibilidade da universalização da EJA, ao passo que os investimentos se voltaram para o ensino de crianças e adolescentes. Com isso ocorreu a divisão das responsabilidades entre as esferas do governo no âmbito da educação.

Em contrapartida, em nível internacional ocorria o reconhecimento da importância da educação de jovens e adultos. Mais uma vez, a UNESCO se encarregou de mobilizar os países para investir em educação. Em 1996, foi lançado, em Natal/RN, o Programa Alfabetização Solidária como preparação para a V CONFINTEA - Conferência Internacional de Adultos, que aconteceu na Alemanha. Esse programa, assim como as campanhas, consistia em uma iniciativa aligeirada, com alfabetizadores sem preparo suficiente, o que não gerou resultados significativos. Além disso, por ter como slogan a frase "Adote um analfabeto", esse programa reafirmava a concepção de que o analfabeto era uma pessoa incapaz e dependente de assistência e não um cidadão de direitos.

Além desse programa, outras iniciativas surgiram a partir da preparação para a V CONFINTEA. O MEC criou uma Comissão Nacional de EJA, que acarretou uma mobilização dos Estados a fim de se reunirem para diagnosticar ações em função da EJA. A partir disso, iniciaram-se os encontros nacionais de EJA. O ponto de partida foi a realização de um encontro em Curitiba para a socialização dos temas abordados na V CONFINTEA. Em 1999 ocorreu o 1º ENEJA - Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos. Além disso, também foram organizados Fóruns Estaduais de EJA, que surgiram como nova forma de requerer direitos para a EJA.

No governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), o envolvimento do Ministério da Educação com a Educação de Jovens e Adultos foi mínimo, ficando a responsabilidade a cargo da iniciativa privada, por intermédio do Programa Alfabetização Solidária. Já no governo Lula, o primeiro a se ocupar, aparentemente, de fato com a EJA, foi criada a Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), que trouxe para o MEC a responsabilidade de atender essa modalidade de ensino, tirando dessa o caráter assistencial anteriormente imputado à EJA.

Mais recentemente no que diz respeito à EJA os fatos mais importantes foram o estabelecimento das Diretrizes para a Educação de Jovens e Adultos, estabelecidas a partir do Parecer CNE 11/2000, e a criação do FUNDEB - Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica, que ao contrário do FUNDEF, contemplou a EJA, apesar de que o financiamento para essa categoria seja inferior ao garantido para a educação regular. Ainda na forma de campanha, foi criado, também no governo Lula, o Programa Brasil Alfabetizado, além do PROEJA - Programa Nacional de Integração Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos e o PROJOVEM - Programa Nacional de Inclusão de Jovens, que tinham como objetivo formação inicial continuada e educação profissional técnica a nível médio, declarando direito de todos os jovens e adultos à alfabetização de qualidade.

Tendo em vista toda a trajetória da EJA, pode-se dizer, felizmente, que houve um avanço desde o seu surgimento até os dias atuais, tendo em vista principalmente o reconhecimento que essa modalidade ganhou em todo país, embora ainda haja muitos desafios a serem superados em prol de uma educação de jovens e adultos de qualidade, como por exemplo, investimento na formação de professores, falta de continuidade dos estudos, que ocasiona a conversão dos analfabetos em analfabetos regressivos e o fim do ensino aligeirado visando quantidade, sem se preocupar com a aprendizagem significativa dos alunos, tendo em vista que a ineficiência do ensino emergencial, com prazos limitados, já foi comprovada.

Nesse sentido a Educação de Jovens e Adultos ainda tem muito que avançar, de modo que garanta a seus alunos não apenas um certificado que de nada vale se este tiver lhes proporcionado um aprendizado meramente técnico, ou ainda um aprendizado que não se efetiva na prática; mas sim que garanta a seu alunado uma consciência crítica que lhes permita se inserir na vida social de forma ativa como cidadãos de direito que são.

Objetivos

A pesquisa que nos propomos a realizar consiste em identificar os principais desafios enfrentados para a educação de jovens e adultos no Núcleo de Educação de Adultos (NEAD) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mais especificamente, objetivamos:

- Resgatar as dificuldades enfrentadas desde a criação do Núcleo.
- Relacionar os desafios enfrentados no NEAD aos desafios de âmbito geral da EJA.
- Identificar os caminhos que a coordenação e educadores (as) percorrem para amenizar ou superar esses desafios.

Metodologia

Neste trabalho, no qual foram investigados os principais desafios enfrentados para a educação de jovens e adultos no NEAD, com foco nas dificuldades enfrentadas desde sua criação, na relação entre essas dificuldades e as adversidades da EJA de modo geral, além dos caminhos buscados para superá-las, optamos por uma metodologia qualitativa, por não estarmos preocupadas com a representatividade quantitativa dos dados, mas sim com seu caráter significativo para compreender o fenômeno em questão. Tendo em vista que objetivo principal é de investigar e não de quantificar acreditamos que essa perspectiva seja a mais indicada.

Conforme Minayo (1994, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Araújo e Borba (2004, p. 40) evidenciam que “[...] quando decidimos desenvolver uma pesquisa, partimos de uma inquietação inicial e, com algum planejamento, não muito rígido, desencadeamos um processo de busca”. Assim sendo nossa busca pela coleta de dados foi primeiramente baseada em uma análise documental, com o objetivo de resgatar os desafios enfrentados desde a criação do núcleo até os dias atuais, com vistas a estabelecer uma relação entre esses e os desafios da EJA em âmbito geral.

De acordo com Luna (1999), essa coleta de dados possibilita um apanhado geral sobre os principais trabalhos desenvolvidos sobre determinado assunto sendo, portanto fonte de dados relevantes para novos estudos. Foram realizadas visitas técnicas ao núcleo, a fim de também serem feitas análises de documentos oficiais, para Monezi (2005, p.3) a visita técnica possibilita uma aprendizagem muito significativa, pois permite ao aluno, além de ver e ouvir, sentir na prática a organização do espaço visitado, tornando o processo mais motivador para a aprendizagem.

Por fim foram feitas entrevistas semi-estruturadas com a coordenadora pedagógica e coordenadora geral do local, além de entrevistas não estruturadas com algumas monitoras que atuam nas salas de aulas.

De acordo com Lakatos (1996, p. 37), a entrevista:

[...] é uma das etapas mais importantes da pesquisa, exigindo tempo e cuidados. Entre eles o planejamento da entrevista, que deve ter em vista o objetivo a ser alcançado; a escolha do entrevistado, que deve ser alguém que tenha familiaridade com o tema pesquisado.

Os dados coletados foram registrados e analisados com o objetivo de identificar quais ações (caminhos) têm sido tomadas para superar ou, ao menos, amenizar essas dificuldades encontradas.

A partir da análise e estudos dos dados buscamos identificar pontos importantes que trouxeram respostas aos objetivos propostos e subsidiaram a realização deste trabalho.

Contexto da pesquisa

O presente trabalho foi desenvolvido no Núcleo de Educação de Adultos (NEAd), localizado na Vila Gianetti, casa de número 33, na Universidade Federal de Viçosa (UFV).

O local foi escolhido por ser um dos temas do trabalho final da disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos (EDU263), ministrada pela Professora Doutora Rosa Cristina Porcaro, que também é coordenadora do núcleo. O trabalho teve por finalidade identificar os desafios da EJA em diferentes instituições de ensino, sendo o NEAd uma delas.

Os sujeitos que contribuíram para esse trabalho foram três monitoras do NEAd, a coordenadora pedagógica Maria Dalva de Freitas e a supracitada coordenadora Rosa. Esses sujeitos foram escolhidos tendo em vista os objetivos do trabalho em identificar os desafios enfrentados no NEAd no processo de ensino/aprendizagem de alunos adultos.

Análise dos dados

Análise dos dados é a atividade de transformar um conjunto de informações com o objetivo de poder verificá-las melhor, dando-lhes ao mesmo tempo uma razão de ser e uma análise racional. Essa fase da pesquisa foi o momento de organizar os dados, agrupá-los e interpretá-los para fundamentar tudo que será apresentado como resultado deste trabalho.

Primeiramente foram trabalhadas as informações referentes às repostas dadas pelas monitoras do NEAd à entrevista não estruturada realizada com essas. De acordo com Gil (1999, p. 117):

As entrevistas não estruturadas são radicalmente opostas às entrevistas estruturadas. O entrevistador não possui um conjunto especificado de questões e nem as questões são perguntadas numa ordem específica. O entrevistador possui grande liberdade de ação e pode incursionar por vários assuntos e testar várias hipóteses durante o curso da entrevista.

Foram ouvidas três monitoras, sendo a primeira professora de Português do primeiro segmento do Ensino Fundamental, a segunda professora do curso de Inclusão Digital e a terceira professora de Física no Ensino Médio.

A partir das repostas dadas, o maior desafio identificado foi referente à falta de material didático específico da EJA. Na fala de todas as monitoras, foi citada a dificuldade em adequar materiais existentes à realidade de seus alunos. Além de terem de planejar as aulas, elas precisam ainda pesquisar as atividades, para depois adequá-las da melhor maneira possível ao alunado.

Essa dificuldade fica clara na fala da professora de Português que relatou:

[...] a maioria das atividades são voltadas para a Educação Infantil, não há uma atividade específica para EJA, então esse é o meu maior desafio em relação ao meu trabalho, a questão do material didático. Eu nunca encontrei uma atividade que eu pudesse falar “essa aqui está totalmente de acordo pra eu usar com meus alunos”, sempre tenho que procurar e modificar. (Monitora de Português)

A esse respeito uma situação que merece destaque foi relatada pela professora do curso de Inclusão Digital, que ao iniciar seu trabalho no NEAd tinha em mãos um planejamento de aulas, baseado em um material que ela pesquisou, com objetivo de trabalhar com os alunos o acesso à internet, digitação, manuseio de programas antivírus, por exemplo, no entanto ao chegar à sala ela se deparou com alunos que não conseguiam ler os comandos no computador, mal sabiam digitar e que não tinham domínio do mouse. Segundo ela essa foi uma grande frustração, pois tudo o que havia sido planejado não tinha condições de ser consolidado.

Diante desse percalço na segunda aula ela optou por conversar com os alunos da turma para poder identificar o que eles esperavam das aulas e quais conhecimentos eles já tinham sobre inclusão digital, para, então, usá-los como ponto de partida podendo assim trabalhar de acordo com a realidade de seus alunos.

Ainda em relação ao material didático a monitora de Física relatou que a maioria de seus alunos chega à sala sem domínio matemático prévio, necessário para que aprendam Física e, por isso, ela

precisa adaptar suas atividades duas vezes: uma vez para inserir os conceitos matemáticos necessários e uma segunda para adequá-la aos alunos adultos.

Para além dos desafios com os materiais didáticos a monitora da Inclusão Digital também relatou dificuldade com relação à carga horária das monitoras. Segundo ela todas as monitoras precisam cumprir duas horas diárias nos cinco dias úteis da semana, o que gera certa dificuldade em relação à permanência dessas no núcleo.

De acordo com a fala dela essa carga horária muitas vezes impede a participação em eventos acadêmicos, que podem valorizar seus currículos enquanto discentes, o que muitas vezes levam algumas pessoas a abrirem mão do trabalho no NEAd para investir na carreira universitária, de forma que isso acarreta em uma troca constante de monitoras, refletindo no desempenho dos alunos, já que esses alunos, na maioria das vezes, atribuem seu sucesso à figura do(a) professor(a); logo, se muda o professor, eles se sentem frustrados e em alguns casos chegam a evadir do curso.

Sobre a imagem que os alunos têm a respeito do professor, Barreto e Barreto (2008, p. 64) explicam que os alunos da EJA “[...] imaginam que o professor é o único detentor do conhecimento que vão buscar, acham que devem prestar total atenção naquilo que o professor diz (...), na opinião dos alunos o conhecimento vem do professor”.

Aprofundando o assunto da evasão, identificado como maior desafio da EJA de modo geral, as monitoras de Física e Inclusão Digital tiveram falas opostas à da monitora de Português. Enquanto a monitora de Português relatou que seus alunos sempre estão presentes na aula, inclusive chegam antes dela na sala e sempre justificam as faltas, nas raras vezes em que isso acontece, as monitoras de Física e de Inclusão Digital destacaram a evasão como um grande problema.

De acordo com o foi dito, a grande causa dessa evasão é o fato de os alunos sentirem muita dificuldade para acompanhar as aulas e não verem um retorno tão breve como esperam em seu aprendizado. A monitora de Inclusão Digital relatou:

[...] quando eles começam a faltar muito, a gente liga pra descobrir o motivo e, de início, eles dizem que estão muito ocupados, que não conseguem mais conciliar o trabalho e o estudo, porém depois de muita insistência eles acabam dizendo que não querem vir mais porque estão achando as aulas muito difíceis e que não conseguem acompanhar a turma e a professora. (Monitora de Inclusão Digital)

Os dois desafios relatados pelas monitoras (material didático e evasão) não são específicos do NEAd, como citado acima. A evasão é hoje o maior desafio da EJA, bem como a falta de um material pensando especificamente para essa modalidade de ensino.

Posteriormente à análise das falas das monitoras foi estabelecida uma relação entre as falas das coordenadoras geral e pedagógica. A professora Rosa Cristina Porcaro está na coordenação do NEAd desde março de 1997, tendo se ausentado no período entre os anos de 2007 e 2010 para cursar doutorado, retornando em 2011.

De acordo com os relatos das coordenadoras Rosa e Maria Dalva, o NEAd hoje conta com onze monitores, que recebem capacitação no cotidiano do núcleo, por meio de sua própria vivência em sala de aula, pela participação em grupos de estudos e reuniões pedagógicas semanais, além dos conselhos de classe mensais e em fóruns de EJA. sendo que essa capacitação é coordenada pela Dalva. Em relação ao Projeto Político Pedagógico (PPP), ele foi construído pela equipe do NEAd - monitoras, pedagoga e coordenadora geral. Segundo a coordenadora Rosa foram feitas inúmeras reuniões para a discussão desse. As aulas no núcleo acontecem de segunda a sexta-feira e tem duração de duas horas diárias, sendo os alunos divididos em salas de acordo com seu nível de aprendizado e de forma que melhor atenda às necessidades e expectativas do alunado.

Mais uma vez a evasão foi apontada, a coordenadora pedagógica Maria Dalva de Freitas afirmou que seu maior desafio é a desistência por parte dos alunos. A coordenadora Rosa apontou também como desafio o revezamento dos monitores (estagiários), segundo ela “quando estão prontos para o trabalho, os monitores se formam ou deixam o trabalho por se envolverem com outros”. Além disso, ela relatou que a falta de autonomia para promover certificação para os educandos também é uma dificuldade, pois gera uma dependência do CESEC, que impossibilita a produção de um modelo pedagógico próprio para o segundo segmento do Ensino Fundamental.

Para além desses desafios já relatados pelas monitoras e coordenadora pedagógica, a coordenadora Rosa também identificou desafios relacionados ao funcionamento do NEAd.

Segundo ela o núcleo não tem recursos próprios para desenvolvimento de seu trabalho, mas conta com apoio da Reitoria, Pró-reitoria de Ensino, ASAV e Departamento de Educação (DPE), que cedem respectivamente, autorização para funcionamento da sede na Vila Gianetti e manutenção dessa, onze bolsas para monitores, sendo nove cedidas pela Pró-reitoria e duas pela ASAV, três funcionários que atuam no núcleo (um contínuo, um secretário e uma pedagoga) e material de consumo. De acordo com fala da própria coordenadora Rosa, para manter a sede em funcionamento o núcleo conta apenas com esses apoios “No mais, é na coragem e na fé!”.

Em relação à comparação estabelecida entre os desafios encontrados no NEAd e os desafios da EJA em âmbito geral, foi possível perceber que o núcleo, felizmente, não enfrenta determinadas dificuldades, que fazem parte dessa modalidade de ensino como, por exemplo, a juvenilização, o que provavelmente é uma consequência do modo como o núcleo surgiu, tendo a intenção de alfabetizar os servidores da Universidade, ou seja, adultos.

Outra dificuldade que não foi identificada no núcleo é o trabalho de conteúdos distantes da realidade dos alunos, pelo contrário, o trabalho é realizado com base nos pressupostos do método de Paulo Freire, que se baseiam muito no aprendizado a partir daquilo com que o aluno está familiarizado, que faça parte do seu mundo. Em uma crítica às cartilhas usadas na alfabetização de adultos, Paulo Freire expressa que “Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.” O ensino meramente técnico, baseado em assuntos completamente fora do contexto do aluno não lhe garante aprendizado.

Por fim, mas não menos importante, o NEAd também não tem o desafio de desenvolver seu trabalho sem um coordenador com formação em EJA. A coordenadora do núcleo, Rosa Porcaro, possui Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011), com foco em formação de educadores de jovens e adultos e já se dedica ao NEAd há mais de quinze anos.

A partir das visitas feitas ao núcleo e pelas entrevistas realizadas, foi possível notar que o NEAd se apresenta para os alunos como um lugar acolhedor onde eles terão a oportunidade de darem continuidade - ou mesmo de iniciarem - seus estudos com vistas a se firmarem como sujeitos ativos e constituintes da sociedade em que vivem.

Sobre isso SOARES (1998, p. 100) diz que

[...] uma proposta pedagógica da EJA deve colocar-se a serviço de um projeto de construção de um novo homem, de uma nova sociedade, utilizando-as para a concretização de uma pedagogia, que é do “oprimido”, mas também é da esperança.

Considerações finais

A partir da análise de todas as informações que foram coletadas para fundamentar o presente trabalho, ficou evidente a importância da ação do Núcleo de Educação de Adultos (NEAd) na busca pela garantia do direito à educação para aqueles que não puderam completar seus estudos em idade regular.

Da sessão de revisão bibliográfica, podemos concluir que os desafios da EJA não se apresentam apenas para os alunos, mas também para os docentes e em seu funcionamento de modo geral. No caso do NEAd, em particular, sua própria criação partiu de uma dificuldade: grande percentual de funcionários analfabetos em uma instituição de ensino superior federal. Em função disso, o trabalho na EJA precisa estar muito voltado para a superação desses desafios, de modo que as dificuldades não sejam um empecilho na busca dos alunos jovens e adultos pelo seu direito a uma educação gratuita e de qualidade, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), em seu artigo 3º § 6º e 10º.

Das entrevistas e visitas técnicas que foram realizadas, percebemos que o Núcleo de Educação de Adultos, por ter surgido da iniciativa de alfabetizar os servidores da UFV e por manter-se até os dias atuais investindo em oferecer educação de qualidade aos seus alunos, apresenta-se como uma grande oportunidade para todos aqueles que não puderam ou não tiveram chance de acesso em idade regular. Ainda que o núcleo passe por diversos desafios, todas as pessoas lá envolvidas estão sempre em busca

de caminhos para superá-los, promovendo autonomia e liberdade de seus educandos enquanto sujeitos sócio-históricos que aprendem a ler e escrever para dizer sua própria palavra, revelando aos outros e a si mesmo o seu protagonismo social (FREIRE, 2005). Além disso, o núcleo vem possibilitando que a oportunidade desses alunos em retornar ao estudo seja cada vez mais válida e significativa para eles e, conseqüentemente, para os monitores/professores, pois só é capaz de ensinar aquele que também é capaz de aprender.

Referências

- ALMEIDA, F. C. *A educação de jovens e adultos no Brasil: Perspectivas e desafios*. Viçosa/MG. 2014.
- ARAÚJO, J. L.; BORBA, M. C. Construindo Pesquisas Coletivamente em Educação Matemática. In: BORBA, M. C.; ARAUJO, J. L. (Org) *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- BARRETO, J. C.; BARRETO, V. Um sonho que não serve ao sonhador. In: *Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasília: Unesco. 2008.
- BERNARDES, T. A. e SILVA, E.M.V. dos A. *O perfil do educando no núcleo de educação de adultos da UFV*. In: *XVII Simpósio de Iniciação Científica/UFV, 2007, Viçosa*. XVII Simpósio de Iniciação Científica/UFV, 2007.
- BERNARDINO, A. J. *Concepção de Cultura Trabalho e Tempo dos Professores da Eja*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação). Centro de Tecnologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, Paraná, 2008.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal.
- _____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996*.
- FÁVERO, Osmar. PIVERO, José. *Educação de Jovens e Adultos na América Latina: direito e desafio de todos*. São Paulo: Ed. Moderna, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria e prática*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980. 102p.
- _____. *Educação como prática de liberdade: a sociedade brasileira em transição*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 47ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, Eliane Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. *Alfabetização de jovens e adultos: em uma perspectiva de letramento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 27-58.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HADDAD, Sérgio (org.). *Novos caminhos em educação de jovens e adultos - EJA: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Ed. Global, 2007.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Técnicas de Pesquisa*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- LUNA, S. V. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1999.
- MARTINS, Rita de Cássia. *A educação de jovens e adultos no município de Viçosa: Realidade, desafios e caminhos*. 69f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 2013.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (16ª. Ed) Petrópolis: Vozes. 1994.
- MONEZI, C. A. *A visita técnica como recurso metodológico aplicado ao curso de engenharia*. Campina Grande/PB. 2005.
- PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação Popular e Educação de Adultos*. 5º Ed. São Paulo: Loyola, Ibrades, 1987.
- PORCARO, Rosa Cristina. *A História da Educação de Jovens e Adultos no Brasil*. Universidade Federal de Viçosa, 2004.

_____, Rosa Cristina. *O contexto histórico da EJA no Brasil*. Viçosa, MG. 2011.

SOARES, Magda Becker. *Paulo Freire e a alfabetização: muito além de um método*. Revista *Presença pedagógica*, v.4, n.21, mai/jun. 1998. P. 98-104.

SOBREIRA, R. C. de F. *NEAd- Espaço Educativo de Formação e Constituição de Saberes*. Disponível em: <<http://meuartigo.brasescola.com/educacao/nead.htm>>. Viçosa/MG. 2008. Acesso em: 1º dez. 2014.

Anexo

Roteiro usado nas entrevistas semiestruturadas com coordenadoras do Núcleo de Educação de Adultos (NEAd).

Entrevistada: Maria Dalva de Freitas.

- 1) Para você, na sua função de coordenadora pedagógica, qual o maior desafio enfrentado?
- 2) Atualmente o NEAd conta com quantos monitores? Todos são bolsistas?
- 3) Como os alunos são distribuídos nas salas? Há algum critério ou é por ordem de matrícula?
- 4) Qual a duração das aulas? Quantos dias da semana? Há intervalo entre as aulas?

Entrevistada: Rosa Cristina Porcaro.

- 1) Há quanto tempo a senhora é coordenadora e quais os principais desafios enfrentados pela senhora desde seu ingresso no NEAD?
- 2) Quais são os recursos que o núcleo tem para se manter em funcionamento?
- 3) Em relação à capacitação das monitoras, como é feita e por quem?
- 4) Sobre a formulação do Projeto Político Pedagógico, quem faz e como faz?
- 5) Por fim, sobre a queda significativa de matrículas ocorrida em 1999, a senhora já era coordenadora do núcleo? Se sim, essa queda de alguma maneira ameaçou o trabalho do núcleo e/ou sua existência?



O REVELAR DAS "VOZES DA BOCA DA MATA": a experiência da extensão universitária nos assentamentos de reforma agrária em Nossa Senhora da Glória- SE

Claudia Kathyuscia Bispo de Jesus¹

Resumo: *Este trabalho é fruto de uma atividade de Iniciação à Extensão (PIBIX) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). O trabalho alicerçou-se metodologicamente na pesquisa-ação, possuindo como foco a questão dos direitos sociais e, especialmente, a categoria qualidade de vida em seis assentamentos rurais localizados no município de Nossa Senhora da Glória, no Sertão Sergipano. O método utilizado concentrou-se no uso de grupos focais. Em suma, este trabalho permitiu, além de pesquisar as famílias assentadas e permitir que elas pudessem se apropriar e construir reivindicações/demandas voltadas para os direitos sociais e a qualidade de vida nos seus assentamentos, revelar vozes, até então, ocultas, contribuindo assim na compreensão de como elas vivenciam suas conquistas sociais, entendem e experienciam suas vidas.*

Palavras-chave: *Famílias rurais assentadas. Direitos sociais. Qualidade de vida.*

Área Temática: *Direitos Humanos e Justiça.*

THE REVEAL THE "VOICES OF MATA OF MOUTH": the experience of university extension in the agrarian reform settlements in Our Lady of Glory- SE

Abstract: *This work is the result of a Start activity to the extension (PIBIX) of the Federal University of Sergipe (UFS). Our project was methodologically its foundations in action research, having focused on the issue of social rights and especially the quality of life category in six rural settlements in the municipality of Nossa Senhora da Glória, in the Hinterland Sergipe. The method focused on type of use of focus groups. In short, this work allowed, in addition to research and contribute to settled families could take ownership and build claims / demands facing social rights and the quality of life in their settlements, revealing voices hitherto hidden, thus contributing to the understanding how they experience their social achievements, they understand and experience their lives.*

Keywords: *Seated rural households. Social rights. Quality of life.*

El revelar la "VOCES DE MATA DE BOCA": la experiencia de extensión universitaria en los asentamientos de la reforma agraria en Nuestra Señora de la Gloria- SE

Resumen: *Este trabajo es el resultado de una actividad de inicio de la extensión (PIBIX) de la Universidad Federal de Sergipe (UFS). La obra tiene sus fundamentos metodológicos de la investigación-acción, al haber centrado en el tema de los derechos sociales y sobre todo la calidad de la categoría de la vida en seis asentamientos rurales en el municipio de Nossa Senhora da Glória, en el Hinterland Sergipe. El método se centró en el tipo de uso de grupos de enfoque. En resumen, este trabajo permitió, además de la investigación y contribuir a familias asentadas podrían apropiarse y construir reclamos / demandas que enfrentan los derechos sociales y la calidad de vida en sus asentamientos, revelando voces hasta entonces ocultos, lo que contribuye a la comprensión cómo experimentan sus logros sociales, entienden y experimentan sus vidas.*

Palabras clave: *Asentado familias rurales. Los derechos sociales. Calidad de vida.*

¹ Professora substituta da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB, CEP 58429-500, Fone/Fax: 83 3315.3300. Email: claudia_kathyuscia@hotmail.com

Introdução

Este trabalho é fruto de um conjunto de atividades realizadas no âmbito do programa institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão (PIBIX) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). O nosso projeto alicerçou-se metodologicamente na pesquisa-ação, possuindo como foco a questão dos direitos sociais e, especialmente, a categoria qualidade de vida em seis assentamentos rurais localizados no município de Nossa Senhora da Glória, no Sertão Sergipano.

Nossa Senhora da Glória (ou antiga "Boca da Mata", em sua primeira povoação) é conhecida como a "Capital do Sertão" e caracteriza-se por ser um polo regional, particularmente em função da força de sua bacia leiteira. Tem uma área de 756,485 km², onde, segundo o último Censo do IBGE, vivem 32.497 habitantes, sendo que mais de 11.000 moram nas áreas rurais. O município está localizado ao oeste de Sergipe, situado a 122 km de distância de Aracaju e integra o território do Alto Sertão Sergipano. Os sujeitos da pesquisa foram as famílias dos assentamentos de reforma agrária do município de Nossa Senhora da Glória- SE, a saber: Zé Emídio (25 famílias); Zé Ribamar (32 famílias); Luiz Beltrane (20 famílias); Fortaleza (o primeiro desta região, com 46 famílias) e, por fim, o mais recente, o Adão Preto (100 famílias). Para tanto, durante o desenvolvimento deste trabalho (de 8/2011 a 8/2012), realizamos a dinâmica metodológica (que será aprofundada mais adiante) em 6 (seis) assentamentos rurais.

O camponês e seu protagonismo

A história do campesinato brasileiro é registrada pelas marcas de suas lutas na obtenção de um espaço próprio na economia e na sociedade, de processos sociais de resistência pelo direito de existir, enquanto homens e mulheres, em termos políticos, sociais, culturais e econômicos (WANDERLEY, 2009). O campesinato no Brasil sempre foi um setor bloqueado historicamente, especialmente por conta da negação sistemática, em diversas localidades, do acesso dessa população a terra (WANDERLEY, 2009). De tal modo, a questão da luta por espaço, a ideia de construção de um território² aponta, por si só, para o protagonismo do camponês, na qualidade de que este foi capaz de edificar - mesmo em situações profundamente adversas - um lugar tecido por seu modo de vida, suas formas de sociabilidade, experiências e lutas políticas, processos de produção e reprodução da vida.

Questões mais gerais - do ponto de vista político, principalmente - colocaram na ordem do dia o tema do campesinato. Por decorrência do processo de internacionalização da indústria brasileira, bem como do avanço do capitalismo no campo, que impulsionaram o desenvolvimento da modernização do processo produtivo na agricultura, desencadeou-se, enquanto reação a essa modernização excludente, uma forte organização dos trabalhadores rurais em vários municípios no País, que repercutiu em âmbito nacional por conta de seus atos políticos na década de 1950 e, principalmente, nos primeiros anos da década de 1960, que antecederam à implantação do Regime Militar em 1964. A organização política dos camponeses contou com o apoio dos partidos políticos, sobretudo do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e da Igreja Católica, os quais reunidos no I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, em 1961, formularam, pela primeira vez, uma proposta unitária de reforma agrária brasileira, como síntese de suas interpretações políticas acerca da questão agrária no país, gerando repercussão na imprensa (rádio e jornal, na época). Destarte, "essas eram as condições em que estava ocorrendo à redefinição política das relações de classes no campo. Isto é, pouco a pouco, verificava-se a metamorfose política do lavrador em camponês" (IANNI, 2004, p. 212), especialmente na condição de elaboração de sua identidade política.

A agenda política desses grupos camponeses expressava questões como: (a) reforma agrária; (b) livre direito à organização sociopolítica da classe trabalhadora rural; (c) extensão de direitos trabalhistas para o campo, bem como previdenciários; e (d) políticas públicas ligadas ao desenvolvimento produtivo no campo, fundamentalmente para a pequena produção rural (ANDRADE 2005; MARTINS, 1983). O elenco de aspectos aludidos acima mostra como as áreas rurais estavam incólumes aos direitos de cidadania, por causa, principalmente, do poder das elites agrárias em negá-los constantemente³. Vale

² Território no sentido de ser algo além de um espaço físico, é aquele em que há também relações socioculturais, história de vida, pertencimentos diversos (FERNANDES, 1996).

³ Vale ressaltar que, atualmente, essa realidade vem sendo modificada. Sobre isso, ler Delgado, 2011.

frisar que, esse período efervescente permitiu o acirramento dos conflitos no campo entre fazendeiros e camponeses, sobretudo, com a criação e a ação das Ligas Camponesas⁴.

Em meio à retomada das manifestações populares no período decisivo de encerramento do regime militar, o movimento camponês ganhou (novo) impulso, com destaque para o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)⁵. De acordo com Stédile e Fernandes (2012), as raízes do surgimento desse movimento foram determinadas por diversos fatores, dentre os principais: a) o aspecto socioeconômico das transformações que a agricultura brasileira sofreu na década de 70; b) modernização e industrialização no campo; c) a era da colonização da região Norte do país. Portanto, o nascimento do MST tem suas raízes nas condições objetivas do desenvolvimento da agricultura, logo, “O MST não surgiu só da vontade do camponês. Ele só pode se constituir como um movimento social importante porque coincidiu com um processo mais amplo de luta pela democratização do país” (STÉDILE; FERNANDES, 2012, p. 24).

Sônia Bergamasco (1996) define os assentamentos como a criação de novas unidades de produção agrícola, de base familiar, por meio de políticas governamentais, visando o (re)ordenamento do uso da terra, em benefício de trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra. Além disso, possibilitou o incentivo à organização social e a vida comunitária; os laços de sociabilidade tradicionais do campo, onde o parentesco e a vizinhança assumem papel preponderante.

No que se refere à família rural no projeto de reforma agrária, a mesma acaba assumindo caráter central, pois a criação dos assentamentos é a validação da importância e reconhecimento da família como elemento fundamental para a vida nos assentamentos, já que, “o sujeito da conquista do assentamento de reforma agrária tem um núcleo basicamente familiar, e de família extensa” (MARTINS, 2002, p. 19). Segundo Schneider (2003), a família rural é entendida como um grupo social que compartilha um mesmo espaço, possui em comum a propriedade de um pedaço de terra para cultivo agrícola e está ligada por laços de parentesco e consanguinidade (filiação), podendo, ainda, pertencer a ela outros membros não consanguíneos (adoção, compadres).

Diante dessa conceituação, parte-se da ideia de que a família rural assentada tenta garantir a reprodução social do grupo familiar e, conseqüentemente, a melhoria das condições de vida. Por isso, ela (a família rural) é a base de nossa compreensão e das nossas respostas acerca da questão da busca pela implementação dos direitos sociais em seus respectivos assentamentos rurais de reforma agrária. São essas famílias e as dinâmicas existentes nos assentamentos que têm possibilitado em vários municípios formas de inclusão social antes precarizadas pela ausência da posse da terra. Ademais, são elas que passam a buscar qualificar as políticas dos poderes públicos municipais, cobrando escolas, postos de saúde, melhorias de infraestrutura (BERGAMASCO, 2003; MARTINS, 2004).

A bandeira dos Direitos Sociais e da Qualidade de Vida

A partir do pressuposto que as famílias rurais assentadas são as protagonistas na busca por melhores condições de vida nos assentamentos e que desenvolvem, em muitas localidades, modos de cobranças para garantir uma maior e melhor aplicação de políticas públicas no meio rural, foram elas que se tornaram alvo de nosso trabalho⁶.

É importante destacar que, direitos são “a expressão de um patamar de sociabilidade e estão situados em um campo essencialmente político, porque são resultantes do embate de interesses e ações dos sujeitos sociais” (IAMAMOTO, 2004, p. 20). Desse modo, pressupõem as ideias de igualdade e justiça a partir da compreensão das desigualdades sociais vigentes na sociedade capitalista. Assim, a nossa compreensão pelo termo direito social parte do entendimento de que direitos são resultados de

⁴ As ligas camponesas foram um movimento de camponeses que teve seu início no ano de 1954 em Pernambuco e, posteriormente, na Paraíba, donde emergiram suas principais lideranças: Elizabeth Teixeira, João Pedro Teixeira, Francisco Julião e outros (as). As ligas existiram até 1964, sendo eliminadas, assim como as demais organizações de camponeses e trabalhadores rurais sindicalizados vinculados à esquerda. Tudo isso levou a um silenciamento da identidade política projetada a partir das ações e dos valores de mundo dos próprios homens do campo (JULIÃO, 1962).

⁵ O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) surgiu na região Centro-Sul do Brasil no período de 1984-1985. O movimento só teve contorno e repercussão nacional a partir dos anos 90, em função das vitórias e emblemas dos processos de ocupações de terra da época, a exemplo da ocupação na fazenda Macali. (TURATTI, 2005).

⁶ Como o presente texto resulta de um trabalho de extensão, o nosso objetivo é, além de pesquisar, contribuir para que famílias assentadas pudessem apropriar-se, por meio de informações, e construir reivindicações/demandas voltadas para os direitos sociais e a qualidade de vida nos Assentamentos de Reforma Agrária do município de Nossa Senhora da Glória-SE, por meio dos Conselhos Municipais existentes. Essa apropriação de direitos, atualmente, vem se dando por intermédio dos Conselhos Gestores Municipais. Dessa maneira, o PIBIX (entendido como uma troca de saberes entre a universidade e a sociedade) desempenhou um papel de fornecer subsídios para a participação popular, a partir do tema dos direitos sociais e da qualidade de vida junto aos principais beneficiários da reforma agrária (as famílias assentadas), objetivando que elas pudessem apropriar-se, em algumas situações, ainda mais dos referidos temas mencionados e inspirados no II Plano Nacional da Reforma Agrária (PNRA).

processos reivindicatórios ao longo do tempo; portanto, falar em direitos sociais significa mencionar os processos históricos de participação e reivindicação popular.

Partindo para uma procura histórica da inserção da sociedade civil no processo de participação junto aos poderes públicos, percebe-se que, nas décadas de 1980 e 90, fundamentalmente resultante do período de redemocratização brasileira, inúmeros debates emergiram na sociedade brasileira, bem como relevantes produções teóricas que foram surgindo com o intuito de contextualizar não só os paradigmas da participação da sociedade civil, mas também nas caracterizações dos seus diferentes campos de atuação. No Brasil, tal processo deu-se em uma conjuntura de emergência da democracia, da luta por direitos sociais, pós o fim da ditadura militar na década de 1980. Assim, o processo de participação da sociedade civil como direito, no que refere ao controle dos direcionamentos das políticas públicas, como também de sua presença nos programas sociais emergiu em um contexto sociopolítico de redemocratização da sociedade brasileira (MARTORANO, 2010).

A palavra participação historicamente foi associada a outros termos como democracia, representação, organização, cidadania. Compreendemos o termo participação neste trabalho enquanto um nível político de integração social de indivíduos em dados grupos (GOHN, 2003). Neste viés, percebe-se a participação do MST em Conselhos⁷.

Em sentido amplo, os conselhos são "canais de participação que articulam representantes da população e membros do poder público estatal em práticas que dizem respeito à gestão de bens públicos". (GOHN, 2003, p.7). Desse modo, os Conselhos Gestores surgiram em todo o país nos anos de 1990 em cumprimento às leis orgânicas que regulamentaram a Constituição Federal de 1988⁸. Tais dispositivos legais resultaram de um processo histórico de lutas e reivindicações da sociedade civil organizada, ocorridas no contexto dos anos 1970 e 1980, enquanto expressão da crise da ditadura militar implantada desde 1964. Os movimentos sociais, sindicatos, associações de profissionais, de bairro, dentre tantas, contestavam a centralização do poder e exigiam a democratização do Estado, com participação da sociedade civil nas decisões sobre as políticas públicas, num amplo movimento pela redemocratização do país, fato que culminou com o fim do regime militar em 1985 após 21 anos de ditadura⁹ (GOHN, 2003).

No universo da política, a participação dos indivíduos na sociedade civil tornou-se parte do vocabulário não só dos dicionários da ciência política, mas também nos "gritos de ordem" das reivindicações populares. A integração dos indivíduos nos processos de elaboração e tomadas de decisão, além do controle sobre os recursos e as instituições que controlavam o "andamento do social" na sociedade, emergiu fortemente nos anos de 1980 no Brasil, onde intensificou a necessidade de criação de mecanismos que garantissem uma maior participação dos segmentos organizados da sociedade civil (por exemplo, representações comunitárias e profissionais, sindicatos, movimentos populares).

Assim, um desses principais canais, ao menos teoricamente, era a possibilidade de criação de Conselhos, que oferecesse não apenas um instrumento de pressão das demandas populares, mas também uma qualidade da participação, aspecto que se apresentou de modo generalizado – não somente – para vários municípios rurais (GOHN, 2003). Os conselhos foram criados com a finalidade de diálogos entre o espaço público e os setores da sociedade civil, especialmente as camadas populares, voltado para demandas sociais (educação, saúde, renda, desenvolvimento sustentável, etc.).

No que diz respeito às demandas populares por melhorias na qualidade de vida, a nossa abordagem se respaldou, ademais, na definição proposta por Metzner; et al (1980), para qual a avaliação da qualidade de vida envolve indicadores que estão associados tanto aos aspectos objetivos (informações sobre as condições concretas e gerais da vida das famílias e do seu habitat), quanto a fatores subjetivos

⁷ É importante destacar que há controvérsias a respeito da participação do MST em conselhos. De acordo com Débora Goulart (2009, p. 22), "a atuação dos movimentos sociais se configurou na construção de espaços públicos, operando como reconhecimento de interesses e permanente negociação, com vista à ampliação dos direitos coletivos e de uma nova sociabilidade de cunho democrático, porém, o conjunto de proposições neoliberais redefine estes espaços por deslocar da esfera do público, estatal, coletivo, para o mercado o centro das relações sociais, desfigurando o 'bem público'".

⁸ Sobre Conselhos populares, enquanto resultado de processos sociais e democráticos, ver: BRETAS; SARAIVA, 2014.

⁹ Foi assim que na década de 1990, vários conselhos foram implantados nos diferentes níveis de administração pública (federal, estadual e municipal), em geral com composição paritária entre poder público e sociedade civil; de caráter deliberativo ou consultivo, e na maioria dos casos, sendo condição para o repasse de recursos dos fundos públicos. De tal modo, possibilitam a reorganização das políticas públicas brasileira, por meio de uma maior interação entre o governo e a população, a fim de criar formas de governança democráticas, resultando em políticas sociais de controle social. (GOHN, 2003).

(relacionados às percepções, avaliações e aspirações que as pessoas/família têm de suas próprias condições)¹⁰.

Desta forma, o presente trabalho de extensão almejou levar essa discussão para dentro desses assentamentos por meio de grupos focais, oferecendo possibilidades para que os assentados (as) se apropriem dos marcos legais do II- Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA)¹¹, corroborando com as demandas relativas ao tema da qualidade de vida. A ideia era que as famílias e sua instância de representação política (a associação) passem a exigir, nos respectivos Conselhos Gestores existentes no seu município, que tais aspectos (direitos sociais e qualidade de vida) sejam incorporados pelas políticas públicas e pela ação dos agentes da Assistência Técnica Rural (ATER/ ATER)¹². Nesse sentido, as famílias assentadas são protagonistas da reforma agrária e é sobre elas que devem se situar um conjunto de iniciativas capazes de possibilitar a consolidação e/ou a intensificação da luta pela conquista de direitos sociais e pela melhoria na qualidade de vida, uma vez que a posse da terra ainda não assegura a plena garantia de condições de permanência por intermédio do acesso a bens e serviços essenciais ao indivíduo na manutenção do seu núcleo familiar.

Percurso metodológico

Esse trabalho alicerçou-se metodologicamente na pesquisa-ação em seis assentamentos rurais localizados no município de Nossa Senhora da Glória, no Sertão Sergipano, com público-alvo de 242 famílias assentadas na região do Alto Sertão Sergipano. A técnica de coleta de dados foi à realização de grupos focais¹³, que, além de discutir e aprofundar os temas citados, também fez um observatório¹⁴ direto e participante dos processos interacionais que emergiram durante o grupo focal. A realidade focalizada e trabalhada foi a das famílias rurais dos assentamentos do município de Nossa Senhora da Glória, representando um total de 6 (seis) assentamentos.

O método pesquisa-ação¹⁵ busca interligar conhecimento e ação. O método ainda é de relevante utilização nas ciências sociais aplicadas em atividades de extensão universitária, sempre associado não apenas aos objetivos de ação, mas também a pesquisa de novos conhecimentos respaldados em marcos teóricos. Nesse viés, a aplicação dessa metodologia e de sua técnica de coleta de dados possibilitou fazermos um levantamento qualitativo a respeito do que as famílias rurais assentadas pensam sobre: a) a reforma agrária enquanto um direito social; b) se as mesmas conhecem e/ou tem contato com os conselhos gestores existentes no seu município; c) o que elas entendem por qualidade de vida.

Nesse sentido, buscamos ouvir os assentados de reforma agrária e saber por eles e elas quais são seus conhecimentos de acesso aos (seus) direitos sociais. Portanto, tivemos um cuidadoso exercício de saber ouvir essas vozes, até então, ocultas, vozes essas não reveladas nos dados estatísticos oficiais. É nessa perspectiva que o nosso trabalho buscou ter potencial criativo, uma vez que, ao desfrutar de técnicas de pesquisa participante/qualitativas¹⁶, tivemos a possibilidade de realizar uma colheita expressiva de informações das condições em que se encontra (os assentamentos de reforma agrária do município de Nossa Senhora da Glória) no acesso aos mecanismos de ingresso às políticas públicas e nos Conselhos Gestores, principalmente tendo como base os resultados de nossas discussões com as famílias camponesas.

¹⁰ No tocante da qualidade de vida, este tema está relacionado aos valores culturais, contextos econômicos e sociais, bem como as percepções apresentadas pela família rural assentada. Na realidade, admite-se que essas famílias possuem concepções e capacidades de elaboração sobre o que representa qualidade de vida, uma vez que a consolidação do assentamento rural, na maioria dos casos, se dá por um árduo período de reivindicação. A qualidade de vida está constituída por elementos específicos ou fatores, os quais formam o contexto da experiência de vida dos indivíduos. (METZEN et al, 1980).

¹¹ O II- Plano Nacional de Reforma Agrária foi resultado de acúmulos de debates entre técnicos e movimentos sociais, principalmente o MST, na formulação legal de demarcação de terras, em novembro de 2003, durante a Conferência da Terra, em Brasília. Sobre isso, consultar ABRA (2002).

¹² São serviços técnicos prestados aos assentamentos e comunidades rurais, decorrente da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) e o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária (PRONATER).

¹³ Vale ressaltar que, o grupo focal apresenta-se de forma pertinente nas ciências humanas, em especial nas ciências sociais, ora por oferecer uma fonte de informação em pesquisas científicas (como assim se sucederam nas décadas de 1970 e 80 em áreas particulares e em processos de pesquisa-ação), ora por ser um rico instrumento técnico nas investigações de pesquisas qualitativas, uma vez que seus resultados produzem-se pela dinâmica interacional de um grupo de pessoas (GATTI, 2005).

¹⁴ Recorri à observação direta para analisar a dinâmica do MST frente a sua participação nos conselhos gestores porque "a observação como técnica de pesquisa não é contemplação beata e passiva; não é também um simples olhar atento. É essencialmente um olhar ativo sustentado por uma questão e por uma hipótese" (LAVILLE; 1999, p. 176).

¹⁵ Consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por intermédio de grupos em que encontram-se reunidos pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados na resolução dos problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que sejam formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas (THIOLLENT, 2011, p. 7).

¹⁶ Pesquisa participante entendida como "conhecimento coletivo, a partir de um trabalho, que recria, de dentro pra fora, formas concretas dessas gentes, grupos e classes participarem do direito e do poder de pensarem, produzirem e dirigirem os usos de seu saber a respeito de si próprias" (BRANDÃO, 1981, p. 09- 10).

Resultado

No tocante à qualidade de vida, bem como à compreensão da reforma agrária enquanto um direito social, foi unânime a percepção entre os participantes dos grupos focais. Abaixo descrevemos alguns momentos do diálogo:

[facilitador]: “O que é ser assentado?”.

[participantes]: “conquista do direito a terra”;

[participantes]: “considerar cidadão”;

[participantes]: “direito de plantar”;

[participantes]: “a liberdade”;

[participantes]: “ter uma terrinha... é o começo de cada um... a mudança para o trabalho coletivo”;

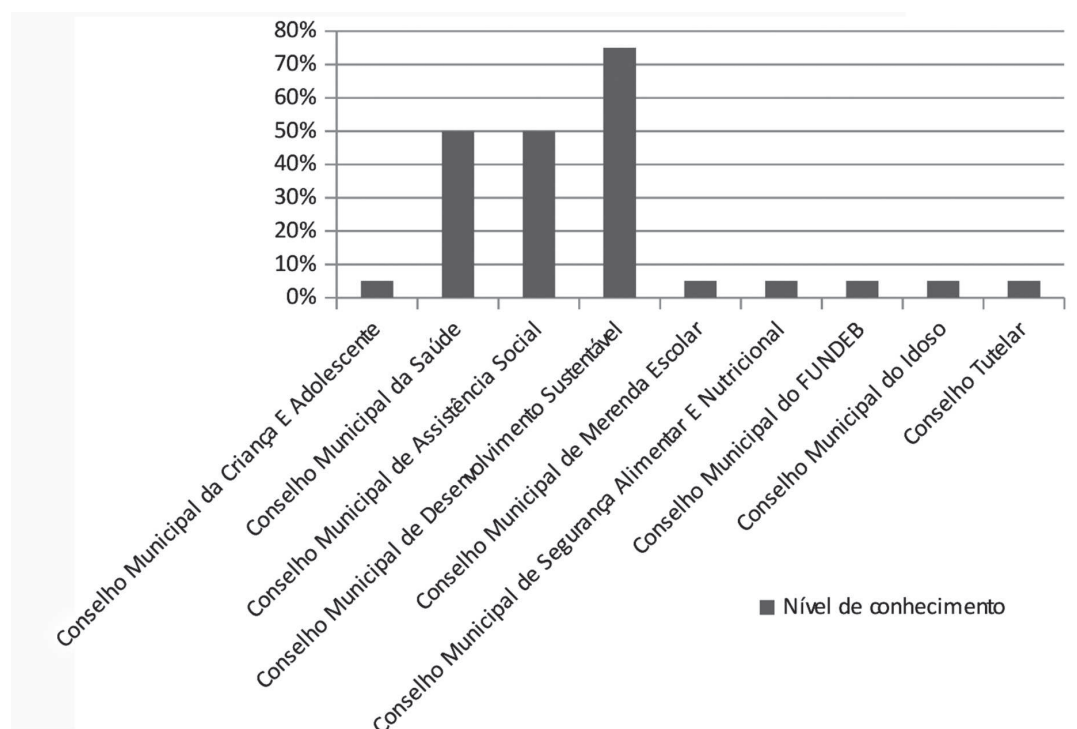
Após as dinâmicas de reflexões, lançada no grupo focal, pôde-se perceber a satisfação dos assentados rurais com a conquista da terra havia alguns acampamentos com mais de dez anos de espera. Entretanto, eles reconheciam que somente a obtenção do lote não garantia a qualidade de vida, pois isso dependia do acesso às condições básicas.

As expectativas para o futuro enlaçam elementos que vão da conquista da casa e de condições de crédito para o trabalho – aquilo que, no entender de Wanderley (2004), é articular o ideal camponês, o de morar e trabalhar em sua terra –, que se combinam a necessidade de escola para os filhos, água, saneamento. Esses componentes – entes da representação deles sobre qualidade de vida – passam, sem dúvida alguma, pela conquista dos direitos sociais, ou seja, um depende de modo contundente do outro.

Sobre as percepções dos conselhos existentes no município de Nossa Senhora da Glória, por parte das famílias rurais assentadas, ver gráfico a seguir.

Percebe-se que, no gráfico 1, os conselhos mais conhecidos (conhecido no sentido de saber de sua existência e de, às vezes, os conselheiros fazerem visitas às famílias nos assentamentos) por parte das famílias assentadas que participaram dos grupos focais foram: o Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS); o Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável (CMDS); e o Conselho Municipal de Saúde (CMS).

Gráfico 1 - Os Conselhos Municipais de Glória mais conhecidos por parte dos assentados rurais



Fonte: dados da pesquisa de campo (2012)

Serão sobre os três aludidos conselhos que teceremos alguns comentários. Primeiro, a respeito do CMAS, foi unânime o conhecimento do mesmo por parte dos assentados, visto que é esse conselho o responsável pela aplicação dos principais programas de assistência do governo federal, a exemplo do benefício Bolsa Família; Programa Pró-jovem e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Esse conselho é paritário e composto por 10 membros titulares e os respectivos suplentes.

O CMDS é composto por 15 membros, sendo que 80% representam a sociedade civil e 20% é composto por representação governamental. De acordo com os relatos dos participantes nos grupos focais, esse conselho desempenha um papel importante nos assentamentos de reforma agrária, pois é por meio dele que o assentado tem acesso às linhas de crédito, incentivo agrícola para a sua produção e também aos programas de apoio do governo ao pequeno agricultor, como é o Auxílio Safra e, recentemente, o Bolsa Estiagem. Em suma, O Conselho de Desenvolvimento Sustentável é um dos conselhos que tem um histórico de participação de movimentos sociais do campo (em especial o MST), pois se caracteriza como principal canal de acesso às políticas agrícolas de produção (RIBEIRO & SANTANA, 2002).

No decorrer da pesquisa-ação percebemos que, dos seis assentamentos trabalhados, três tinham representantes em tal conselho (assentamento Adão Preto, Luís Beltrame e Zé Emídio, esse último tem dois conselheiros) o que chamou a atenção. Esses dados demonstraram que o Movimento dos Sem Terra-MST começa a perceber a importante estratégia de sua atuação dentro dos conselhos gestores, como uma garantia de reivindicação e de acesso aos direitos sociais. Logo, a participação e o controle social, por esse grupo no Conselho de Desenvolvimento Sustentável são de valiosa contribuição para a manutenção da produção do assentamento, bem como da garantia de permanência das famílias assentadas¹⁷.

Portanto, a participação de militantes do MST nesses arranjos institucionais é uma tentativa de obtenção de recursos públicos para as famílias assentadas, haja vista que, após o processo de conquista da terra, inicia-se outra luta pela consolidação e manutenção dos assentamentos rurais de reforma agrária.

Ademais, pode-se mencionar que o Conselho Municipal de Saúde (CMS), vinculado a Secretaria Municipal de Saúde, tem como objetivo a promoção da saúde pública, bem como a capacitação dos seus respectivos conselheiros. No entanto, esse conselho foi citado por todos os participantes nos grupos focais de maneira satisfatória e insatisfatória. Satisfatória por ser um dos poucos que tinham representantes fazendo visitas domiciliares (visita médica móvel, contendo médico, agente de saúde e, às vezes, dentista). E insatisfação pelas dificuldades de marcação de exames nos postos de saúde, nas proximidades dos assentamentos.

Além disso, é importante destacar que é notável o não conhecimento, por parte dos assentados da existência e/ou ausência do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional e do Conselho do Idoso. Assim, uma indagação é necessária para melhor caracterizar essa problemática: i) Será que tais conselhos estão limitados às demandas da população urbana do município de Glória? ii) quais são as dificuldades desses conselhos de estenderem suas finalidades à zona rural do município? Essa última indagação pode ser feita aos demais conselhos supracitados (no gráfico 1), pois parece ser um dilema que envolve não somente os assentados do município, mas também as demais populações longínquas de conselhos gestores, ou seja, o sistemático abandono que o Estado brasileiro ofertou as populações rurais no País (MARTINS, 2006).

Esse cenário pode ser compreendido pelos dilemas do desmantelamento no Brasil, ocasionado pelo efeito das políticas neoliberais que alastra o agravamento das desigualdades e exclusões sociais e, conseqüentemente, a falência dos serviços públicos e a regressão de direitos civis (TELLES, 1999).

Por fim, pôde-se perceber que um conjunto de dificuldades - delegação de poderes, desconhecimento dos marcos legais das políticas públicas, altos índices de analfabetismo, necessidades imediatas de sobrevivência que precisam ser garantidas cotidianamente - acabam reproduzindo situações desfavoráveis de construção de ações políticas consistentes na busca de pressionar esses conselhos, além de outras instâncias governamentais (municipais, estadual e federal), para a conquista de direitos e de qualidade de vida mais digna.

Considerações Finais

É possível perceber que o surgimento do assentamento rural representou (e representa) uma tentativa de redemocratização do acesso às terras. Além disso, simbolizou (e simboliza) a materialização da

jornada de lutas históricas pela terra ao longo do processo de colonização do Brasil. Ademais, a existência do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), bem como de outros movimentos camponeses, no panorama político nacional colocam, na ordem do dia, reivindicações da garantia de permanência desses sujeitos na viabilização de sua reprodução social.

Assim, é perceptível a busca por novas formas de participação política, por parte do movimento, a exemplo da inserção e participação de assentados (as) rurais nos conselhos gestores, a fim de, nesses espaços, protagonizar (novas) lutas na obtenção de direitos sociais, consequentemente, garantindo uma melhoria nas suas condições de vida.

Vale ressaltar também que, vivemos uma época de destruição do legado das conquistas históricas dos trabalhadores, em detrimento dos interesses do capital sob sua ideologia neoliberal, com isso a presença do Estado Mínimo no regresso dos direitos. Mediante a essa conjuntura, que afeta não somente o meio rural, faz-se necessário resgatar o papel do Estado no processo de reforma agrária, como prevê o II- PNRA, que deve orientar-se na viabilização da promoção do acesso à terra, bem como o acesso a direitos referentes à seguridade social (saúde, previdência e assistência social), a fim de possibilitar a garantia da qualidade de vida no campo.

No decorrer do processo da atividade de extensão podem-se pontuar como considerações finais que foram apreendidas várias características dos modos de pensar e os níveis de percepção das condições de vida das famílias rurais assentadas do município de Nossa Senhora da Glória (antiga Boca da Mata). Desse modo, vale ressaltar a importância da extensão universitária não somente pela sua função social, mas também pela sua contribuição teórico-empírica emergida no decorrer do seu processo de aplicação e desenvolvimento, num eterno fazer-se no próprio ato do saber-fazer acadêmico. Assim, desmistifica-se a ideia de que a extensão universitária é 'assistencialismo', prestadora de serviço e que não se alicerça no fazer científico da produção do conhecimento (FREIRE, 2011).

No geral, o que foi levantando e trabalhado junto às áreas assentadas possibilitou a socialização (e levantamento) de informações sobre a situação da qualidade de vida desses assentamentos ilustrados por meio da análise de seus indicadores objetivos e isto se deu por intermédio da busca por saber do seu conhecimento e por acesso aos conselhos gestores, uma vez que esses são os canais de contato com os benefícios públicos; e de outro modo, pela compreensão dos fatores subjetivos, relacionados às percepções, avaliações e aspirações que as famílias assentadas têm de suas próprias condições¹⁸. Portanto, obtivemos a materialização do objetivo do nosso trabalho, que era o de buscar compreender como as famílias assentadas vivenciam suas conquistas sociais, entendem e experienciam a vida nos assentamentos.

Esses dados obtidos, ou melhor, essas "vozes ouvidas", não constam nos dados estatísticos oficiais. Uma vez que, na atualidade, as várias pesquisas realizadas em assentamentos rurais sobre as suas condições e qualidade de vida estão, em sua maioria, restritos ao recurso dos dados de indicadores quantitativos. Com isso, não se tem a devida preocupação com o que eles representam para estas famílias.

Vale ressaltar que, a pesquisa de campo não deve ser invasiva, entretanto, não negamos a ocorrência da nossa intervenção para com as famílias rurais assentadas no decorrer da pesquisa, intervenção esta que possibilitou obter de viva voz respostas, depoimentos e narrativas. De tal modo, "a interferência interpretativa do pesquisador se dá no desvendamento das conexões entre o visível e o invisível, entre o que chega à consciência e o que se oculta na alienação própria da vida social." (Martins, 2011, p. 14). De tal modo, podemos concluir que o nosso trabalho permitiu, em certa medida, suprir esse desconhecimento das condições e modos de vivenciar suas vidas (agora) na condição de assentados (as) rurais. Portanto, conseguimos, minimamente, fazer com que se ouça de outra forma aquilo que, até então, estava sem ser ouvido: as famílias rurais assentadas.

Referências

- ABRA. *Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária - ABRA* (Edições de 1971 a 2014). Disponível em: <<http://www.abrareformaagraria.com.br>>. Acesso em: 6 abr. 2016.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste: contribuições ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 7ª edição. São Paulo, Cortez, 2005.
- BERGAMASCO, Sônia Maria Pessoa Pereira. *O que são assentamentos rurais*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- BRETAS, P. F. F.; SARAIVA, L. A. S. Discursos e sentidos da participação popular em um centro de saúde de Belo Horizonte. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, v. 13, n. 2, p. 203-218, 2014.
- DELGADO, Guilherme. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. *SciELO*, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/v15n43a13.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *MST: movimento dos trabalhadores rurais sem-terra, formação e territorialização em São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* 15^o edição São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. *Conselhos Gestores e Participação sociopolítica*. 2^a ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela. Prefácio In: COUTO, Berenice Rojas. *O direito social e a assistência social na sociedade brasileira: uma equação possível?* São Paulo: editora Cortez, 2006.
- IANNI, Octavio. *Origens Agrárias do Estado Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- JULIÃO, Franciso. *O que são ligas camponesas?* São Paulo: Brasiliense, 1962.
- LAVILLE, Christian. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciencias humanas*. Tradução: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- MARTINS, José de Souza (Org.). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MARTORANO, Luciano Cavini. *Conselhos e Democracia: em busca da socialização e da participação*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- MEDEIROS, Leonildes Servólos de. Movimentos sociais no campo, lutas por direitos e reforma agrária na segunda metade do século XX. In: CARTER, Miguel. *Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- _____. *Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais*. Petrópolis-RJ, 1981.
- _____. O futuro da sociologia rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. In: *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 15, out/2004, p. 5-12.
- _____. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- METZEN, E.; WILLIAMS, F.L; SHULL, J.; KEEF, D.R. *Quality of life as affected by area of residence. I project description*. Columbia: University Missoure, College of Agriculture, Agricultural Experiment Station, 1980. 112 p. (Research Bulletin, 1036)
- TELLES, Vera da Silva. *Direitos Sociais: afinal do que se trata?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: editora Cortez, 18^a edição, 2011.
- WANDERLEY, Maria N. B. *O mundo rural como um espaço de vida*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- _____. “Morar e trabalhar”: o ideal camponês dos assentados de Pitanga. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *Travessias: a vivência da reforma agrária nos assentamentos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 203-247.



Engenharia Pública: da necessidade social e urbana à experiência de Engenharia Civil e Arquitetura

Pedro Paulo Mingote Martins¹, Priscilla Voss Ventorim², Daniely Camargos Lucarelli³, José Maria Franco de Carvalho⁴

Resumo: O Engenharia Pública é um projeto de extensão que possui caráter social e oferece gratuitamente às comunidades carentes de Viçosa e região serviços relacionados à Engenharia Civil e Arquitetura em função da demanda e da necessidade da população. A partir da elaboração de soluções economicamente viáveis e tecnicamente adequadas para a problemática das obras no espaço urbano, o Engenharia Pública promove projetos que buscam o protagonismo e o desenvolvimento social, como o da construção do Centro Educacional e Ação Social São Sebastião e o curso de capacitação em construção civil, segurança do trabalho e empreendedorismo em parceria com a Casa da Mulher. Como resultados foram alcançadas melhorias na infraestrutura urbana, a fomentação do aprendizado prático dos estudantes em sua área de atuação e o desenvolvimento de ações comunitárias.

Palavras-chave: Desenvolvimento Social. Voluntariado. Desenvolvimento Urbano.

Área Temática: Políticas Públicas; Urbanização.

Public Engineering: from social and urban necessities to Civil Engineering and Architecture experience

Abstract: Public Engineering is a socially oriented university extension project that provides freely Civil Engineering and Architecture services to low-income communities from Viçosa and surroundings due to their demands and needs. Through the development of economically viable and technically appropriate solutions to the work problems in the urban space, the Public Engineering promotes projects that seek the role and social development. For instance, the construction of the Educational Center and Social Action São Sebastião and the civil construction, labor safety and entrepreneurship training courses in partnership with the House of the Women. As results were achieved improvements in urban infrastructure, the fostering of practical learning of students in their area of expertise and the development of communitarian actions.

Keywords: Social development. Volunteering. Urban Development.

Ingeniería Pública: de la necesidad social y urbana a la experiencia de Ingeniería Civil y Arquitectura

Resumen: El Ingeniería Pública es un proyecto de extensión que tiene un carácter social y ofrece gratuitamente a la comunidad de Viçosa y a sus entornos servicios de ingeniería civil y arquitectura en función de la demanda y necesidad de la población. A partir de la elaboración de soluciones económicamente viables y técnicamente adecuadas para la problemática de las obras en el espacio urbano, el Ingeniería Pública promueve proyectos

¹ Aluno do curso de Engenharia Civil da Universidade Federal de Viçosa, participante do projeto, Endereço: Rua Fuad Chequer, Nº 70, Apto 202, Bairro Clélia Bernardes, Viçosa-MG, Telefone: (31) 9419-4542, e-mail: martins.engciv@gmail.com

² Aluna do curso de Engenharia Civil da Universidade Federal de Viçosa, participante do projeto, Endereço: Rua José Antônio Rodrigues, Nº 110, Apto 301, Bairro Centro, Viçosa-MG, Telefone: (28) 99958-8882, e-mail: priscillavoss@hotmail.com

³ Aluna do curso de Engenharia Civil da Universidade Federal de Viçosa, participante do projeto.

⁴ Professor do Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de Viçosa, coordenador do projeto.

que buscan el protagonismo y el desenvolvimiento social, como, el de la construcción del Centro Educacional y Acción Social San Sebastián y el curso de capacitación en construcción civil, seguridad laboral y emprendimiento, en conjunto con la Casa de la Mujer. Como resultados se logró mejorías en la infraestructura urbana, además de la fomentación del conocimiento práctico de los estudiantes en su área de actuación y del desenvolvimiento de acciones comunitarias.

Palabras clave: *Desenvolvimiento social. Voluntariado. Desenvolvimiento Urbano.*

Introdução e Justificativa

Comumente, as construções no Brasil são realizadas sem os respaldos técnico e profissional necessários a fim de assegurar qualidade e segurança à obra. Nenhuma delas, porém, deveria ser executada de tal forma. O projeto de engenharia é que garante a permanência da construção numa estrada estreita margeada por dois precipícios: de um lado o da insegurança e, do outro, o do desperdício (SANTOS, *apud* MILLEN, 2012). As causas dessa conduta estão arraigadas, de forma preocupante, na cultura brasileira, e vão desde a falta de recursos financeiros para contratar um profissional capacitado até a falta de conhecimento acerca da importância dos serviços prestados por esse tipo de profissional. Como consequência, essas construções apresentam problemas diversos que, em casos catastróficos, afetam não só a comunidade em que está inserida, mas, sim, a cidade como um todo.

Sendo assim, constatou-se a necessidade da criação do projeto de extensão Engenharia Pública, que tem como objetivo oferecer gratuitamente à população carente de Viçosa e região serviços relacionados às áreas de atuação da Engenharia Civil e Arquitetura, e, além disso, por meio de consultorias, informações e discussões, buscar soluções economicamente viáveis e tecnicamente adequadas para a problemática das obras no espaço urbano.

Objetivos

Destacam-se como objetivos do projeto o diálogo pedagógico entre estudantes e público-alvo a respeito das possibilidades de redução de custos de obras; das tecnologias de baixa demanda de recurso; da ajuda mútua para execução de obras; das possibilidades de capacitação; do aproveitamento dos recursos humanos disponíveis; e, também, da busca por fontes de financiamento. As ações possibilitam, ainda, aos estudantes aplicar os conhecimentos obtidos ao longo do curso em situações reais e desenvolver o aprofundamento conceitual em variados tipos de projetos, bem a formação profissional por meio do aprendizado em novas áreas que nem sempre podem ser exploradas nos cursos de graduação, como os conceitos de ética profissional e relação interpessoal.

Equipe e Metodologia

Atualmente, a equipe é composta por um estudante bolsista, 23 estudantes voluntários, sendo que 21 são da Engenharia Civil e 2, da Arquitetura e Urbanismo; 2 engenheiros voluntários, 1 professor orientador e diversos professores colaboradores.

Em relação à forma de obtenção de trabalhos, tanto a divulgação quanto a captação dos projetos a serem realizados se dão em locais de referência dos bairros carentes da cidade, como, por exemplo, associações e igrejas. Em função da demanda e da necessidade da população, são elaborados os projetos, os quais podem ser: estruturais, arquitetônicos, hidráulicos e de saneamento, de prevenção e combate a incêndio, de transportes e de capacitação, entre outros. São oferecidos também serviços de orçamentação, consultoria e acompanhamento de obras.

O público-alvo são famílias carentes de Viçosa e região, além de associações comunitárias, creches e lar de idosos. O projeto visa, ainda, a dar suporte e apoio a iniciativas de ONG's como o "Engenheiros sem Fronteiras" e associações como a "Casa das Mulheres", uma vez que se acredita que a troca de experiências é a melhor forma de disseminar o que se tem a ensinar e a aprender.

A metodologia consiste em um conjunto de práticas que estimula, além da realização de atividades nas comunidades carentes, a vivência prática requerida pelos estudantes de conteúdos como a execução dos projetos elaborados e networking, por exemplo.

Ações

Diversas ações em várias frentes foram empreendidas dentro do projeto de extensão “Engenharia Pública” no período de fevereiro de 2014 a maio de 2015. As mais relevantes citadas a seguir:

- Trabalho de divulgação:
 - Visitas ao bairro Nova Viçosa, com o objetivo de informar à população o local sobre o oferecimento de assistência e auxílio na elaboração de projetos para construção e reforma e com o de captar demandas;
 - Criação e manutenção do Blog Engenharia Pública (<http://engenhariapublica.blogspot.com.br>);
 - Criação e manutenção da página no Facebook do Engenharia Pública (<https://www.facebook.com/engpublica>);
- Elaboração de projetos e consultorias técnicas finalizados.
- Projeto arquitetônico e estrutural de uma residência unifamiliar de dois pavimentos na comunidade Sítio Periquito, Coimbra, MG.
- Projeto arquitetônico e estrutural de uma residência unifamiliar de dois pavimentos na comunidade de Bom Jesus, Viçosa, MG.
- Projeto arquitetônico e estrutural da Capela do Marengo, na zona rural de Coimbra, MG – vide Figura 1:

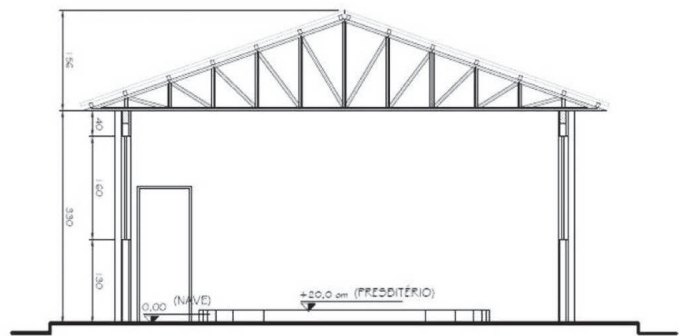


Figura 1 - Projeto arquitetônico e estrutural da Capela do Marengo, na zona rural de Coimbra-MG.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2014.

- Projeto de recuperação de uma travessa junto ao planejamento de um escadão no bairro Centro, de Viçosa, em parceria com a Edifica Consultoria, Empresa Júnior de Engenharia Civil em andamento. Projeto estrutural e hidrossanitário do Centro Educacional e Ação Social São Sebastião, que visa a atender cerca de 200 (duzentas) crianças, do berçário à pré-escola, no bairro Inácio Martins, Viçosa, MG.
- Estudo para a verificação estrutural e o dimensionamento de elementos de reforços do Santuário de Urucânia, MG.
- Projeto estrutural e arquitetônico para a construção de um segundo pavimento na Corporação Musical Santíssima Trindade.
- Estudo da problemática da mobilidade urbana no município de Coimbra, MG, incluindo visitas à cidade, visando a elaboração de projetos e orientações técnicas para a melhoria do trânsito e propostas de alternativas para vias de acesso ao futuro frigorífico da região.
- Projeto de Prevenção e Combate a Incêndio e Pânico para a REBUSCA, Creche vinculada à Igreja Presbiteriana de Viçosa, Viçosa, MG.

Material técnico e de apoio às comunidades interessadas

o Desenvolvimento de um curso de capacitação, em parceria com o Engenheiros sem Fronteiras e com a Casa da Mulher, sobre Construção Civil, Segurança do Trabalho e Empreendedorismo, em Viçosa, MG;

- Elaboração de um estudo de custo médio de edificações de padrão popular em Viçosa e Região consistindo no orçamento de quatro protótipos a partir de preços de materiais e mão de obra praticados localmente (gerou um Trabalho de Conclusão de Curso);
- Contribuições na elaboração de minicursos e workshops para as comunidades interessadas.

Políticas públicas

o Sondagem contínua junto aos órgãos públicos na busca de soluções para a problemática da habitação em Viçosa, incluindo participação em reuniões e visitas a órgãos da prefeitura na busca de alternativas.

Metas

O projeto tem como meta atingir um modelo de engenharia pública funcional e efetivo para Viçosa e região. Para isso, almeja-se o envolvimento de estudantes, prefeitura e profissionais, em esforço conjunto, para oferecer soluções técnicas de qualidade, segurança e de viabilidade econômica à sociedade de modo geral.

Visa-se a transcender o limite físico da Universidade Federal de Viçosa e, com isso, levar à cidade a excelência do ensino da Instituição no que tange à Engenharia, cujo conhecimento, de fato, é público. Pretende-se, dessa forma, realizar a implantação de medidas que efetivamente promovam melhorias na infraestrutura urbana, isto é, no trânsito, no sistema de abastecimento, saneamento e drenagem de água, e tantos outros.

Além disso, pretende-se ainda sensibilizar a sociedade de que o projeto de engenharia não é um obstáculo burocrático ou um problema a ser vencido, mas, sim, uma solução que oferece economia, conforto e segurança ao usuário.

Conclusão

Diante da situação urbana vigente na cidade de Viçosa e região, em consonância com a realidade de todo o país, em que as ruas não suportam mais carros, a drenagem é insuficiente – e, por vezes, até inexistente – e o processo de construção é precário e oneroso, vê-se, pois, de fato, a necessidade do projeto, que visa a minimizar e/ou extirpar tais tipos de problemas.

Ao entender que a construção de uma sociedade mais justa passa pela mobilização, organização e participação popular (SOUZA, L. M, 2014), o Engenharia Pública abarca questões que vão desde as manifestações patológicas relacionadas à má execução da obra aos riscos inerentes de projetos elaborados e executados sem respaldo técnico. Neste cenário, surgem, por exemplo, os projetos de combate a incêndio da REBUSCA e estrutural da creche São Sebastião, em que o primeiro atua de forma a prevenir e minimizar tragédias; e o segundo, a promover educação de qualidade e ainda possibilidade de empregos para as mães das crianças atendidas.

Observa-se, assim, que o projeto mais do que construir obras, visa a construir possibilidades na vida daqueles que, de alguma forma, fazem parte da trajetória em formação do Engenharia Pública. A máxima de Mahatma Ghandi: “Seja a mudança que você quer ver no mundo.” cabe aqui ao se observar que, por meio do projeto, constrói-se um pouco daquilo que o mundo, de fato, precisa, isto é, educação, justiça, dignidade e conhecimento.

Agradecimento

Faz-se um agradecimento especial a todos os participantes do projeto Engenharia Pública, que apoiaram a iniciativa de relatar essa experiência de vida.

Referências Bibliográficas

MILLEN, E B. *Um projeto estrutural pelo preço de uma panqueca*. O Empreiteiro: 2012. Disponível em: <http://www.oempreiteiro.com.br/Publicacoes/11667/Um_projeto_estrutural_pelo_preco_de_uma_panqueca.aspx>. Acesso em: 25 maio 2015.

SOUZA, L. M. *Curso de formação de educadores jovens do campo: uma trajetória em formação*. Revista ELO - Diálogos em Extensão, Viçosa, v. 03, n. 01, p. 78-84, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.elo.ufv.br/docs/v3n1/relato-2.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2015.



"Ginasticando": parcerias e possibilidades da Ginástica na comunidade

Priscila Lopes¹

Resumo: O Projeto de Extensão "Ginasticando" tem como meta disseminar a Ginástica em Diamantina, MG. Tendo início em 2011, teve seus objetivos e metodologias modificadas de acordo com as demandas da região, diagnosticadas por meio de estudos e pesquisas na área da Educação Física escolar. Os principais resultados alcançados até o momento apontam para a necessidade de continuidade do projeto no sentido de contribuir para a ampliação do repertório de práticas corporais vivenciadas no ambiente escolar.

Palavras-chave: Ginástica. Educação Física. Escola.

Área Temática: Educação; Saúde.

"Ginasticando": partnerships and possibilities of Gymnastics at the community

Abstract: The Extension Project "Ginasticando" aims to disseminate Gymnastics in Diamantina, MG. Beginning in 2011, had modified their objectives and methodologies according to the demands of the region, diagnosed by means of studies and research in the field of Physical Education. The main results achieved so far point to the need for continuation of the project in helping to expand the repertoire of experienced corporal practices at school.

Keywords: Gymnastics. Physical Education. School.

"Ginasticando": las asociaciones y las posibilidades de la Gimnasia de la comunidad

Resumen: El Proyecto de Extensión "Ginasticando" tiene como objetivo difundir la Gimnasia en Diamantina, MG. A partir de 2011, había modificado sus objetivos y metodologías de acuerdo a las demandas de la región, diagnosticados mediante estudios e investigaciones en el campo de la Educación Física. Los principales resultados obtenidos punto hasta el momento a la necesidad de la continuación del proyecto para ayudar a ampliar el repertorio de las prácticas corporales experimentados en la escuela.

Palabras clave: Gimnasia. Educación Física. Escuela.

¹ Mestre em Educação Física pela EEFPE-USP; Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Rua do Bicame, 1408B, Pedra Grande, Diamantina, MG - (38) 98814-8727 - priscalopes@usp.br

Introdução

Alguns estudos dedicam-se a discutir a importância da extensão no contexto universitário. Além de contribuir para a formação dos acadêmicos, ela tem o poder de gerar transformações significativas no ambiente onde as universidades estão inseridas (MAGALHÃES, 2007; DIAS, 2009; ARAUJO, 2014).

O Curso de Educação Física (licenciatura e bacharelado) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) é oferecido pela Faculdade de Ciências Básicas da Saúde no Campus JK, em Diamantina, Minas Gerais. Entre seus principais objetivos, além da formação de professores de Educação Física, destacamos a prestação de serviços à população, visando beneficiá-la com projetos de extensão, projetos de pesquisa científica e tecnológica e seus resultados. Essas ações visam contribuir para promoção e manutenção da qualidade de vida das pessoas, principalmente, as das regiões onde está inserida a Universidade.

Entre as ações de pesquisa e extensão do referido curso, destacamos o Grupo de Estudos e Práticas das Ginásticas (GEPG), coordenado pela docente Priscila Lopes e registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil pela Plataforma Lattes. O grupo foi criado em 2011 por docentes e discentes da UFVJM com a intenção de se aprofundar nas questões que permeiam a Ginástica em suas diferentes vertentes e ambientes. O objetivo do grupo é desenvolver e aprimorar estudos e práticas pedagógicas voltadas para o ensino da Ginástica em suas mais variadas possibilidades e ambientes. O GEPG também produz trabalhos científicos, os quais são divulgados em eventos científicos e publicações específicas da área, além de planejar e atuar em projetos de extensão, cursos, oficinas, workshops, dentre outras atividades.

Neste relato de experiência, destacamos o Projeto de Extensão "Ginasticando" como uma das ações desenvolvidas pelo GEPG desde a criação do grupo, o qual iremos descrever abordando seu histórico, metodologia de desenvolvimento e principais resultados alcançados, no sentido de contribuir para reflexão e desenvolvimento de outras propostas com características semelhantes.

"Ginasticando" – histórico, objetivos e metas

O desejo de desenvolver projetos na área da Ginástica destinados ao público infantojuvenil de Diamantina foi manifestado desde as primeiras reuniões entre os membros do GEPG. O Curso de Educação Física já se preocupava em trabalhar com o conteúdo ginástico no ambiente escolar desde 2008 por meio de Mostras de Ginástica Geral, as quais eram desenvolvidas pelos alunos das disciplinas de Ginástica para cumprir as 15 horas de Prática de Ensino. Os acadêmicos ministravam aulas semanais de Ginástica em atividades extracurriculares em diferentes escolas, sendo que, ao final do processo, deveriam compor uma apresentação coreográfica para ser assistida pela comunidade diamantinense.

No entanto, as atividades aconteciam durante um curto espaço de tempo a cada semestre e o trabalho não tinha continuidade porque havia um revezamento entre as escolas participantes.

Mesmo sendo extremamente gratificante para a comunidade, não era possível vislumbrar uma evolução do trabalho com a Ginástica para todos os envolvidos. A quantidade de horas que os acadêmicos tinham contato com os alunos na escola não permitia desenvolver um planejamento que abrangesse o conteúdo ginástico trabalhado na disciplina de forma que ampliasse o conhecimento pedagógico. Por outro lado, o contato que os alunos da escola tinham com a Ginástica se pautava apenas na vivência de alguns elementos ginásticos e ensaio de coreografias que eram elaboradas pelos acadêmicos, não permitindo um processo criativo colaborativo que contribuísse para a formação de sujeitos autônomos em suas ações.

A partir destas reflexões, o "Ginasticando" começou a ser construído no primeiro semestre de 2011 com o intuito de proporcionar uma experiência mais completa aos envolvidos. As metas estabelecidas tinham como objetivo ampliar o conhecimento do acadêmico em relação ao "ensinar ginástica" de forma ampla e contínua, além de disseminar a prática da Ginástica para alunos da rede de ensino básico de Diamantina na intenção de aproximar a Universidade, no âmbito da Educação Física, de outras instituições de ensino.

Sua primeira edição iniciou em maio de 2011 atendendo 60 crianças, entre sete e 12 anos de idade da Escola Estadual Mata Machado, localizada na região central de Diamantina, as quais se deslocavam para o Campus I da UFVJM e participavam de duas aulas semanais em atividades extracurriculares com duração de 1h30min. No período de quase um ano, com equipamentos próprios para a prática

da Ginástica, os mesmos utilizados para as disciplinas do Curso de Educação Física; as aulas aconteceram em um espaço relativamente adequado com orientação dos monitores do GEPE, que se reuniam semanalmente para elaborar o planejamento.

Em 2012, os integrantes do GEPE, após avaliação da primeira fase do projeto, entenderam que a proposta precisava se adequar à realidade escolar da cidade, uma vez que a maioria das instituições públicas de Diamantina não dispõe de material e espaço adequado para o desenvolvimento da Ginástica. Dessa forma, as atividades passaram a ser desenvolvidas em duas aulas semanais de Educação Física com uma hora de duração para uma turma de 30 crianças de 1º ano do Ensino Fundamental, nas dependências da Escola Municipal Belita Tameirão, também no centro de Diamantina.

Para que as aulas acontecessem, utilizamos o espaço do parque infantil da escola que dispunha de caixa de areia, barras de suspensão de três diferentes tamanhos e outros brinquedos que foram utilizados para o desenvolvimento das habilidades específicas da Ginástica. Foi necessário também utilizar equipamentos alternativos, os quais foram confeccionados com materiais recicláveis pelos alunos da Universidade e pelos próprios alunos da escola, tais como trave de equilíbrio feita com madeira de demolição, colchão feito com caixa de leite e jornal, baldes, cabos de vassoura, entre outros. Como não havia professor de Educação Física na escola, as aulas continuaram a ser desenvolvidas sob a orientação de monitores do GEPE e alunos das disciplinas de Ginástica que planejavam as atividades semanalmente.

Em 2013 e 2014 o projeto foi interrompido e o GEPE se dedicou à estudos que sinalizam a importância de desenvolver a autonomia dos professores de Educação Física para lidarem com as dificuldades do trato da Ginástica na escola. A literatura estudada aponta que muitos professores parecem negligenciar esse conteúdo pela falta de materiais específicos, pelo déficit de espaço adequado, falhas na formação profissional, más condições de trabalho, turmas enormes e desmotivadas, etc. (RINALDI, SOUZA, 2003; MARCASSA, 2004; SCHIAVON, NISTA-PICCOLO, 2007; SERON et al., 2007; PEREIRA, CESÁRIO, 2011).

Nesse sentido, em 2015, o “Ginasticando” retornou com uma proposta ainda maior: promover a formação continuada de professores de Educação Física para desenvolverem os conteúdos da Ginástica em suas aulas na escola. O objetivo atual do projeto abrange oferecer cursos de formação continuada sobre o tema Ginástica na Educação Física escolar para professores de escolas públicas da região; auxiliar a elaboração de plano de ensino que organize os conteúdos da Ginástica nos anos escolares; auxiliar a elaboração de planos de aula que abordem a Ginástica na Educação Física escolar; acompanhar e auxiliar o desenvolvimento de aulas que abordem a Ginástica na Educação Física escolar.

Convidamos seis professores de duas escolas públicas da região para participar dessa nova fase do “Ginasticando”, Escola Estadual Mata Machado e Escola Estadual Dr. João Pinheiro. O curso de formação continuada foi desenvolvido no primeiro semestre de 2015 nas dependências da UFVJM, ministrado por integrantes do GEPE, que, por meio de um levantamento prévio com os professores, diagnosticaram as principais dificuldades destes com a Ginástica na escola e elaboraram um cronograma com temas baseados na literatura especializada na área, os quais acreditamos ser essenciais para se trabalhar na escola.

Durante o curso, os professores elaboraram um plano de ensino de acordo com a realidade de suas escolas e um bloco de planos de aula com 16 unidades para desenvolver os conteúdos da Ginástica na disciplina de Educação Física para determinado ano escolar (à escolha do docente), durante um bimestre letivo. No último bimestre de 2015, as aulas foram desenvolvidas pelo próprio professor e acompanhadas por integrantes do GEPE, que atuaram como estagiários e elaboraram relatórios diários que serão analisados no momento de avaliação do projeto.

Após a fase de aplicação das aulas abordando a temática Ginástica na escola, faremos uma avaliação do processo como um todo em conjunto com os professores participantes do projeto no sentido de verificar a eficácia do curso de formação continuada no que diz respeito aos impactos positivos observados durante o desenvolvimento das aulas. Pretendemos que essa avaliação seja um ponto de referência para prosseguir nas ações de formação continuada futuramente, além de possibilitar a elaboração de um material didático produzido pelo GEPE com base nas experiências decorrentes do projeto “Ginasticando”.

As avaliações serão organizadas por meio de relatórios em modelos pré-estabelecidos pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFVJM e serão analisadas por meio de métodos qualitativos ainda não determinados pelo GEPE, item que iremos definir ao final do projeto.

O projeto foi desenvolvido em 2015 e continua em execução no ano de 2016 com o intuito de atender professores de pelo menos mais duas escolas públicas da região.

Considerações finais

A presença da Ginástica dentro e fora da escola não tem sido observada ultimamente em nossa sociedade. Embora a história da Educação Física brasileira se confunda com a origem da Ginástica, o que tem predominado em nosso cotidiano são os esportes coletivos com bola, mais especificamente o futebol.

A princípio não vemos problemas nessa lacuna, entretanto, restringir a experiência de crianças e jovens a um pequeno número de práticas corporais pode gerar consequências na formação integral do cidadão. Os conhecimentos e as experiências acerca da diversidade da cultura corporal de movimento (Jogos e brincadeiras, Esportes, Lutas, Ginástica e Dança) são direitos de todos, principalmente no ambiente escolar. Trabalhar com tal diversidade proporciona ao aluno condições para se constituir como um indivíduo autônomo e crítico, dono (de forma consciente) de suas escolhas futuras (ROSÁRIO; DARIDO, 2005).

O projeto "Ginasticando" atua no sentido de contribuir com a premissa apresentada acima, pelo menos no que tange o conteúdo da Ginástica na Educação Física escolar. Ainda temos um caminho árduo à percorrer, mas acreditamos que os resultados alcançados até o momento vêm contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento da Ginástica na região e, principalmente, para a reflexão sobre a abordagem desse conteúdo na escola para os estudantes do Curso de educação Física da UFVJM envolvidos nesse processo.

Fontes de financiamento

O Projeto de Extensão "Ginasticando" foi financiado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFVJM nos anos de 2012 e 2015 por meio de bolsa para monitores e material de consumo via Programa Institucional de Bolsa de Extensão; e pela *Partners of the Americas*, instituição americana que apoia projetos sociais e que financiou a compra de alguns equipamentos básicos para as escolas participantes do projeto no ano de 2015.

Agradecimentos

À Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFVJM, ao Departamento de Educação Física da UFVJM, aos integrantes do GEPG e à *Partners of the Americas*.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, C. M. *Implicações dos projetos de extensão universitária para a formação do professor de educação física*. 2014. 90f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, 2014.
- DIAS, A. M. I. Discutindo caminhos para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física*, vol. 1, n. 1, p.37-52, 2009.
- MAGALHÃES, H. G. D. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: tensões e desafios. *ETD - Educação Temática Digital*, v.8, n.2, p. 168-175, 2007.
- MARASSA, L. Metodologia do ensino da ginástica: novos olhares, novas perspectivas. *Pensar a Prática* 7/2: 171-186, 2004.
- PERERIRA, A. M.; CESÁRIO, M. A ginástica nas aulas de educação física: o "aquecimento corporal" em questão. *R. da Educação Física/UEM*, v. 22, n. 4, p. 637-649, 4. trim. 2011.
- RINALDI, I. P. B.; SOUZA, E. P. M. A ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos cursos de licenciatura em educação física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Campinas. *Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas*, v. 24, n. 3, p. 159-173, 2003.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da Educação Física na escola: a perspectiva dos professores experientes. v. 11, n.3, Rio Claro: *Motriz*, p.167-178, 2005.

SCHIAVON, L. M.; NISTA-PICCOLO, V. L. A Ginástica vai à escola. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 131-150, 2007.

SERON, T. D. S.; MONTENEGRO, J.; RINALDI, I. P. B.; LARA, L. M. A ginástica na educação física escolar e o ensino aberto. *R. da Educação Física/UEM Maringá*, v. 18, n. 2, p. 115-125, 2007.



Integração universidade-comunidade por meio da literatura

Daiane Glaeser de Oliveira¹, Dra. Mairim Linck Piva²

Resumo: O projeto *Literatura: leituras e ensino*, de caráter extensionista, com carga horária de 40h, consiste em um espaço de discussão e aperfeiçoamento para discentes de graduação e pós-graduação, egressos universitários bem como para a comunidade em geral, oportunizando o aprofundamento de seus conhecimentos, especialmente vinculados à linha de pesquisa em *Literatura*. Dessa maneira, os objetivos deste artigo é a divulgação do curso *Literatura: leituras e ensino*, bem como o compartilhamento das experiências adquiridas ao atuar como docente no aludido projeto.

As atividades desenvolvidas são baseadas no material ficcional, em elementos sociais, culturais e biográficos com intuito de situar os participantes em relação à produção literária contemporânea. O curso atinge estudantes de diferentes áreas ligadas às Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande e, também, de outras instituições, sendo ainda um espaço de atualização para profissionais da área das Letras.

Palavras-chave: Extensão. Literatura. Leitura. Ensino.

Área Temática: Educação e Cultura.

University-community integration through literature

Abstract: The project *Literatura: leituras e ensino* is an extensionist activity, with duration of 40h, which consists in a discussion and improvement space for graduation and post-graduation students, for university graduates and for all the community, allowing the deepening of the knowledges, specially related to the research line of *Literature*. In this way, the objective of this article is the disclosure of the course *Literatura: leituras e ensino*, as well as the sharing of the experiences in the teacher performance in the project.

The developed activities are based on the fictional material, in social, cultural and biographic elements with the objective of situating the participants in relation to the contemporary literary production. The course involves students from different areas linked to Human Sciences of Universidade Federal do Rio Grande, and from other universities, also being an actualization place to professionals from the *Curso de Letras*.

Keywords: Extension courses. Literature. Reading. Teaching.

Integración universidad-comunidad a través de la literatura

Resumen: El proyecto *Literatura: leituras e ensino*, de carácter extensionista, con carga horaria de 40h, consiste en un espacio de discusión y mejoramientos para discentes de graduación y pos graduación, egresos universitarios bien como para la comunidad en general, proporcionando la oportunidad de profundización de sus conocimientos, en especial vinculados a la línea de investigación en *Literatura*. De esa manera, los objetivos de este artículo es divulgar el curso *Literatura: leituras e ensino*, bien como compartir experiencias adquiridas al actuar como docente en el aludido proyecto.

¹ Mestranda em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande. Endereço: Rua Conde de Porto Alegre, 489 - Centro - CEP: 96225-000 - São José do Norte/RS. Endereço eletrônico: daiane.glaeser@hotmail.com. Telefone: (53) 8441-8501.

² Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande, vinculada ao Instituto de Letras e Artes, coordenadora dos projetos de extensão mencionadas nesse relato. Endereço eletrônico: mairimpiva@furg.br.

Las actividades desarrolladas son basadas en el material ficcional, en elementos sociales, culturales y biográficos con el intuito de situar los participantes en relación a la producción literaria contemporánea. El curso atinge estudiantes de distintas áreas ligadas a las Ciencias Humanas de la Universidad Federal de Rio Grande, e, incluso, de otras instituciones, siendo también un espacio de actualización para profesionales del área de Letras.

Palabras clave: *Extensión. Literatura. Lectura. enseñanza.*

O projeto de extensão intitulado *Literatura: leituras e ensino* caracteriza-se por proporcionar a seus participantes um espaço de reflexão e discussão sobre a Literatura. O referido projeto permite a atuação dos discentes de graduação e pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande, como ministrantes. O curso conta com a coordenação de uma professora do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande, Mairim Linck Piva, configurando-se também para os alunos de graduação como um espaço para realização de estágios; circunstância em que Daiane Oliveira ingressou no projeto ainda em sua primeira edição, no ano de 2014.

É pertinente esclarecer que esse curso busca dar continuidade a uma série de atividades extensionistas que vêm sendo oferecidas pelo Instituto de Letras e Artes desde 2007, sempre voltadas para a área da Literatura. Inicialmente, os cursos oferecidos tinham como temática a Literatura do Rio Grande do Sul, abrindo espaço para a discussão literária de autores sulinos. Em 2014, o curso de extensão *Literatura: leituras e ensino* surgiu, então, com a proposta de ampliar os horizontes do projeto, abrangendo, também, autores consagrados pelo cânone literário e autores contemporâneos da Literatura brasileira.

Nesse sentido, a temática das aulas ministradas girou ao redor da linha de pesquisa em Literatura abrangendo duas perspectivas: a leitura literária e a metodologia de ensino de Literatura. Assim, o projeto ofereceu à comunidade em geral um curso de extensão, de 40 h/a, consistindo na leitura e análise de textos literários e de propostas pedagógicas. A estrutura do curso apresentou diferentes módulos, os quais enfocaram os gêneros literários e as relações entre Literatura e outras áreas do conhecimento.

Pedagogicamente, o curso foi dividido em três módulos: *Formação de leitor, Gêneros textuais e Literatura e outras linguagens*, estruturados em 13 encontros. O primeiro encontro foi realizado com a presença de todos os ministrantes e envolvidos no projeto. No decorrer do curso foram trabalhados contos, crônicas, histórias em quadrinhos, poesia, novela, teatro, cinema e música. Procurou-se mostrar como a Literatura está presente em todas essas linguagens. A organização do projeto com essa estrutura foi realizada pensando na extrema importância de oportunizar ao público leitor o conhecimento da produção literária de forma ampla. O incentivo à leitura literária parte da compreensão de que:

Ler é reformular significados tantas vezes quantas forem necessárias a partir do encontro entre novas ideias e opiniões, daí decorre a conclusão de que é nos textos e pelos textos que podemos adquirir a competência de operar criativamente, um tipo de saber cada vez mais singular na contemporaneidade, ressaltando que é na Literatura, que o homem por meio da palavra e de sua capacidade criadora, recorta parte da realidade (BRITO, 2010, p.2).

Dessa maneira, a proposta de trabalho nesse projeto se deu por meio das análises literárias surgidas após a leitura prévia das obras escolhidas, de maneira a instigar os alunos a interagirem entre si e a resgatarem, a partir da leitura, todo o emaranhado de sentimentos, experiências e significados possíveis de serem vivenciadas pela Literatura. O propósito foi privilegiar o sentido e as leituras críticas das produções literárias. Os aspectos formais também foram trabalhados na perspectiva de que eles contribuem para o sentido do texto. De acordo com Cosson (2006):

No exercício da Literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (p. 17).

Dessa forma, tentou-se apresentar a Literatura em seu sentido amplo e prazeroso, sem cair na tentação pedagógica de escolarizá-la dividindo-a em períodos datados. Isso porque o curso busca atender a um público amplo e diversificado, pois é aberta para toda a comunidade, buscando incentivar novos leitores e mediadores de leitura, já que “os benefícios que a leitura promove em sua sociedade são inúmeros, o resgate da cidadania, desenvolvimento de um olhar crítico e competências, a integração social e a ampliação de seus horizontes” (BRITO, 2010, p.27).

Mas o que se entende como leitura? Brito (2010, p. 3) explana que “o conceito de leitura na maior parte das vezes está relacionado com a decifração dos códigos linguísticos e sua aprendizagem. No entanto, não podemos deixar de levar em consideração o processo de formação social deste indivíduo, suas capacidades, sua cultura política e social”. Por isso, ressalta-se que a atividade de leitura é muito mais complexa do que uma mera decodificação de mensagens escritas, conforme a autora, o desenvolvimento dessa competência implica na relação direta entre dimensões linguísticas e sociais. Regina Zilberman (1991), apresenta uma definição de leitura relacionada à compreensão do real, resultando na primazia do sujeito sobre tudo aquilo que o rodeia, conforme explícito a seguir:

Compreendida de modo amplo, a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca. Pois, se este lhe aparece, num primeiro momento, como desordenado e caótico, a tentativa de impor a ele uma hierarquia qualquer de significados representa, de antemão, uma leitura, porque imprime um ritmo e um conteúdo ao seres circundantes. (p.17)

A partir dessas considerações a autora aponta a leitura mítica do mundo como uma forma de leitura presente na cultura primitiva do ser humano. Com o surgimento da linguagem e da escrita, a definição de leitura generalizada exposta anteriormente, conforme Zilberman, passa a “traduzir principalmente uma relação com a linguagem, agora depositada no texto escrito” (ZILBERMAN, 1991, p,18).

Por esse motivo, as aulas foram planejadas de forma a abranger a interação social e a oralidade, por isso, a maioria delas se deu em formato de seminários discursivos ou, rodas de conversas, visando abranger a corrente de diversas possibilidades de sentidos encontrados nos textos literários trabalhados e nas relações entre os sujeitos e o mundo.

Para Bordini (1993), a Literatura proporciona a descoberta dos sentidos de um texto de forma mais abrangente do que qualquer outra área. Isso porque ela “dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla” (BORDINI, 1993, p.13). Cabe ressaltar que os alunos muitas vezes reveem na Literatura práticas pedagógicas que não dão conta de trabalhar a Literatura de forma ampla e significativa à formação do aluno. Tais práticas, por exemplo, utilizam para o aprendizado da Literatura apenas resumos ou trechos de obras literárias, ou até mesmo, apresentam-na aos alunos de maneira fragmentada, dividida por períodos e suas respectivas características. Por isso, tem-se uma resistência muito forte, em sua maioria por parte dos jovens, quando se trata de ler um livro literário, principalmente se for um cânone da Literatura brasileira, por exemplo. Foi pensando nesse contexto, que se abriu o espaço, dentro do curso de *Literatura: leituras e ensino*, para outros gêneros artísticos vinculados à Literatura. Visando despertar o interesse dos alunos, procuramos propiciar outras formas de levar a Literatura até eles.

É importante destacar, que a relação entre a Literatura e o Cinema, a Música, o Teatro e as HQs, por exemplo, são alternativas para recuperar o gosto pela literatura e instigar a leitura. Vale ressaltar, que cada forma de arte possui o seu valor, o que se tentou fazer foi trabalhar de forma a inter-relacioná-las para alcançar um propósito, que, se conseguiu lograr com êxito com certeza. Foi por intermédio dessa perspectiva, por exemplo, que, em uma das aulas, foi trabalhado o filme: “A cartomante” (2009), baseado no conto de Machado de Assis. Procuramos estabelecer relações semelhantes e distintas, não só entre elementos literários e cênicos, como também entre diferentes espaços e tempos, trazendo o contraste entre o mundo contemporâneo e o “antigo”. As músicas e as HQs também foram opções de aproximar a Literatura ao mundo dos alunos, agindo como meios motivadores para se chegar ao gosto pela leitura literária. Essa vertente oferecida no curso também dialoga com a proposta de metodologias de ensino de Literatura na escola, já que se procura inovar o ensino aproximando a Literatura do contexto do aluno.

O curso *Literatura: leituras e ensino* tem como principal objetivo estimular a formação de leitores, buscando, ainda, fomentar pesquisas relacionadas à área de Literatura, visto que a realização dos seminários estimulou a produção de trabalhos na área.

O curso atingiu estudantes de diferentes áreas ligadas às Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande e também de outras instituições, tanto no nível de graduação, como no de pós-graduação. Obteve-se a participação, inclusive, de professores e alunos da rede pública de ensino. Fato que desvela a importância das práticas de ensino vinculadas aos projetos de caráter extensionistas oferecidos pelas universidades, pois conseguem ultrapassar os limites de seu próprio espaço e contribuir para a comunidade em geral. Em 2014, a inovação foi oportunizar discussões sobre metodologia de ensino de Literatura, motivo pelo qual muitos graduandos da área de Letras participaram como alunos a fim de adquirir experiência para o estágio final do curso. Dessa forma, o curso *Literatura, leituras e ensino* também objetivou despertar um novo olhar acerca da produção literária que pode servir de incremento para as relações de ensino-aprendizagem e fomentar futuras pesquisas.

As atividades desenvolvidas foram baseadas no material ficcional, em elementos sociais, culturais e biográficos com intuito de situar os participantes em relação à produção literária contemporânea. As aulas expositivas contaram com leitura das obras literárias e o auxílio de recursos multimídia.

Logo, o intuito do curso é abordar a Literatura de um modo amplo, buscando trabalhar o ensino da disciplina de maneira reflexiva com docentes, futuros docentes e interessados em Literatura. Por tratar-se de um curso de extensão, no qual os alunos matriculam-se por vontade própria, não houve avaliação quantitativa, no entanto, os estudantes foram avaliados a partir da presença e participação em seminários propostos pelos ministrantes. Ao decorrer das aulas ficaram evidentes algumas dificuldades de certos alunos em determinados conteúdos ou até mesmo no exercício de leitura literária. Nesse sentido foi dada uma atenção particular às necessidades de cada um.

Ao longo da experiência como docente do aludido curso na função de estágio, os ministrantes podem obter a oportunidade de reconhecer os verdadeiros méritos de serem professores. No meu caso, Daiane Oliveira, apesar de não ter exercido a profissão em uma escola tradicional, é válido ressaltar, nesta análise, o sentimento de plena realização sentido em sala de aula. Ainda no primeiro encontro, verificou-se que a turma em geral foi muito participativa e a diversidade de áreas existente era um ponto positivo referente às discussões realizadas ao longo das aulas. Por esse motivo, surgiu a segurança em planejar as aulas sempre contando com a colaboração e participação dos alunos. Quanto à escolha das leituras, optou-se por trabalhar com textos curtos, possibilitando a leitura em sala de aula e garantindo o envolvimento de todos.

Apesar de, em 2014, estar concluindo o último ano da graduação em Letras Português-Espanhol, a primeira oportunidade de exercer a docência ocorreu no curso *Literatura: leituras e ensino* e o primeiro momento que me enxerguei como professora foi no decorrer do segundo encontro com a turma, na qual lecionei o gênero Poesia. Nesse caso, dez poesias da escritora Cecília Meireles foram escolhidas para análise. Apesar de já possuir uma leitura crítica prévia de cada uma das poesias, foram privilegiados os vários pontos de vista dos alunos e suas colaborações. No decorrer da experiência, as análises em conjunto direcionaram as discussões para situações imprevistas no momento de planejamento das atividades. Este relato é realizado evidenciando a positividade dessa prática de ensino, pois acredita-se que o saber se faz em conjunto, principalmente em um contexto situacional de ensino-aprendizagem baseado na troca de experiências. Esse processo de ensino-aprendizagem junto ao público presente realizou-se de maneira a valorizar o conhecimento de mundo dos alunos, ou seja, aquele adquirido no decorrer de suas vivências familiares e sociais, bem como suas opiniões e posicionamentos diante das temáticas estudadas. Dessa forma, as aulas foram planejadas e realizadas a partir de debates e seminários, contando com a participação e colaboração dos alunos.

O breve relato exposto é um exemplo de que nem sempre as aulas planejadas ocorrem tal como nos planos de aula. A atribuição de um professor, além do planejamento, consiste em orientar a aprendizagem e, muitas vezes, o planejado não dá conta das necessidades surgidas instantaneamente nas discussões.

Com relação às dificuldades surgidas durante a prática de ensino no referido projeto, por se tratar de um curso de extensão voltado à comunidade riograndina realizado no espaço da Universidade, cujos alunos, adultos, matricularam-se por vontade própria, não se enfrentou problemas quanto à disciplina e desempenho dos mesmos.

Quanto ao meu próprio desempenho como docente, sempre procurei me esforçar ao máximo e planejar as aulas com responsabilidade e eficiência, pois penso que ser professor é trabalhar no auxílio do desenvolvimento de pessoas e, para isso, o respeito e a responsabilidade são princípios fundamentais. Tentei, promover um espaço amplo de discussões aberto ao diálogo e à aprendizagem em conjunto. Claro que algumas vezes saí da sala de aula insatisfeita, com a sensação de que eu poderia ter feito melhor, mas esse é um sentimento que pretendo carregar por toda a minha carreira de docente, porque sei que posso estar em constante renovação e em processo de aperfeiçoamento profissional.

Salienta-se que no último encontro foi realizada uma confraternização entre todos os ministrantes e alunos, os quais responderam um questionário contendo algumas questões sobre o desenvolvimento do projeto de extensão. Além disso, houve espaço também nesse questionário para que os alunos apresentassem sugestões de leituras e metodologias a serem utilizadas nas próximas edições.

Essa edição do projeto *Literatura: leituras e ensino* contou com um número relevante de matriculados, porém ao longo do curso foi notada a evasão de alguns alunos, processo enfrentado também nas outras edições desse curso e por outros cursos de caráter extensionista. Esse aspecto foi levantado em sentido geral do curso como ponto negativo. No entanto, alguns pontos positivos foram expostos pelos alunos que frequentaram até o final e responderam o questionário avaliativo, tais como: as trocas de experiências no aprimoramento e expansão do conhecimento, a abertura de novas ideias para planejamento de aulas de Literatura e as aulas ministradas sob o método de seminários, em que todos os envolvidos participavam ativamente.

No primeiro semestre de 2015, o curso foi novamente oferecido, intitulado *Literatura: leitura, escrita e ensino*. A palavra *escrita* foi incorporada ao título pois o processo de produção tornou-se de forma mais efetiva um dos objetivos do curso. Atualmente, esse curso está ligado ao projeto de extensão “Socializando a leitura”, vinculado ao Instituto de Letras e Artes (ILA), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), sob coordenação da Prof.^a Dra. Mairim Linck Piva, Prof.^a Dra. Adriana Gibbon e Prof. Dr. Artur Vaz. Além disso, encontra-se também vinculado ao projeto de pesquisa “Imaginário e intimismo: múltiplas representações literárias”, coordenado pela Prof.^a Dra. Mairim Linck Piva.

Referências

- BRITO, Danielle Santos de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. Revela *Periódico de Divulgação Científica da FALS*. Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010 - ISSN 1982-646X. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf>. Acesso em 3 mar. 2016.
- BORDINI, Maria da Glória; Aguiar, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 50.ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1991.



Literatura e extensão: processo essencial na formação de leitores

Cibele Hechel Colares da Costa¹, Fernanda Machado Johannsen², Mairim Link Piva³

Resumo: O relato aponta reflexões sobre a prática de cursos de extensão na área de Literatura, desenvolvidos na Universidade Federal do Rio Grande (entre 2007 e 2015), vinculados ao Instituto de Letras e Artes. Análises de Aguiar e Bordini (1993), Candido (2004) e Lajolo e Zilberman (1996, 2001 e 2009) norteiam alguns dos pontos sobre leitura e formação de leitores que estão na base de nossa práxis enquanto coordenadora e docentes envolvidas nos projetos extensionistas. As atividades visam despertar o prazer relacionado ao ato da leitura, bem como ampliar a relação entre a formação de leitores e a ampliação da inserção social de indivíduos atuantes na sociedade.

Palavras-chave: Curso de extensão. Literatura. Formação de Leitores.

Área Temática: Literatura e educação.

Literature and scope: essential process in the formation of readers

Abstract: The experience report reflects about the activities in the extension courses in the literature area, developed in the Universidade Federal do Rio Grande, bound to Instituto de Letras e Artes. Analysis from Aguiar and Bordini (1993), Candido (2004) and Lajolo and Zilberman (1996, 2001, and 2009), guide some of the topics about reading and the reader formation in our work as coordinator and teachers of the extensionist projects. The activities aim to awake the pleasure of reading, as well as stimulating the relation between the readers formation and the increasing of the social insertion of acting individuals in the society.

Keywords: Extension courses. Literature. Readers formation.

Literatura y alcance: proceso esencial en la formación de lectores

Resumen: El informe señala reflexiones sobre la práctica de los cursos de extensión en el área de Literatura, desarrollado en la Universidade Federal de Rio Grande, vinculado al Instituto de Letras e Artes. Análisis Aguiar y Bordini (1993), Candido (2004) y Lajolo y Zilberman (1996, 2001 y 2009) que guía algunos de los puntos sobre la lectura y la formación jugadores que son la base de nuestra práctica como coordinador y los profesores implicados en el proyecto de ampliación. Las actividades tienen como objetivo despertar el placer relacionado con el acto de la lectura, así como ampliar la relación entre la formación de lectores y la expansión de la inclusión social de las personas activas en la sociedad.

Palabras clave: Curso de extensión. Literatura. Lectores de Formación.

¹ Doutoranda em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande. Endereço residencial: Rua Dom Bosco, 1017 - Bloco 02 Apto 307 - Cohab II - CEP: 96211-092 - Rio Grande/RS. Endereço eletrônico: cibele_colares@yahoo.com.br. Telefone: (53) 8409-1247

² Mestranda em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande.

³ Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande, vinculada ao Instituto de Letras e Artes, coordenadora dos projetos de extensão mencionadas nesse relato.

Introdução

O relato trata dos cursos de extensão na área dos estudos literários oferecidos na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), desde 2007. Os cursos são coordenados por professores do Instituto de Artes e Letras (ILA) e ministrados por acadêmicos em nível de graduação, mestrado e doutorado da área de Letras e afins.

Objetivos

Este artigo tem como objetivo central relatar as atividades extensionistas desenvolvidas na área dos estudos literários oferecidos na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), desde 2007. Bem como fazer um levantamento dessas práticas para que o grupo envolvido possa ter um panorama (e um registro, com essa publicação) do que já foi realizado e avançar em próximas ações.

Metodologia

O presente trabalho foi construído a partir de uma revisão bibliográfica com o foco na leitura e na formação de leitores. Além disso, foram utilizados os registros realizados pelas docentes dos cursos extensionistas para auxílio na exposição dos resultados obtidos ao longo da realização das atividades.

Resultados e Discussões

No ano de 2007, desenvolveu-se o curso de “Literatura sul-rio-grandense” com a finalidade de oportunizar um espaço propício para o debate sobre literatura relacionado, em um primeiro momento, com as pesquisas desenvolvidas pelas professoras ministrantes, fazendo assim, um elo entre ensino, pesquisa e extensão. Ao final do curso, os alunos solicitaram o oferecimento de novas atividades direcionadas à área de Letras. Esse curso teve o papel de incentivador para que ocorressem outras edições no âmbito da Literatura.

Em 2011, ocorreu a reoferta do curso de “Literatura Sul-rio-grandense”, nesse momento acrescido do vocábulo “Contemporânea”, dado o enfoque em obras de autores contemporâneos da literatura gaúcha. Essa temática foi estimulada pelo vínculo com projetos e linhas de pesquisas do Programa de Pós-Graduação do ILA. Nessa edição, o curso foi dividido por módulos que abarcavam dois escritores sulinos cada para leituras analíticas de algumas de suas obras.

Conforme afirma Marisa Lajolo (2002, p. 5) em *Descobrir a Literatura*, a literatura traz todo um encantamento do mundo imaginário relacionando-se com o mundo real em que vivemos, assim a:

literatura é algo vivo, que faz parte da vida da gente. Você consegue imaginar um mundo sem histórias contadas, sem poemas, sem canções, sem contos, sem filmes? Pois tudo isso é literatura. Ela abre portas, cutuca, alimenta e nos permite ‘dar asas à imaginação’.

Dessa forma, estimular a leitura literária é investir em uma formação humana mais ampla, o que referenda as atividades dos cursos de literatura para a comunidade em geral.

A coordenadora do curso (em todas as edições) foi a professora doutora Mairim Linck Piva e as professoras responsáveis por ministrar a edição de 2011 foram a mestre Sylvia Ayres Cirne, a especialista Cibele H. C. da Costa e a graduada Fernanda M. Johannsen. O curso serviu como incentivo às ministrantes para continuarem seus estudos na área de pós-graduação, bem como estabeleceu-se um núcleo permanente para projetos extensionistas.

Quanto às questões temáticas, o referido projeto tratou acerca da literatura sul-rio-grandense, com foco em alguns temas específicos presentes em significativas obras dessa literatura. Assim no módulo I do curso foram estudados os escritores Fabrício Carpinejar e Tabajara Ruas; no módulo II, observou-se as obras de Italo Ogliari e Caio Fernando Abreu e, por fim, no módulo III, os autores destacados foram Lya Luft e Luiz Antonio de Assis Brasil. Ao final do curso os alunos foram contemplados com registros multimídia, que incluíam o material utilizado ao longo das aulas,

configurando-se numa produção de material das professoras ministrantes e, ao mesmo tempo, atendendo uma demanda proposta pelos alunos do curso.

Foi possível perceber o grande alcance de público desse tipo de ação extensionista ao termos registrado, além do elevado número de interessados, a participação de alunos de diferentes áreas do conhecimento e níveis de formação, por exemplo, dos cursos de Artes Visuais, Direito, Biologia, Física, Biblioteconomia, Pedagogia, História, Jornalismo, Psicologia, alunos de graduações, programas de mestrado e doutorado da FURG e demais instituições universitárias gaúchas, bem como funcionários universitários e docentes de outras instituições.

Os debates literários desenvolvidos ao longo dos encontros auxiliaram na aproximação entre leitores e obras literárias, pois se considera que o “primeiro passo para a formação do hábito da leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele”, (AGUIAR e BORDINI, 1993, p.18). Dessa forma, ao participarem ativamente das discussões literárias propostas, enfocando tanto elementos estéticos como temáticos, os participantes se apropriam do universo significado pelas obras, preenchendo suas indeterminações e lacunas em seus horizontes de expectativas.

Além disso, para refletir sobre o papel da literatura, relacionado ao contexto extensionista, consideramos que:

na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (Cosson 2009, p. 17).

Considerando a recepção no retorno da oferta do curso, optou-se por nova edição no segundo semestre de 2012, assim efetivando a terceira oferta do curso “Literatura sul-rio-grandense contemporânea”. Mantivemos a proposta e os objetivos iniciais de ampliar o conhecimento referente à literatura produzida pelos escritores do Rio Grande do Sul na contemporaneidade. Além de destacar nomes de relevância na produção literária sulina, atentamos para a discussão em torno das especificidades das estruturas dos textos líricos, narrativos e dramáticos escolhidos. Ao final do semestre, percebemos o despertar de novos olhares acerca dessa produção literária que, de forma efetiva, serviu como incremento para as relações de ensino-aprendizagem e fomentou novas pesquisas na área de estudos literários.

A participação nos cursos ainda tem como resultado o aprimoramento da condição de docentes em constante formação das ministrantes, na medida em que, com a prática, há também uma maior aproximação com as próprias pesquisas em desenvolvimento. Um exemplo é o fato de a maior parte das ministrantes fazer parte também dos grupos de pesquisa “Crítica e Imaginário na literatura sul-rio-grandense” e “Imaginário e intimismo: múltiplas representações literárias”, fato que demonstra uma importante integração entre ensino e pesquisa.

A visibilidade alcançada pelo curso na universidade fez com que outros docentes se agregassem ao grupo de ministrantes, o que enriqueceu, ainda mais, as discussões tanto no grupo de docentes quanto na sala de aula.

Ainda acerca da edição de 2012, destacamos a integração significativa feita com o ensino básico, visto que na aula inaugural com o cineasta Henrique de Freitas Lima, responsável pela produção cinematográfica da obra *Contos Gauchescos*, uma professora da rede básica (aluna no curso de extensão) levou seus alunos do 8º ano para assistirem a fala do cineasta. Com essa ação, cujos resultados extrapolaram as ações iniciais planejadas, pudemos observar o quanto pode ser produtiva a interação entre a universidade e o ensino básico em se tratando de leitura e cultura em geral.

No ano de 2013, mantivemos a oferta no segundo semestre letivo e também a linha temática, sempre com variação nos autores e obras trabalhadas, buscando novas perspectivas sobre essa literatura. Ao final do curso desse ano, optamos por uma ampliação na temática, visto já se ter desenvolvido quatro edições do curso com foco na literatura sulina.

Pensando o quão significativo é o leitor se aproximar do seu objeto de leitura, optamos por trabalhar com diferentes suportes em que a leitura está presente, considerando que as faixas mais jovens da população interagem de forma mais dinâmica em meios digitais, com suportes de leitura de textos clássicos também veiculados de forma diferenciada, como adaptações e HQs. Afinal, a leitura:

não está no fim do caminho, mas ocupando o lugar da escrita, responsabiliza-se pelo meio – educando pela “pedra”, como queria outro poeta, João Cabral de Melo Neto – e pelo interior do trajeto. A leitura intromete-se nos discursos da oralidade, recupera a vitalidade da escrita e concretiza o propósito da linguagem verbal e das demais linguagens, ao absorver e confirmar a informação. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2006, p.21).

A partir da proposta de mudança temática, optamos por ofertar o curso intitulado “Literatura: leituras e ensino”, no primeiro semestre de 2014. O curso estruturou-se nos seguintes módulos: “Formação de leitores”, “Gêneros textuais” e “Literatura e outras linguagens”. Um dos objetivos da mudança era buscar maior ligação com as práticas docentes, tentando auxiliar os alunos do curso em suas reflexões pedagógicas, bem como ampliar os olhares de nós, docentes do curso, visto que aprendemos, justamente, nessa troca de saberes que o curso de extensão possibilita.

No módulo inicial, tratamos da formação de leitores, com diferentes enfoques sob a prática da leitura, dadas as percepções históricas e as questões atuais acerca da leitura digital. No módulo II, com os gêneros textuais, ampliou-se o *corpus* com o intuito de que os alunos tivessem contato com o maior número possível de gêneros. No terceiro módulo, trabalhou-se com “literatura e outras linguagens”, com um viés interdisciplinar, estabelecendo relações entre literatura e outras áreas do conhecimento, bem como com diferentes meios de expressão (como as HQs, o cinema e a música, por exemplo).

Destaca-se que os docentes dos cursos têm obtido resultados significativos no âmbito acadêmico, com ingresso em programas de mestrado e doutorado na área de Literatura. Muitos dos participantes dos cursos também vêm obtendo êxito nessas seleções e relatam, por vezes, que procuram os cursos para aprofundar e ampliar seus conhecimentos na área de Literatura com vista a aprimoramentos futuros.

Ainda do ano de 2014, houve a oferta de mais um curso na área extensionista, “O imaginário nos contos de fada”, ministrado pelas mestrandas Simone Guardalupe e Ana Luisa Cosme e pelo graduando Marco Antonio Muller Filho. O curso se consistiu em um espaço educativo que possibilitasse uma revitalização sobre o gênero conto de fadas e buscou promover sua relevância no ensino para jovens. Para tal, foram enfocados vários contos tradicionais e suas diversas versões e adaptações, procurando tanto analisar seus meandros literários, quanto desvelar suas peculiaridades e valores sociais suscitados por meio de suas imagens simbólicas.

O curso tomou como base, também, o trabalho do grupo de pesquisa “Crítica e imaginário na literatura sul-rio-grandense”, no que tange ao referencial teórico utilizado, qual seja, as teorias do Imaginário na linha de Gilbert Durand e Gaston Bachelard. Ao término desse curso, uma nova atividade proposta atingiu resultados além dos esperados. Foi solicitada aos participantes a escritura de contos de fadas inspirados nos modelos estudados, podendo haver atualizações tempo-espaciais. Assim, a resposta a essa proposta foi bastante positiva, tendo-se um número significativo de contos entregues, cogitando-se a possibilidade da organização de uma publicação específica para esse material. Além disso, diversos estudantes de graduação procuraram focar suas pesquisas tanto na área do Imaginário quanto na área de literatura infantil e juvenil, vindo a procurar se integrar nos grupos de pesquisa dessas áreas no Instituto de Letras e Artes da FURG. De forma geral, além do contato direto entre os sujeitos envolvidos no trabalho, estabeleceram-se novos diálogos, como os meios *on-line* (correspondência eletrônica, páginas em redes sociais) e propostas avaliativas dos cursos⁴ feitas pelos participantes.

Dessa forma, é possível perceber a boa recepção dos cursos em que se propõe a discussão acerca da literatura, com grupos na maioria das vezes heterogêneos. As diversas formas de diálogo exercem papel essencial, tanto para se avaliar a efetividade do alcance dos objetivos das atividades extensionistas propostas, como para auxiliar no planejamento de futuros cursos. A partir das novas propostas temáticas

implementadas no ano de 2014, pôde-se perceber um aumento da demanda e do interesse dos participantes (com uma evasão menor do que nas edições anteriores).

Em 2015, destacamos a reoferta dos cursos “Literatura: leituras e ensino” e “O imaginário nos contos de fada”, com um número bastante expressivo de alunos matriculados.

Além disso, relatamos a criação de um novo curso, “Conto sul-rio-grandense contemporâneo”, o qual tem como foco o gênero literário conto e também leva em consideração a produção contista produzida da década de 1970 em diante no Rio Grande do Sul. Foram escolhidos contos dos escritores Daniel Galera, Moacyr Scliar, Michel Laub, Aldyr Garcia Schlee, Caio Fernando Abreu, Cíntia Moscovich e João Gilberto Noll. Para traçar um panorama referente ao estudo do gênero enfocado destacou-se alguns pontos, como sua evolução histórica, a relação com a temática regionalista, as obras de transição temática e a atualização do quadro literário gaúcho a partir dos anos 60, bem como um trabalho sobre as figuras e temas mais destacados. Nos encontros, o diálogo entre literatura e cinema, com abordagem de contos adaptados em curtas gaúchos, tem estimulado os alunos por intermédio de um viés comparatista.

Conclusões

Com o exposto, vislumbra-se avançar cada vez mais oferecendo atividades de extensão com variadas temáticas, sempre mantendo o foco no estímulo à leitura literária, além de promover um processo continuado de formação de mediadores de leitura, destacando a importância da leitura para a sociedade. Sabe-se que para que um mediador de leitura possa atuar, em especial um docente, deve-se levar em consideração que, no âmbito escolar, os formadores necessitam de diversos elementos, como salientam Aguiar e Bordini:

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura da obra literária, deve cumprir certos requisitos como: dispor de uma biblioteca bem aparelhada, na área de literatura, com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor. (AGUIAR e BORDINI, 1993, p. 17)

Portanto, está-se cômico de que diversos outros fatores de ordem econômica e social devem ser considerados, no entanto, a proposta de cursos abertos à comunidade que promovam o trabalho com textos literários tem-se mostrado também um caminho a ser trilhado. As atividades extensionistas desenvolvidas nos cursos enfocados revelam o quanto o trabalho com a leitura literária é válido e essencial na contemporaneidade. Considerando-se que a:

permanência do gesto básico da leitura faculta a um leitor do presente aproximar-se de um leitor do passado, por mais distintas sejam ou tenham sido suas respectivas práticas de ler, e também permite imaginarmos o comportamento do leitor do futuro. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2006, p.30),

Assim a leitura literária continuará sendo um dos fatores decisivos para manutenção da “humanização”, que, como salienta Candido, é o processo que:

confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2004, p.180).

Nesse sentido, esperamos que, com as práticas extensionistas na área de literatura junto à comunidade, possamos contribuir para um desenvolvimento mais integral dos seres humanos, ampliando sua atuação no mundo e aumentando sua percepção dos elementos que nos unem em uma sociedade mais humanizada pela leitura e pela aceitação da multiplicidade social e individual.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *Conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: ed. Univ. UFRGS, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/ Ouro sobre Azul, 2004.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 1ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- CHARTIER, Roger (orgs.). *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos*. São Paulo: Ática, 2009.
- LAJOLO, Marisa. *Descobrimo a literatura*. São Paulo: Ática, 2002.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

⁴ No âmbito da Universidade Federal de Viçosa, a AJUP constitui um projeto de extensão vinculado ao Observatório dos Movimentos Sociais. Atualmente, o projeto conta com financiamento de uma bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária da UFV (PIBEX).



Uso de cupins (Isoptera: Insecta) como ferramenta no ensino de Ciências e Educação Ambiental

Lírio Cosme Junior¹, Luís Paulo Sant'ana², Conceição Aparecida dos Santos³

Resumo: A percepção e interpretação das pessoas sobre alguns animais são oriundas de uma série de fatores históricos, culturais e sociais. No que se refere aos insetos, infelizmente, a maioria das pessoas associam tais organismos apenas a situações negativas. No entanto, sabemos da imensa importância desse grupo, no caso dos cupins, estes são organismos detritívoros da fauna de ecossistemas tropicais e desempenham um papel fundamental na ciclagem de nutrientes e na formação do solo. O objetivo deste trabalho foi aumentar o interesse de crianças do ensino fundamental pela ciência e educação ambiental, a partir do uso de cupins. O trabalho foi realizado com cerca de 400 alunos que entraram em contato direto com os insetos. Enquanto as crianças os visualizavam, foram discutidos temas que apontavam a importância dos cupins. No final das apresentações, solicitamos aos alunos que relatassem sobre os pontos que foram abordados e, por meio destes relatos, foi possível observar uma inversão das opiniões prévias, uma vez que eles citaram aspectos positivos relacionados aos cupins. Por fim, tivemos a oportunidade de conhecer a realidade das escolas visitadas e, ainda, de constatar como podemos diversificar nossas metodologias em sala de aula.

Palavras-chave: Modelos didáticos. Ensino fundamental. Crianças. Adolescentes.

Área Temática: Educação e meio ambiente.

Use of termites Isoptera (Insecta) as a tool in teaching science and environmental education

Abstract: The perception and interpretation of people on some animals come from a series of historical, cultural and social factors. With regard to insects, unfortunately, most people associate them only with negative situations. However, we know the immense importance of this group and in the case of termites, these are detritivores organisms related to the fauna of tropical ecosystems and play a key role in nutrient cycling and soil formation. The objective of this study was to increase the interest of elementary school children in science and environmental education, from the use of termites. The study was conducted with 400 students who came into direct contact with the insects, While children visualized, they were discussed themes which showed the importance of termites. At the end of the presentations, we ask students to report on the points that were addressed, and through these reports we observed a reversal of previous opinions, since they cited positive aspects related to termites. Finally, we had the opportunity to know the reality of the schools visited, and also to see how we can diversify our methodologies in the classroom.

Keywords: Didactic models. Elementary school. Children. Teenagers.

Thematic area: Environment and Education.

¹ Discente do Curso de Entomologia, nível de Doutorado UFV. E-mail: liriomago@yahoo.com.br

² Discente do Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal da UFVJM. E-mail: luiscarbonita@yahoo.com.br

³ Doutora em Biologia Celular e Molecular pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Docente da UFVJM e Coordenadora do Projeto. Departamento de Ciências Biológicas. Laboratório de Histologia. Rua da Glória, 187/Bairro centro/ CEP: 39100000 - Diamantina/ MG. Telefone: (38) 88113218. Email: conceicaoufvjm@gmail.com

El uso de las termitas (Isoptera: insectores) como una herramienta en la enseñanza de la Ciencia y la Educación Ambiental

Resumen: La percepción y la interpretación de la gente en algunos animales provienen de una serie de factores históricos, culturales y sociales. Con respecto a los insectos, por desgracia, la mayoría de las personas les asocian únicamente con situaciones negativas. Sin embargo, sabemos que la inmensa importancia de este grupo y en el caso de las termitas, estos son detritívoros organismos relacionados con la fauna de los ecosistemas tropicales y juegan un papel clave en el ciclo de nutrientes y la formación del suelo. El objetivo de este estudio era aumentar el interés de los niños de primaria en la ciencia y la educación ambiental, a partir de la utilización de las termitas. El estudio se realizó con 400 estudiantes que estuvieron en contacto directo con los insectos. Mientras que los niños visualizados, se discutieron temas que mostraron la importancia de las termitas. Al final de las presentaciones, pedimos a los estudiantes que informe sobre los puntos que se abordaron, ya través de estos informes se observó una reversión de las opiniones anteriores, ya que citaron aspectos positivos relacionados con las termitas. Por último, hemos tenido la oportunidad de conocer la realidad de las escuelas visitadas, y también para ver cómo podemos diversificar nuestras metodologías en el aula.

Palabras clave: Modelos didácticos. Escuela primaria. Niños. Adolescentes.

Área temática: Medio Ambiente y Educación.

Introdução

Os insetos em geral constituem o grupo animal com maior número de espécies da face da Terra (GULLAN; CRANSTON, 2014) e acredita-se que o número absoluto seja superior a cinco milhões de espécies (BARBIERI, 2010). Eles desempenham importante papel ecológico, pois atuam como herbívoros, decompositores, predadores e parasitóides. Além disso, ocupam lugar de destaque na vida socioeconômica da maioria das sociedades humanas (COSTA-NETO, 1998; PEMBERTON, 1999). A influência cultural dos insetos pode ser sentida na literatura, língua, música, artes, história representativa, religião e recreação de diferentes sociedades, tanto passadas quanto contemporâneas (LENKO E PAPAVERO, 1996; COSTA-NETO, 2000a).

Se considerarmos a definição acadêmica, os insetos são animais do filo Arthropoda que apresentam corpo segmentado em cabeça, tórax e abdômen e três pares de pernas (CAJAIBA, 2013). Diferentemente do conceito acadêmico, o senso comum julga os insetos como organismos nojentos, perigosos, repugnantes e inúteis. Em diferentes contextos sócio-culturais, o termo “inseto” é empregado como uma categoria taxonômica ampla que reúne animais não sistematicamente relacionados, além dos próprios insetos da categoria lineana (COSTA-NETO, 2000b).

A construção do domínio etnozoológico “Inseto” foi explicada por meioatravés da hipótese da ambivalência entomoprojetiva, segundo a qual os seres humanos tendem a projetar sentimentos de nocividade, periculosidade, repugnância, medo e menosprezo aos animais associados com o grupo “Inseto” determinado culturalmente (COSTA-NETO, 2000b).

Em geral, as atitudes dos indivíduos com relação aos animais podem ser influenciadas por muitos fatores, tais como: abundância do animal; sensação tátil; sensação visual; crença na espiritualidade; ideia de sujeira ou limpeza; associação do animal a doenças; crença na fragilidade ou resistência do animal; benefícios ou prejuízos que o animal possa trazer; desconforto que o animal possa gerar; aparência; e conhecimento ou desconhecimento sobre o animal (MORALES et al., 1997).

Hoyt e Schultz (2002) salientam que os seres humanos ao se tornarem progressivamente estranhos ao mundo natural, perderam a habilidade de distinguir um inseto do outro; como resultado, as atitudes negativas foram generalizadas para quase todos os insetos. Tal fato é aproveitado pelas indústrias produtoras de praguicidas,

que lançam suas campanhas no sentido de combater esses organismos indiscriminadamente e cada vez em maior número (RAMOS-ELORDUY, 1994).

A “cultura do inseticida” é refletida em artigos de revistas e em várias outras formas de cultura popular. A própria indústria cinematográfica corrobora essa atitude, pois os filmes raramente projetam imagens positivas dos artrópodes. Ao contrário, eles exploram imagens sinistras de perigo ou morte, imagens chocantes que provocam medo e pavor e também imagens caricaturais (antropomorfizadas) para ridicularização (MERTINS, 1986).

Investigadores ligados à área da biologia da conservação chegaram à conclusão de que os fatores emocionais são essenciais em qualquer ação conservacionista bem-sucedida. Mudando-se a emoção, a maneira pela qual os objetos (nesse caso, os invertebrados) são percebidos é transformada (COSTA-NETO, 2004). Segundo Maturana (2001), “a transição de um domínio de ação para outro é sempre emocional”. Sabe-se que, na maior parte das vezes, o medo quase psicótico de insetos e outros animais está aliado de uma total falta de informação sobre o animal em questão (SMITH, 1934).

De maneira geral, os indivíduos só conhecem esses animais por lhes causarem doenças e outros problemas. Assim, um processo de aprendizagem baseado em estímulos sensoriais adequados poderia levar a mudanças de atitudes dos indivíduos com relação aos insetos, tornando-os mais toleráveis ao convívio com esses organismos (COSTA-NETO; PACHECO 2004).

Os Cupins são insetos da ordem Isoptera, contendo cerca de 3000 espécies descritas no mundo (CONSTANTINO, 2015). Esses insetos apresentam um sistema social singular com diferentes formas morfológicas ou castas (KRISHNA; WEESNER, 1969). Os cupins apresentam uma organização social bem interessante, não oferecem risco à saúde e são coletados em grande número, portanto, foram utilizados como modelo nas apresentações para crianças do ensino fundamental.

Este trabalho de extensão foi baseado na ideia de propor um ensino de ciências que não apenas responda às questões dos alunos, mas que também introduza uma postura relativa ao universo científico (CHASSOT, 2000). Sendo assim, o principal objetivo deste projeto foi auxiliar na construção de uma nova visão dos alunos do Ensino Fundamental da cidade de Diamantina em relação aos insetos, utilizando os cupins como grupo modelo.

Seleção das escolas e preparo do material

Este trabalho foi realizado durante o período de 2009 a 2013, foram selecionadas escolas de Ensino Fundamental de Diamantina que tivessem interesse em receber o projeto. Para a realização das apresentações, os ninhos foram quebrados em pedaços com ajuda de uma picareta de jardinagem e, em seguida, armazenados em baldes comuns cobertos por sacos plásticos escuros para que não saíssem e fossem incomodados pela luz. É importante mencionar que em todas as atividades foram utilizados ninhos de cupins da subfamília Nasutitermitinae dos gêneros *Cornitermes* ou *Nasutitermes* (Fig 1). Os ninhos foram coletados com, pelo menos, um dia de antecedência pela coordenadora do projeto, utilizando-se uma licença permanente para coleta de material zoológico concedida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Durante todo o tempo em que os fragmentos estavam no laboratório, esses eram borrifados com água para evitar a morte dos indivíduos.

Os pedaços de ninhos foram distribuídos em bandejas brancas para grupos de até quatro alunos, sendo que o número de bandejas e grupos variou conforme o tamanho das turmas. Essas bandejas com os insetos foram cuidadosamente verificadas antes da apresentação para que não ocorresse a presença de aranhas ou escorpiões que, às vezes, podem ser encontrados nos ninhos. (Fig 2).



Figura 1 - Quebra dos pedaços de um ninho de *Cornitermes* sp.



Figura 2 - Montagem da oficina para ser apresentada aos grupos de alunos de uma escola de Diamantina.

Realização da oficina

A oficina foi composta de uma apresentação inicial, em que tivemos a oportunidade de conhecer os alunos e suas opiniões a respeito dos cupins. Após essa introdução, os alunos foram colocados em contato direto com os insetos. No decorrer da exposição prática, representantes de cada casta (ninfa, operário, soldado e uma rainha conservada em álcool 80%) foram distribuídos em pequenos tubos para uma explicação mais detalhada. Cada grupo de alunos recebeu tiras de papel e pinças para que as crianças pudessem manipular os cupins na bandeja.

Enquanto os estudantes interagem com os cupins, foram discutidos temas sobre a importância desses insetos no meio ambiente, como recicladores, aeradores do solo e outros aspectos relevantes da biologia dos cupins como: divisão de castas, organização e comunicação. Ao mesmo tempo, os alunos expunham suas dúvidas e experiências com os cupins. Posteriormente, foi solicitado aos alunos que relatassem por meio de desenhos ou textos o que haviam aprendido em relação aos cupins. (Fig 3)



Figura 3 - Alunos interagindo com o material e refletindo sobre a atividade por meio de textos e desenhos.

Discutindo os resultados

No início da atividade observamos que a maioria dos alunos relacionava os cupins a pragas urbanas que degradam mobílias, paredes e telhados. Tais ideias foram suportadas por relatos pessoais de alguns estudantes que chegaram a perguntar como era o combate dos cupins ao compartilharem casos de infestação em suas casas ou lugares que frequentavam. Essa atribuição de um caráter de praga aos insetos pelas pessoas é também encontrada em alguns outros trabalhos como o de COSTA-NETO & PACHECO, 2004 e ULYSSÉA et al. 2010.

No que diz respeito aos impactos da oficina, durante a interação com os cupins os alunos mostraram considerável interesse pela atividade e muitos, que inicialmente estavam com repulsa desses insetos, ao final da oficina, já os colocavam na mão. Além disso, podemos observar por meio dos relatos finais uma inversão das opiniões relacionadas aos organismos estudados, uma vez que citaram a importância dos cupins para os ecossistemas bem como assinalaram representativamente à divisão de castas, que é algo marcante nas colônias de Isoptera. O trabalho de Cajaiba e Silva (2015) também pauta mudanças de pontos de vistas negativos ligados aos insetos ao utilizar estes organismos como ferramentas no ensino de Ciências e Educação ambiental. Portanto, acreditamos ter dado o primeiro passo para a redução do medo desses insetos por parte dos alunos participantes do projeto. Em outras palavras, a realização deste trabalho contribuiu para desmistificar a ideia de que os insetos são apenas seres associados a prejuízos e que nos atacam. E, por isso, espera-se que a receptividade apresentada pelos alunos a esses organismos contribuirá para que, no futuro, a preservação não seja apenas de espécies “carismáticas”; mas também das espécies de animais invertebrados, que, igualmente às demais, apresentam papéis fundamentais na manutenção dos ecossistemas. Por fim, tivemos a oportunidade de conhecer a realidade das escolas visitadas, dos alunos e, ainda, de como podemos diversificar nossas metodologias em sala de aula por meio de um ensino mais contextualizado e prático, o que certamente é visto como fator enriquecedor, principalmente se considerarmos o fato de que a equipe extensionista era proveniente de um curso de licenciatura.

Agradecimentos

Os autores agradecem aos alunos do Curso de Ciências Biológicas da UFVJM que atuaram como discentes extensionistas de forma voluntária, às Escolas públicas de Diamantina pela parceria e aos técnicos dos Laboratórios de citologia e histologia da UFVJM por contribuírem no desenvolvimento de todas as atividades. As atividades desenvolvidas receberam apoio financeiro da Pró-reitoria de Extensão (Proexc) da UFVJM.

Referências bibliográficas

- BARBIERI, E. *Biodiversidade: A Variedade de Vida no Planeta Terra*. São Paulo, 2010.
- CAJAIBA, R.L. *Utilização de uma Metodologia Estocástico-Dinâmica para simular a resposta de Coleoptera cavernícolas a gradientes ambientais e de perturbação antropogênica*. 2013.128p. Dissertação (Mestrado em Engenharia do Ambiente) Uta, Portugal, 2013.
- CAJAIBA, R.L.; SILVA, W.B. Percepção dos alunos do ensino fundamental sobre os insetos antes e após aulas práticas: um estudo de caso no município de Uruará-Pará, Brasil. *Bananeiras-PB: Revista Lugares de Educação*, v. 5, n. 11, p. 118-132 2015.
- CHASSOT, Attico Inácio. Alfabetização científica: novas alternativas para novas exigências. *Educação em Foco*. Juiz de Fora: Editora UFJF, mar/set.v.5, n.1, p. 29-42, 2000.
- CONSTANTINO, R. *Cupins do Cerrado*. 1 ed. Rio de Janeiro: Technical Books Editora. 2015. 167p.
- COSTA NETO, E. M. O significado do Ortóptera (Arthropoda, Insecta) no Estado de Alagoas. *Sitentibus*, v.18, p. 9-17, 1998.
- COSTA NETO, E. M. The significance of the category 'insect' for folk biological classification systems. *Journal of Ecological Anthropology*, v.4, p 70-75. 2000a.
- COSTA NETO, E. M. *Introdução à etnoentomologia: considerações metodológicas e estudo de casos*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2000b. 131p.
- COSTA-NETO EM, PACHECO JM: A construção do domínio etnozoológico "inseto" pelos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia. *Acta Scientiarum Biological Sciences*, 26:81-90, 2004.
- GULLAN, P. J.; CRANSTON, R. S. *The insects: an outline of entomology*. 5 ed. Oxford, UK: Blackwell Science, 2014. 624p.
- HOYT, E.; SCHULTZ, T. *Insect lives: stories of mystery and romance from a hidden world*. Harvard University Press, 2002. 368p.
- KRISHNA, K.; WEESNER, F.M. *Biology of termites*. New York: Academic Press. (Eds). v.1, 1969. 1241p.
- LENKO, K. & PAPAVERO, N. *Insetos no folclore*. 2. ed. São Paulo: Plêiade, 1996. 468p.
- MATURANA, R. H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. 203p.
- MERTINS, J. W. Arthropods on the screen. *Bull. Ent. Soc. Am.*, Palo Alto, v.32, p. 85-90, 1986.
- MORALES, A. G. et al. Estudo comparativo das atitudes de estudantes de Assis, SP, frente aos animais invertebrados. In: *Resumos da IV Jornada de Educação*, Assis: Unesp, p. 2, 1997.
- PEMBERTON, R.W. Insects and other arthropods used as drugs in Korean traditional medicine. *J. Ethnopharmacol.*, v.65, p.207-216, 1999.
- RAMOS-ELORDUY, J. ¿Usted ya probó los insectos comestibles? *UNAM Hoy*, Cidade do México, v.3, n.12, p.61-66, 1994.
- SMITH, R. C. Hallucinations of insect infestation causing annoyance to man. *Bull. Brooklyn Ent. Soc.*, Brooklyn, v.29, p.208-210, 1934.
- ULYSSEÁ, M.A.; HANAZAKI, N. & LOPES, B.C. Percepção e uso dos insetos pelos moradores da comunidade do Ribeirão da Ilha, Santa Catarina, Brasil. *Biotemas*, 23, 3, 191-202, 2010.